

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCar  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS – CECH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA – PPGS**

**QUANDO O AMOR É TRAVESTI**  
CASAMENTO, AMOR E AFETO PARA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE

**LUIZ HENRIQUE MIGUEL**

**São Carlos – 2022**

**LUIZ HENRIQUE MIGUEL**

**QUANDO O AMOR É TRAVESTI**  
**CASAMENTO, AMOR E AFETO PARA ALÉM DA HETERONORMATIVIDADE**

Texto para defesa de doutorado  
apresentado ao Programa de  
Pós-graduação em Sociologia –  
UFSCar como requisito para  
obtenção do título de doutor em  
sociologia.

**São Carlos – 2022**



# UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Sociologia

---

## Folha de Aprovação

---

Defesa de Tese de Doutorado do candidato Luiz Henrique Miguel, realizada em 29/07/2022.

### Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Jorge Leite Junior (UFSCar)

Profa. Dra. Juliana do Prado (UEMS)

Prof. Dr. Tiago Duque (UFMS)

Profa. Dra. Maria da Gloria Bonelli (UFSCar)

Profa. Dra. Svetlana Ruseishvili (UFSCar)

## AGRADECIMENTO

A conclusão de um trabalho acadêmico sempre é resultado de um trabalho em conjunto. Seja na escrita, nas discussões, nos apoios psicológicos ou nos momentos de crise. Aprendi isso com os anos de graduação, mestrado e, principalmente, nos anos que desenvolvi este doutorado.

Primeiramente gostaria de agradecer a todas as interlocutoras que fizeram esta pesquisa possível. Além da pesquisa, elas são grandes amigas, companheiras e parceiras de jornada. Prefiro trocar os nomes de todas, mesmo com repetidas solicitações para que fossem mantidos. Sei que estes agradecimentos vão chegar até vocês e espero que tenha conseguido fazer um trabalho respeitoso e comprometido com nossas horas e horas de conversas e trocas. Além das interlocutoras desta pesquisa, gostaria de agradecer e dedicar este trabalho a todas as travestis e mulheres transexuais que tive o prazer de conhecer e dividir o convívio, mesmo que por pouco tempo, muitas das quais não estão mais neste plano. Em especial Ágatha Lima, mulher transexual que tinha uma grande importância no movimento militante nacional. Ágatha foi a responsável por me inserir no movimento organizado LGBTQIAP+ do estado de São Paulo, além de me legitimar enquanto pesquisador em diversos momentos de minha pesquisa. Sem a amizade e presença dela não teria conquistado o que conquistei, trilhado o caminho que trilhei e construído as relações que construí. Que este agradecimento te encontre, onde quer que você esteja

brilhando.

Agradeço ao meu orientador, Jorge Leite Júnior, que me acompanha toda minha trajetória, por vezes conturbada, dos primórdios da graduação até a conclusão deste trabalho de doutorado. A paciência, as conversas em congressos, os audios de whatsapp e tudo mais. Obrigado por tudo.

Agradeço aos meus colegas do Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Gênero e Sexualidade. A todos os meus colegas de academia, que foram peça chave no incentivo e construção de toda a pesquisa que se desenrola abaixo.

Felipe, Rodrigo, Kat, Nádia, Lara e Bino, agradeço pelas conversas, pelos gritos de desespero em conjunto, pelos empurrões e por estarem a tanto tempo e tantos anos compartilhando presença e experiência, mesmo que de forma distante. Vocês são agressivamente fundamentais.

Agradeço meu pai, minha mãe e minha irmã, que esperavam ansiosamente pela conclusão deste trabalho. Oferecendo um ombro pra chorar ou um abraço para confortar cada vez que eu perdia minhas esperanças.

Agradeço ao Bruno, por estar ao meu lado, me incentivar e não me deixar desistir. Sua determinação me inspira, seu apoio e carinho me confortam. Suas aulas de cerâmica foram ótimas para manter a sanidade mental em meio ao caos. Obrigado por tudo.

Fabício, Mayla, Juliana, Sté, Rogério, Heloisa, Pipo e tantos outros colegas que acompanharam este processo e sei que estarão ao meu lado para acompanhar os próximos. Jogando na minha cara palavras de conforto como “você sempre falar que não vai conseguir e consegue! Para de drama!”. Sigam assim, obrigado por tudo!

Agradeço a todos os companheiros e companheiras de trabalho na Santa Marcelina Cultura. Santiago, Lidiana, Thais, Lucila, Jean, Narayani, Giuliana, Adriana, Fernanda, Mayara,

Raquel, Elisa e Fabiana. Que este trabalho honre as horas e horas que passei reclamando e chorando as pitangas com vocês.

E, por fim, Carol e Diego, se este trabalho saiu, se não desisti na reta final em meio a crises e mais crises de ansiedade e medo, foi por responsabilidade de vocês. Esta tese é fruto e sucesso de vocês. Se consegui, só consegui pois até o final vocês estavam ao meu lado, me incentivando e mostrando que era possível. Não tenho palavras para agradecer e expressão o que representam para mim.

Impossível nominar e agradecer a todos e todas que fizeram parte desta trajetória. O que segue-se nas páginas é o resultado de muitos anos de compartilhamento, experiências, trocas e afetos. Jamais conseguiria produzir algo que honra-se com tudo o que vivi, mas espero que sintam o meu afeto, carinho e agradecimento.

## RESUMO

O objetivo geral desta tese é analisar como as relações amorosas e o agenciamento do amor são feitas observando o percurso de vida de 3 travestis paulistanas. Para tanto, utilizou-se uma metodologia qualitativa baseada na técnica história de vida e profunda pesquisa de campo. Pesquisar algo tão subjetivo como amor rendeu horas de participação junto às três interlocutoras em entrevistas semiestruturadas que ajudaram a atingir o objetivo central. Como parte da análise, percebe-se que as categorias de amor romântico afetam todas as pessoas, flertando com os ideais de relacionamentos heteronormativos, entretanto para as travestis pesquisadas, essa categoria toma formatos particulares. O amor romântico passa necessariamente pelo reconhecimento e leva esses sujeitos a colocarem na balança uma série de agenciamentos, inclusive o próprio corpo e formação do corpo desejado. Como considerações finais foi possível perceber que o amor toma diferentes formatos, seja como objetivo de vida ou como rechaço deste objetivo, de qualquer forma ele é parte importante da construção do que é ou não sucesso para essas travestis. O reconhecimento público é a concretização do amor romântico para aquelas que almejam esse objetivo, as demonstrações públicas de afeto com homem que se ama é um dos pilares centrais que entra na conta na hora de conquistar o parceiro ideal.

**Palavras-chave:** Travestis. Amor. Afeto. Gênero. Heteronormatividade. Relacionamentos.

## **ABSTRACT**

The general objective of this thesis is to analyze how love relationships and the agency of love are made by observing the life course of 3 transvestites from São Paulo. For this purpose, a qualitative methodology based on the life history technique and in-depth field research was used. Searching for something as subjective as love yielded hours of participation with the three interlocutors in semi-structured interviews that helped to achieve the central objective. As part of the analysis, it is noticed that the categories of romantic love affect all people, flirting with the ideals of heteronormative relationships, however for the transvestites surveyed, this category takes particular formats. Romantic love necessarily involves recognition and leads these subjects to weigh a series of agencies, including their own bodies and the formation of the desired body. As final considerations, it was possible to perceive that love takes different formats, either as a life goal or as a rejection of this goal, in any case it is an important part of the construction of what is or is not success for these transvestites. Public recognition is the realization of romantic love for those who aim for this goal, public displays of affection with a man you love is one of the central pillars that comes into the account when it comes to conquering the ideal partner.

**Keywords:** Transvestites. Love. Affection. Gender. Heteronormativity. Relationships.

Eu queria querer-te amar o amor  
Construir-nos dulcíssima prisão  
Encontrar a mais justa adequação  
Tudo métrica e rima e nunca dor  
Mas a vida é real e é de viés  
E vê só que cilada o amor me armou  
Eu te quero e não queres como sou  
Não te quero e não queres como és

(Caetano Veloso)

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>1 COSTURANDO RELAÇÕES E CONEXÕES - TEORIA, PRÁTICA E SUBJETIVIDADE</b>	15
1.1 ENTRE JANELAS FECHADAS E SOBRETUDOS ABERTOS - REVELANDO SEGREDOS	16
1.2 A CONSTRUÇÃO DA TRAMA - CENÁRIOS, OBJETOS E CIRCULAÇÕES	28
1.3 UMA MONTAGEM SOCIOLOGICA - OBJETIVOS E REFERÊNCIAS CENTRAIS	35
1.4 TRAVESTIS TAMBÉM AMAM: AS ESTRELAS DESTA PESQUISA	37
1.4.1 A Dama De Vermelho	37
1.4.2 A Jovem Apaixonada	40
1.4.3 A Garota Rebelde	42
<b>2 O AMOR DESEJADO, O AMOR REAL E O NÃO-AMAR</b>	44
2.1 AMOR COMO MARCO HISTÓRICO-SOCIAL	45
2.2 O PECADO, O AMOR E O GOZO	50
2.3 O SÉCULO XX E XXI E UM AMOR DE CONSUMO	52
2.4 UM AMOR TRANSTUPINIQUIM	57
<b>3 O VESTIDO DE PEDRARIAS: FEMINILIDADE E TRAVESTILIDADES</b>	67
3.1 NADINNE: “SEMPRE FUI TOTALMENTE TRANSGRESSORA”	67
3.2 MARCELLA: “ALGUÉM EM QUEM CONFIAR”	77
3.3 AGNES: “NÃO VOU COBRAR DO MEU NAMORADO!”	82
<b>4 OS MARIDOS - O OUTRO LADO DO AMAR</b>	90
4.1 O NAMORADO COM PRETENSÃO À MARIDO	96
4.2 O MARIDO IDEAL	99
4.3 PARA ALÉM DO MARIDO	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	105
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	109

## INTRODUÇÃO

As ciências sociais têm constantemente abordado a temática do amor, embora a mesma atenção não tenha sido dedicada às convenções e aos processos de negociação daqueles amores que operam fora do marco da heterossexualidade. Igualmente, muito pouco foi dito sobre o amor entre pessoas que fogem aos padrões de gênero estabelecidos, como é o caso das travestis e transexuais. Esta pesquisa de doutorado visa preencher parte da lacuna nas pesquisas e fomentar o debate sobre as relações afetivas desenvolvidas por esta população e suas características.

Durante minha trajetória acadêmica, o tema dos relacionamentos e afetos sempre esteve presente, perpassando campo, teoria e as mais diferentes narrativas. Em minha pesquisa de mestrado, defendida em dezembro de 2015, propus uma análise sobre os diferentes padrões de construção de corpo e subjetividade empreendidos por travestis de gerações distintas, visando analisar as características encontradas em cada geração e, também, entender o que significa ser de gerações distintas para elas. O ponto de partida era analisar esses conceitos nas diferentes gerações de travestis e entender se existia um padrão para cada uma delas.

Percebi, durante o percurso, que era possível aprofundar a relação que as minhas interlocutoras traçavam e agenciavam sobre afeto. Assim, debruicei-me no doutorado a pesquisar as gramáticas, experiências e circulações que moldam as relações afetivas e amorosas com um grupo de sujeitos que se identificam enquanto travestis na cidade de São Paulo.

Em uma nova perspectiva, passei a me desdobrar no objetivo central: analisar as experiências que moldam as relações afetivas e amorosas com sujeitos que se identificam enquanto travestis. Essa análise visa identificar como as diferentes gerações de travestis aplicam valor nas relações afetivas que constroem. Esse jogo de valoração tem como base as experiências e repertórios de vida que os sujeitos desta pesquisa possuem.

A partir deste tema central desdobram-se objetivos específicos da obra: identificar quais marcadores da diferença geram maior impacto e influenciam na construção dos

relacionamentos afetivos e na forma de amar desses sujeitos. Também compreender quais relações entre masculinidades e travestilidades estão presentes nos relacionamentos afetivo-amorosos. Por fim, visa traçar paralelo entre as noções de amor romântico e a realidade vivida pelos sujeitos que compõem o campo.

A pesquisa realizada para minha dissertação me inseriu em um círculo de amizades com algumas travestis no início de 2012. A partir do segundo semestre de 2013, intensifiquei o campo focando nas questões levantadas no mestrado. Entre seus desdobramentos, consegui perceber novos arranjos e ritos amorosos em que as travestis se engajam e como essas novas configurações podem ter se modificado com o passar dos anos.

A partir daí, pude identificar a existência de uma gramática afetiva que mobiliza uma variedade de tipos de relacionamento que algumas vezes fogem aos padrões estabelecidos de amor romântico e lidam com pressões de diversas ordens. Esse cenário é associado a constantes narrativas de solidão, permeadas por histórias de “relacionamentos que não deram certo” e que, por vezes, culminam em posturas de descrença nas relações amorosas, algo especialmente notável entre as travestis com mais idade<sup>1</sup>.

Quando falamos do tema do amor e afeto dentro das ciências sociais, temos George Simmel (1993; 2001) como um dos primeiros autores a abordar a questão como uma problemática de investigação sociológica. Para o autor, uma compreensão sobre o amor deve sempre considerar o contexto em questão. Além disso, como um elemento cultural de vinculação social, o amor deve ser percebido em três dimensões: enquanto forma de comunicação, enquanto forma de estabelecer laços e enquanto rito. Considerando a abordagem simmeliana, é possível questionar em que medida as formas que o amor atualmente assume entre as travestis está interligado ao repertório romântico tradicional e como os sentimentos e ações têm sido mobilizados a novas gramáticas para qualificar os afetos.

---

<sup>1</sup> Ressalto que a noção de geração utilizada na pesquisa de mestrado possui um sentido amplo, representando a posição e atuação do indivíduo em seu grupo de idade e/ou de socialização no tempo. Segundo a ONG Transgender Europe, devido às altas taxas de mortalidade de travestis e transexuais, a expectativa de vida dessa população acaba se tornando muito baixa, o que promove certa particularidade às diferenças geracionais. Maiores informações podem ser obtidas no relatório disponível em: <[http://www.transrespecttransphobia.org/uploads/downloads/Publications/TvT\\_research-report.pdf](http://www.transrespecttransphobia.org/uploads/downloads/Publications/TvT_research-report.pdf)>.

Já na literatura contemporânea sobre a construção dos afetos e as noções de amor romântico, os trabalhos do sociólogo estadunidense Randall Collins e da socióloga marroquina Eva Illouz se constituem como referências incontornáveis e servem como pontos de partida importantes para abordar o tema.

Collins (2004), aborda como alguns ritos são necessários para sustentar as relações afetivas, ritos que se modificam de acordo com o tempo, localidade e relações envolvidas. Collins ainda aponta que rituais oferecem o sentido de pertencimento, construindo as fronteiras entre a inclusão e a exclusão. O autor debate a função social do compartilhamento do cigarro, ressaltando o quanto as proibições e avisos médicos desconsideram o fator social de sociabilidade do tabaco transformando as campanhas em bandeiras frustradas de tentativas proibicionistas, que só sofrem mais adesão com o passar do tempo e as mudanças de entorno das sociabilidades, dessa forma, alterando os sentidos de pertencimento.

Assim, rituais como esse só mudam quando valores e moralidades associados aos sujeitos envolvidos se alteram, o que não é fácil de acontecer. Usando a reflexão suscitada por Collins, podemos observar que há todo um agenciamento da relação entre as travestis e seus parceiros, especialmente quando olhamos o círculo social próximo, família e amigos. Agenciamento este que só pode ser entendido levando em consideração o tempo, territorialidade e contexto social em que estão inseridos. Esses são pontos fundamentais que dão legitimidade ao reconhecimento social para os afetos e para os relacionamentos. Então é possível ampliar o debate e questionar: o que é colocado na balança quando as travestis fazem o agenciamento de quando vão (ou não) apostar em um mundo de relações afetivas?

Em outra direção conectada com a teoria crítica e estudos culturais, Illouz (1997; 2011), aborda que símbolos, valores e relações de classe permeiam e formatam as noções de amor romântico das sociedades euro-americanas contemporâneas. A autora analisa que relações afetivas estão diretamente relacionadas ao capitalismo e à indústria de massa. Esses pontos são fundamentais para compreender a relação entre afetos e o romance, produzindo e reproduzindo discursos que moldam o que é considerado amor e como podemos alcançá-lo. Tais dinâmicas de classe moldam a visão do amor romântico de forma tão profunda que acabam por marcar a experiência social, coletiva e individual,

tornando-se uma utopia romântica, ou seja, um espaço do imaginário onde os conflitos sociais são resolvidos simbolicamente sob a promessa de uma harmonia final, tanto no âmbito das relações políticas como também das interpessoais. Nesse sentido, a utopia é carregada de símbolos e metáforas que reproduzem histórias que orientam as ações individuais e coletivas. No entanto, para que tais símbolos sejam efetivos eles devem ser relevantes para a ordem social vigente, o que neste caso se dá através do encontro entre o crescimento dos mercados consumidores de lazer e as definições de família, intimidade e sexualidade (ILLOUZ, 1997).

Mais do que pensar o amor como algo exclusivamente ligado ao psicológico e a sensações de frio na barriga, estômago embrulhado etc, a autora o entende diretamente ligado ao mercado e ao contexto sociocultural de onde emergem, por isso sua análise trabalha as modificações nos ritos que constituem a experiência do amor romântico durante o século XX. Essa ligação entre o amor romântico e os símbolos e valores do capitalismo auxiliam nas dinâmicas que reproduzem as sociedades de classes.

Precisamos levantar uma ressalva ao trabalho de Illouz. Apesar de apresentar uma abordagem extremamente completa, é importante ressaltar que sua obra é centrada em relações baseadas na lógica heteronormativa. Este fato nos demanda alguns pontos de atenção e adaptação ao analisar relações que fogem da lógica heteronormativa, especialmente aquelas relações marcadas por estigmas e por uma busca de reconhecimento, o que não é central em relacionamentos informados pela heteronorma.

Uma das pesquisadoras que também trabalhou com essa perspectiva foi Miriam Adelman (2011), apresentando como as conclusões e desdobramentos da obra de Illouz apontam para uma lógica monogâmica e heterossexual, deixando de lado pessoas e relacionamentos que fogem destes padrões. Adelman (2011) também sinaliza que, apesar dos ritos e discursos heterocentrados que o mercado produz e faz circular, existem vínculos entre amor e desejo que estão, de certa forma, desligados destas dinâmicas.

Além de ritos que fogem às lógicas mercadológicas e heteronormativas, também devemos ressaltar que as discussões de Illouz não atentam para outras relações de poder que impactam as relações afetivas tais como raça, sexualidade, geracionalidade e, como afirmado por Prado (2015), as configurações e sentidos atribuídos aos amantes

nessas relações. Esses pontos são essenciais para esta pesquisa de doutorado, nos mostrando como as diferentes gramáticas afetivas são marcadas por relações de poder que configuram os tipos de relacionamento possíveis e seus limites.

Os relacionamentos empreendidos por pessoas travestis foram objeto de análise de diversos trabalhos, mas poucos destes trabalhos têm nos relacionamentos o seu foco principal. Figuras como “maridos”, “mariconas”, “boys”, “namorados” e “rolos” mostraram-se importantes em termos heurísticos, ainda que tenham sido pouco exploradas nos trabalhos anteriores (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009; DUQUE, 2011) a partir de um entendimento sociológico sobre o amor. Vale ressaltar aqui que Larissa Pelúcio foi a primeira a tratar o tema das figuras que se relacionam com as travestis com maior profundidade. Em seu livro *Abjeção e Desejo* (2008), traz um retrato da vida noturna, afetiva e sexual das travestis de São Paulo, fruto de um inédito trabalho de campo realizado pela autora.

Essas investigações realizadas apontam para a importância que estas relações amorosas representavam na consolidação de uma vivência travesti. Igualmente, a partir do modo como exploram as categorias de parceiros, a leitura atenta desses trabalhos podem nos comunicar sobre o contexto social aos quais essas classificações estão inseridas e sua importância.

Uma vez que o campo é construído a partir destas pessoas que transgridem ou lidam constantemente com a matriz heterossexual, recorro ao arcabouço da teoria queer para compreender como essas relações são estruturadas em um binarismo de gênero que organiza práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo (PINO, 2007, p. 160). Ainda pensando a partir de Judith Butler (2003), o conceito “matriz heterossexual” dialoga com as pesquisas tanto de mestrado quanto de doutorado, pois enquadra o plano de fundo desses trabalhos, referindo-se à “grade de inteligibilidade cultural por meio da qual os corpos, gêneros e desejos são naturalizados.” (BUTLER, 2003, p. 216).

Será que podemos identificar o amor enquanto consumo, como elaborado por Eva Illouz (2011) em “O amor nos tempos do capitalismo”? Esse marco faz parte da realidade presente das travestis pesquisadas? Seria o amor romântico uma transgressão ou releitura? Amor romântico enquanto mercadoria? Seria mesmo o amor romântico que

informa as relações heteronormativas daquelas que fogem a essas regras? Essas são das problemáticas que foram gatilho para a inquietação do pesquisador e compõem o pano de fundo deste trabalho.

O contexto apresentado acima serve como base para uma busca e aprofundamento da análise sobre as novas configurações afetivas estabelecidas pelas travestis e seus parceiros. A literatura acadêmica já tem trabalhado o tema do amor, mas aqui proponho uma nova abordagem. pensando de que forma a noção de amor romântico é mobilizada pelas travestis, criando expectativas, horizontes afetivos/inspiracionais e dificuldades em seus relacionamentos que tensionam perspectivas heteronormativas, mas não necessariamente rompem com essa lógica..

A construção do texto se inicia, então, com a apresentação do pesquisador e sua posição no campo, trazendo um capítulo introdutório sobre as relações traçadas e as conexões feitas com o campo. No capítulo 1, intitulado *Costurando relações e conexões - teoria, prática e subjetividade*, apresento também a história de vida das 3 travestis que foram a base de todas as reflexões aqui construídas.

O segundo capítulo, que tem como título *O amor desejado, o amor real e o não-amar*, contempla uma genealogia do amor romântico, desde seu surgimento, seus desdobramentos na contemporaneidade e como esta gramática afetiva foi absorvida no contexto brasileiro. Apresento também como a noção de amor romântico foi se modificando com o passar dos anos, os autores que discutiram este tema, quais as limitações e possibilidades de ampliação do debate encontrei na literatura sobre afetos, por fim, abordo as dinâmicas que compõem a travestilidade no contexto afetivo do amor romântico.

O terceiro capítulo, intitulado *O vestido de pedrarias: feminilidade e travestilidades*, mergulha no campo de pesquisa, apresentando em detalhes os relacionamentos afetivos, as valorações, as possibilidades e limitações que os sujeitos desta pesquisa encontram em suas vivências. Este capítulo foca um olhar especial para avaliar as narrativas que as travestis constroem sobre o amor e os relacionamentos nas suas histórias.

Por fim, no último capítulo, chamado *Os maridos - o outro lado do amar*, discuto uma das questões que se demonstrou como central da tese: o relacionamento com o

outro, ou seja, abordo os pares românticos e as mais diferentes figuras que circulam pelas narrativas que coletei. As diferentes abordagens de com quem e como se relaciona trazem uma perspectiva fundamental para pensar se: existe diferença quando o amor envolve pessoas travestis? Afinal, o amor romântico é para todas as pessoas?

# 1 COSTURANDO RELAÇÕES E CONEXÕES - TEORIA, PRÁTICA E SUBJETIVIDADE

Produzir uma tese exige pensar em toda a trajetória prática e teórica que constituiu o processo de sua escrita. A reflexão e a autorreflexão são partes indissociáveis deste trabalho, formando este corpo teórico-prático. Assim como afirma Foucault (2000, p. 5), este material é parte de meu ser; a partir do momento em que tomo minhas leituras, experiências e reflexões como parte do processo da escrita, transforma o escritor em um princípio da ação racional.

Sou e estou dentro do meu texto e pesquisa de forma extremamente visível, meus sentimentos e experiências são dados importantes para a compreensão do contexto e tema que analiso (ANDERSON, 2006, p. 384). Dessa forma, é importante e necessário pontuar, além da teoria e do material de campo, toda a experiência e trajetória que me colocam como parte integrante deste texto. Utilizo da noção de imaginação sociológica, assim como elaborado por Mills (1969), para narrar e processar as histórias e biografias apresentadas e fundamentadas no material que apresento.

Escrevo e descrevo o campo e, por isso, Início pelas minhas memórias onde encontramos algumas grandes lacunas nessa autorreflexão, visto que as “condições do meu surgimento não estão ao meu alcance e o estabelecimento da minha singularidade é limitado pelos códigos que regem o humanamente reconhecível, com os quais devo negociar para falar de mim.” (BUTLER, 2015, p. 51) e do outro também. Assim como pontuado por Butler, o relato é parcial, não será possível conceber como me tornei o sujeito que produz esta pesquisa, mas darei indicativos e apresentarei como minha história e esta pesquisa se formam a partir de um conjunto de relações com acontecimentos, pessoas e normas, dessa forma, construo sociologicamente minha trajetória, o texto e o contexto. Sendo assim, “[...] o pesquisador é um ator social altamente visível dentro do texto escrito”. (ANDERSON, 2006, p. 384).

Mais do que entender e aceitar que todo trabalho de campo pressupõe um envolvimento pessoal entre o pesquisador e sua atuação (ATKINSON, 2006, p. 401-402), busco uma discussão afetiva sobre afetos, ou seja, parto de minha perspectiva como sociólogo, pesquisador, cidadão e militante para olhar os processos de forma sociológica.

Não me dissocio das figuras que aqui estão, mas as coloco como protagonistas. É importante ressaltar que foi o campo que me possibilitou enxergar o mundo de outra forma.

## **1.1 ENTRE JANELAS FECHADAS E SOBRETUDOS ABERTOS - REVELANDO SEGREDOS**

Pensar em minha relação com este tema me remete aos primeiros anos de minha adolescência. Por isso, vou falar de pessoas, sujeitos e meninas que marcaram minha existência. As memórias mais antigas podem estar nubladas, borradas e fantasiadas por minha memória da infância, acredito que essas alterações mostram mais a forma com que esses fatos me afetaram do que como eles realmente aconteceram, e isso muito me importa. Assim, relato alguns casos que marcaram essa época e me ajudaram a percorrer o caminho até aqui. Seguindo a mesma linha proposta por Cornejo (2011), inicio este texto com relatos de minhas próprias experiências para chegar, então, no objeto de análise do trabalho.

A partir dos 4 anos de idade, minha família e eu nos mudamos de Adamantina para Ribeirão Preto, a cidade da família de minha mãe. Ribeirão tinha, em 1991, aproximadamente 430 mil habitantes, é uma das grandes cidades do oeste paulista, tendo seu desenvolvimento alavancado, principalmente, pelo setor agroindustrial.

Enquanto uma família de classe média baixa, morávamos em uma casa próxima ao centro da cidade, uma área boa e próxima o bastante do centro e rodoviária, áreas com uma alta circulação de população em situação de vulnerabilidade. Nossa proximidade com esses territórios me permitiu ver e ter contato com os mais diversos tipos de pessoas e classes sociais.

Era costume de minha família, às sextas ou sábados à noite, frequentar uma esfiharia que ficava na área conhecida como “baixada”. O estabelecimento ficava próximo à rodoviária, em uma avenida de grande circulação durante o dia, mas muito vazia à noite. A volta para casa possuía dois caminhos possíveis, um cruzando todo o centro e outro por uma grande e movimentada avenida. Recordo-me que todas as vezes

que voltávamos, eu pedia ao meu pai que passasse pelo centro, algumas vezes ele me ouvia e outras não.

Uma de minhas memórias mais marcantes ocorreu por volta de meus doze ou treze anos, em um dia que meu pai resolveu seguir a volta pelo centro, essa parte “baixa” era um conhecido local onde algumas mulheres transexuais e travestis se prostituíam. Lembro que, ao cruzar essa parte da cidade no horário da noite, ficava curioso, excitado e animado olhando em cada esquina as pessoas que ali viviam e circulavam.

Recordo-me de uma das meninas que trabalhava nessa região que quase sempre estava na mesma esquina, tinha um sobretudo branco, de algum tecido felpudo, que cobria de seu pescoço até os tornozelos. Não me recordo de seus cabelos, apenas recordo que eram muito longos e ficavam caídos em um dos lados do sobretudo, contrastando e se destacando do tecido branco e felpudo. Outra coisa que era muito marcante em sua imagem era o salto, sempre muito alto e fino. Aquilo me marcou, pois só via aquele tipo de salto em cenas de filme, nunca na “vida real”. Não conseguia entender o significado de seus cabelos e saltos, não os entendia enquanto símbolos que marcavam e delimitavam sua feminilidade aos olhos de quem passava e a observava.

O que mais me marcava era aquela pessoa, que chegava a reluzir em meio a ruas e esquinas completamente escuras e vazias. Um dia, em uma das passadas, ela abriu o casaco, deixando à mostra o corpo nu, coberto apenas por uma calcinha, também branca. Nesse dia, apesar do carro não parar, consegui observar seu corpo, seus seios, seus contornos. O abrir daquele casaco era como se ela revelasse um segredo para todos os curiosos que estavam observando, ao mesmo tempo que colocava todos no carro na condição de vistos, observados e, principalmente, afrontados.

O que significava o abrir do casaco para um carro em que ela via uma família tradicional? Hoje, entendo como uma provocação, como se ela estivesse nos obrigando a olhar no seu mais íntimo. Se estivéssemos curiosos, deveríamos estar curiosos e preparados para conhecer ela por inteiro. Ela abria o casaco, expunha-se e nos expunha ao mesmo tempo. As janelas fechadas não conseguiram segurar tudo o que significava o casaco aberto naquele momento.

A volta sempre era recheada de muita conversa, muita risada; nesse dia a volta foi um pouco menos agitada, acredito que todos ficaram processando o que ocorreu e a

imagem que presenciaram. Lembro que o assunto não foi ignorado, meus pais falaram algo, fizeram uma brincadeira conosco e seguiram. Era o alívio cômico necessário, na cabeça deles, acredito.

É interessante recordar que todas as pessoas da minha família olhavam para as pessoas que ali estavam, mas é primordial ressaltar que meu olhar tinha que ser rápido, pois além do carro não parar, eu, enquanto um adolescente gay e não assumido, tinha que conter meu furor em ver aquelas cenas para que minha família, tão próxima de mim dentro de um carro fechado, não percebesse. Naquela época, não tinha consciência suficiente para entender que minha excitação e curiosidade, que não podiam ser percebidas por minha família, era causada por uma empatia e proximidade entre eu que observava do carro e ela que era observada na rua.

Não tinha dimensão e entendimento do que significava cruzar aquele local naquele horário, muito menos o que representavam aquelas pessoas nas esquinas naquela hora da noite. Sabia que existia uma proximidade entre aquelas pessoas e eu. Sabia o que era prostituição, também sabia que aquelas pessoas eram travestis. Mas não tinha ideia do que é ser travesti ou mulher trans. Não fazia ideia das poucas possibilidades de experiência de vida que elas possuíam. Para mim, dentro daquele carro fechado com minha família, não era estranho e nem questionável que aquelas pessoas estivessem ali. Elas simplesmente estavam lá e eu, dentro do carro, simplesmente às estava observando curioso. Mal sabia eu as questões que aquela passagem iria fazer borbulhar dentro de mim posteriormente. Que aquela pessoa com casaco branco iria figurar em meu imaginário por anos e anos.

Hoje, resgatando essa memória, é impossível não associar a preferência de meu pai, muito velada, pela volta na avenida, evitando o centro, à uma possível e sensível necessidade de evitar que sua família tivesse contato com as pessoas que circulavam por lá. Também acho pertinente pontuar minha curiosidade e excitação em cruzar o caminho do centro, olhando em cada esquina, procurando as pessoas que estavam e viviam por ali. Enquanto eu buscava empatia e validação ao ver pessoas que podiam expressar sua sexualidade de forma livre, enquanto eu a deixava a minha dentro de um armário, meu pai buscava a segurança de não precisar discutir e conversar sobre aquelas pessoas que víamos naquele caminho de volta, mesmo que de forma inconsciente.

Outro ponto de prostituição de travestis e transexuais na cidade era em um bairro mais nobre, onde haviam muitas clínicas médicas e estéticas. Alguns anos depois da cena do casaco branco, uma de minhas primas mais velhas trabalhava em uma daquelas clínicas. Lembro dela contando que todos os dias o muro lateral da clínica amanhecia com novas marcas de beijo em batons com cores fortes, as travestis que faziam programa na região tinham o costume de beijar o muro para deixar ele marcado. O tom que ela usava ao falar disso era de distanciamento, mostrando que não conhecia aquelas pessoas, apesar de saber que eram as travestis que faziam ponto na esquina de sua clínica.

Já havia passado várias vezes por esse local, tarde da noite, e visto algumas travestis e mulheres transexuais fazendo ponto nessa rua. Mas apenas após o relato de minha prima, que comecei a prestar mais atenção ao passar por lá, olhando atento as meninas e os locais em que estavam. Acredito que essa atenção, além de ser causada por ainda estar no armário, era fruto de uma curiosidade em entender o motivo que levava aquelas pessoas a beijarem os muros e, claro, presenciar essa cena. Aqueles beijos marcados no muro tinham um poder simbólico extremamente forte, embora nunca soube se havia uma história por trás daquele gesto. É possível, contudo, lançar uma análise para a cena e o simbolismo que ela evoca, o beijo, por ser um símbolo forte do afeto entre pessoas, tinha potência suficiente para funcionar como um marcador de território. Além disso, questiono: será que elas também queriam representar, mesmo que de forma inconsciente, a dor e dificuldade dos afetos travestis beijando os ásperos e sujos muros daquela rua?

Essas duas passagens foram muito marcantes na minha vida, na época não podia imaginar que a curiosidade e as dúvidas que esses momentos me geraram estariam presentes em meus trabalhos acadêmicos e seriam fundamentais no entendimento de minhas relações afetivas e dessas pessoas também. Até meus 18 anos o afeto que sentia era proibido e escondido. Por não ser assumido, para ninguém, e ser extremamente tímido, via minha sexualidade e meu afeto como algo proibido. Tinha plena convicção que deveria namorar e casar com uma mulher, deixando esses desejos e sentimentos guardados em algum lugar dentro de mim. Isso era tão forte que eu namorei por anos uma garota de outra cidade, o fato de ser de outra cidade auxiliava em questões práticas

como, por exemplo, não precisar ter relações sexuais com frequência, o que era uma dificuldade para mim. Interessante colocar a forma com que via minha sexualidade e a forma como a sociedade regula a existência de pessoas transexuais e travestis.

O meu afeto foi proibido, por mim mesmo, durante muitos anos de minha vida, até o momento em que não foi possível segurar que ele transbordasse. Comecei a contar para alguns amigos e amigas próximos e, também, me relacionar com outros homens. Sempre escondido, tomando cuidado e controlando para que o mínimo possível de pessoas soubessem, a dinâmica dentro e fora do armário<sup>2</sup> era expressivamente presente em minha vida neste momento. Muito bem pontuado por Sedgwick em sua obra “A Epistemologia do Armário”, no qual apresenta como esta dinâmica do armário, revelação e segredo, público e privado é fortemente presente até mesmo entre as pessoas mais assumidas. Obrigando-os a cada

encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. (SEDGWICK, 2007 p.4)

O dispositivo do armário regula a vida das pessoas ao mesmo tempo que concede aos heterossexuais os privilégios e hegemonia de valores. Entretanto, em minha pesquisa, identifico constantemente que esta dinâmica do armário está presente nos relacionamentos das travestis e de seus companheiros, por isso talvez possamos expandir o conceito trabalhado por Sedgwick para relacionamento que estão fora da lógica heteronormativa, mesmo aqueles heterossexuais, como entre as travestis e seus parceiros amorosos.

Se para pessoas expressamente assumidas esse cálculo era presente, para mim, que estava iniciando os passos neste jogo, os meus relacionamentos eram cálculos constantes de exposição e segredo, eram entendimentos e associações entre o amor romântico heterossexual e as possibilidade que ofertava e recebia de ter esse mesmo modelo de relacionamento, só que entre dois homens. Se por um momento subvertia uma parte do que me era imposto, relacionando-me com outros homens, por outro lado

---

<sup>2</sup> Quando cito a dinâmica do armário me referencio no trabalho de Eve Sedgwick - A Epistemologia do Armário. (2007)

reafirmava o que esperava de um amor tendo como parâmetro categorias que não foram construídas para mim.

Esta tese fala sobre afetos e amor de pessoas trans, mas claramente fala um pouco sobre os meus afetos, meus relacionamentos e minhas formas de amar. Por mais que falemos de locais completamente diferentes, de experiências de vida distintas e com horizontes afetivos muito distantes, não existe uma forma de construir um texto que se diz afetivo sem me colocar como parte deste processo todo.

Com o tempo e minha entrada na graduação entendi que essa curiosidade poderia ser utilizada para a sociologia. A curiosidade e o medo eram expressões e experiências fundamentais e estruturantes no meu universo afetivo e no universo afetivo das travestis e transexuais. Curiosidade e medo, público e privado, solidão e afeto, abjeção e desejo, percebi que esses binômios eram dilemas e experiências de vida constantes para a sociedade. Foi no grupo de pesquisa do professor Richard Miskolci, na UFSCar, onde comecei a ter contato com as discussões acadêmicas sobre as questões de gênero e, principalmente, sobre a travestilidade. Meu horizonte acadêmico foi expandido por encontros com a presença de Tiago Duque e Larissa Pelúcio, dois pesquisadores fundamentais para entendermos sobre travestilidade no Brasil e para o desenvolvimento deste material.

Os trabalhos produzidos por Duque (2011) e Pelúcio (2009) me ajudaram a mergulhar nas questões e me instigaram a realizar tanto minha monografia, quanto minha dissertação de mestrado sobre questões da travestilidade. O mergulho em campo, enquanto pesquisador começou em 2011, com algumas incursões a uma das avenidas que eram ponto de prostituição na cidade de São Carlos. Essa avenida foi o primeiro lugar em que tive contato e fiz longos diálogos pessoalmente com travestis e mulheres transexuais.

Ir à “Pista”, forma com que as travestis chamavam as ruas em que se prostituíam, pela primeira vez me remeteu à curiosidade e excitação que sentia quando estava circulando de carro pelas ruas de Ribeirão Preto. Mas diferente daquela época, não estava protegido pelos vidros do carro, eu estava exposto, vulnerável. Eu era aquela pessoa de casaco branco aberto. Eu estava com medo e extremamente apreensivo. Esse sentimento foi precisamente descrito por Marcos Benedetti em um trecho do seu trabalho

*Toda Feita*, apresentando o medo como algo constante e o que o aproximava de suas interlocutoras. Diz:

Como todo marinho de primeira viagem, sentia o medo. Medo do escuro, da velocidade dos carros, do fato de haver muitas pessoas circulando, dos olhares inquisidores; medo de não ser aceito ou de cometer alguma “gafe cultural” entre as travestis; medo de emoções e situações desconhecidas e, por vezes, medo da própria etnografia. [...] Enfim, o medo foi um sentimento importante na prática da etnografia, porque me mostrou que este não era um privilégio meu, de antropólogo iniciante. O medo é um sentimento corrente no “mundo da noite” e talvez um dos mais presentes. [...] o medo também auxiliou na minha integração com o grupo, porque foi o primeiro sentimento que identificávamos ter em comum, que já dividíamos, e isso foi um dos motivadores de nossas amizades (BENEDETTI, 2005, p. 44).

Essa passagem é de extrema importância para pensarmos etnografia e abjeção, assim como a exposição de corpos diferentes em um espaço desconhecido, a Sociologia, além de um esporte de combate, é também um espaço de troca de afetos e sensações.

A precisão dos sentimentos descritos por Benedetti eram assustadores e reconfortantes. Minhas indagações e medos eram variados, as dúvidas eram muitas. Será que faço minha barba? Será que minha altura vai chamar muita atenção? Que tipo de roupa usar? Algo colorido e leve? Algo mais sério, preto, discreto? Ir de branco? O medo me levava a questionar tudo, de todas as formas, procurando meios de não encarar a diferença de frente. Por mais que seja um homem gay, não pertencia àquele local. Ali circulavam clientes e trabalhadoras, era um local para ganhar dinheiro, não para conversas e entrevistas. Era evidente o não pertencimento de um homem, gay, branco, universitário e de classe média naquele local. Não era permitido a mim estar confortável naquele local e esse desconforto me acompanhou por muito tempo.

Apegava-me a pequenos pontos para enfrentar esse medo. O desejo considerado abjeto era um desses pontos. Tentava costurar a proximidade entre o meu desejo sexual e afetivo por homens com o desejo suscitado pelo corpo das travestis em seus clientes. Ambos abjetos, ambos questionados e colocados como não legítimos pelas regras e morais. Claro que tomadas as devidas proporções e distanciamentos. Confesso que não conseguia me convencer da proximidade que poderíamos ter naquele espaço e o medo não me abandonou, mas mesmo assim fui ao campo fazer o que havia proposto. Importante ressaltar que a noção de abjeção está ancorada na noção que “os corpos abjetos não encontrariam legitimidade social por não se referenciar nos ideais

hegemônicos de gênero, sexualidade e raça, por exemplo. Daí não conseguirem se materializar, no sentido de não terem relevância político-social, o que levaria essas pessoas a perder, pelo menos parcialmente, seu status humano. (BUTLER apud PELÚCIO, 2009, p. 28).

Na minha primeira ida ao campo, devo ter chegado na avenida por volta das 22:00 horas, o ônibus que havia tomado cruzava um lado da avenida e depois voltava pelo outro, utilizei isso para poder dar uma primeira observada em todo o movimento. O fluxo de carros não era muito grande, acredito que conseqüentemente o fluxo de meninas estava baixo por esse motivo. Consegui ver algumas em algumas esquinas, sozinhas ou acompanhadas de outras colegas de trabalho. Também observei um pequeno bar logo no começo da avenida, uma esquina antes do fluxo de travestis se prostituindo. Esse bar foi meu primeiro ponto seguro, parei nele, pedi uma cerveja e fiquei observando a avenida e as pessoas que passavam. Depois do último gole, tomei coragem e fui falar com a primeira menina.

Selma foi a primeira e uma das mais importantes colaboradoras do meu campo. Com 55 anos de idade, que só foram revelados posteriormente, ela estava na esquina, com uma blusa vermelha “tomara-que-caia” e uma calça jeans justa. Seus cabelos cacheados, ruivos, volumosos, cobriam um de seus ombros enquanto falava comigo. Tinha personalidade forte, tão forte que não me permitiu chegar muito próximo dela nos primeiros momentos e falava comigo um pouco de lado, sempre olhando a avenida e me observando de canto de olho. Ela desconfiou e estava certa sobre essa atitude, sua história estava recheada de violência e memórias de sofrimento. Durante nossa primeira conversa, que se estendeu pela noite adentro, Selma me contou sua vida e experiências, apresentou-me outras meninas mais novas e, para meu espanto, espantou clientes que tentaram abordá-la enquanto conversávamos.

Essa foi minha primeira conversa longa com uma travesti na vida. Tinha por volta de 25 anos de idade. Relembro essa passagem, pois o sentimento que borbulhava dentro de mim era, em partes, muito próximo do sentimento que tinha quando passava de carro pela baixada de Ribeirão, com minha família, dentro do carro fechado. Selma não mudou e nem abriu nenhum casaco branco durante nossa conversa, mas era claro o tanto que estava aberta e disposta a compartilhar comigo naquela noite e em outras que viriam.

Trago este momento, pois acredito que seja importante demarcar que circulo neste território de pesquisa há quase 10 anos. Apesar de meu foco de pesquisa nos relacionamentos afetivos ter surgido apenas no doutorado, minhas experiências nos círculos de amizade, eventos LGBTQIAP+ etc, durante esses anos, somam-se ao campo que realizei, de forma mais sistemática, para a produção desta tese. Apresento informações pertinentes que vão desde este primeiro momento, em São Carlos, até fatos recentes, acontecidos durante a escrita deste trabalho.

Com isso, acredito que seja importante resgatar alguns pontos fundamentais para minha chegada neste momento da minha história e da história de minhas interlocutoras.

Por conta de minha pesquisa de mestrado, o campo foi de São Carlos para Ribeirão Preto, onde pretendia fazer um comparativo de campo dessas duas cidades. Em Ribeirão Preto minha inserção no campo foi por meio da presidente da ONG ASGATTAS - RP, Ágatha Lima. Essa ONG fazia trabalhos voltados exclusivamente à população de travestis e transexuais da cidade e tinha um reconhecimento estadual muito considerável. Além de minha pesquisa de campo, acabei me envolvendo nas atividades da ONG e, com isso, participando de diversos eventos na cidade e em outros locais. Ágatha foi quem me abriu as portas para a comunidade LGBTQIAP+, inserindo-me na dinâmica da militância e fazendo vários amigos e amigas que trago até hoje comigo.

O primeiro encontro que participei, e um dos mais simbólicos para essa pesquisa, foi no ano de 2014 na cidade de Piracicaba (SP). Além de conhecer várias pessoas, percebi como as relações afetivas estavam presentes de forma clara no evento (e em outros que participaria). Muitas travestis mais velhas circulavam e conversavam com as mais novas, quase em tom de tutoria. Havia uma linha não muito clara entre o respeito com as pessoas mais velhas e a necessidade das mais novas de se colocarem e imporem. Era possível identificar algumas rivalidades e um clima sutilmente tenso em alguns momentos. Assim como pontuado por Pelúcio (2007, p.79)

As rivalidades entre as travestis estão sempre aflorando, seja por questões comerciais, amorosas ou vaidades. Suas vidas as colocam em muitas situações de disputas, o que as torna por vezes bastante desconfiadas sobre as intenções das pessoas que delas se aproximam.

Com o caminhar da pesquisa e da aproximação pessoal, comecei a entender outras facetas desse cenário a partir de algumas relações específicas. A relação entre “mães” e “filhas” era estruturante na vida das travestis, justamente porque era de orientação e de atuação conjunta, muitas vezes, oferecendo afeto e suprimindo necessidades de conexão, algumas vezes até apoio financeiro e de moradia, mas não eram relacionamentos pacíficos, assim como vemos conflitos borbulharem nas famílias tradicionais, as famílias travestis também agenciam diferentes perspectivas e desejos entre as diferentes gerações, particularmente como veremos mais à frente na relação entre Nadinne e Agnes.

Esse cenário que junta afeto, conflito, família e conexões marca também o evento onde conheci a principal interlocutora deste trabalho e fiz grandes amizades que me ajudaram a desdobrar as questões que proponho discutir. Eventos da militância LGBTQIAP+ se mostraram encontros que, além de discutir política, serviam para as pessoas reafirmarem e estabelecerem laços afetivos. Em uma das palestras, conheci Nadinne, na época com 27 anos, usava um longo vestido colorido que ia até seus pés, era uma figura extremamente elegante.

O que me chamou muito atenção em Nadinne, não foi nada de sua aparência, era que além de auxiliar e se posicionar em todas as palestras, falando de forma contundente sobre os temas apresentados, era muito debochada e não perdia a chance de fazer uma brincadeira (muitas vezes bem ácida). Brincava e tirava sarro de todos, mas sempre se posicionando e afirmando posturas de respeito com a experiência e vida das outras pessoas. Era uma pessoa dura, não media palavras, ponto que posteriormente comecei a entender como uma forma de carinho e afeto com quem gostava. Era uma figura marcante e que, conseqüentemente, me marcou e marca até os dias de hoje. Na época, Ágatha era muito amiga de Nadinne e foi a responsável por nos apresentar.

Além de Nadinne, conheci sua filha travesti, Marcella, apesar de ser sua filha, possuía também 27 anos, cabelos castanhos até a cintura e estava com um longo vestido, simpática e chamava atenção. Marcella era tímida e quieta. Naquele evento, vi seus posicionamentos poucas vezes, mas sempre que se posicionava era muito aplaudida por todos e, principalmente por sua mãe Nadinne. Naquele evento, Marcella

estava sempre próxima de Nadinne, estavam sendo apresentadas para a militância como mãe e filhas naquele momento.

Como bem pontuado por Pelúcio (2009), as “mães” são responsáveis pela “gestação” das travestis que estão se formando. Ela é a tutora, orientadora, a que sabe dar conselhos e bons puxões de orelha em sua filha. Não existe necessariamente uma relação com a idade biológica, ser mãe está muito mais ligado à experiência de vida daquelas pessoas. Esse papel vi Nadinne e Ágatha desempenharem diversas vezes, de forma doce e de forma dura.

No mesmo evento, ganhei o título de marido<sup>3</sup>. Sempre que Nadinne me apresentava para alguém, utilizava essa categoria como ponto alto da apresentação, ao mesmo tempo que passava os braços por minha cintura e abraçava. Apenas posteriormente entendi “marido” como uma categoria êmica extremamente importante para o campo que estava inserido e, com isso, percebi que minhas características corporais me colocavam como um potencial parceiro afetivo, por isso essa categoria era mobilizada por Nadinne naqueles momentos públicos. Assim como apresentado por Kulick (2008), Silva (1993), Benedetti (2005) e Pelúcio (2009), os maridos apresentam uma corporalidade específica, ressaltando os atributos considerados masculinos. Serem ativos, robustos, muitos pelos, vírus, ou seja, que não tenham atributos que o aproximem de uma possível feminilidade.

Na época, Nadinne me via como potencial candidato a marido preenchendo a maior parte dos atributos desejados. O importante era o agenciamento da categoria para me apresentar para as outras meninas. A categoria gerava um status de importância naquele momento e naquele espaço, como se fosse tutorado, assim como Marcella.

Ser um marido, mesmo que de brincadeira, oferecia a sensação de estar mais integrado e participativo. Embora eu não me apresentasse como marido, sempre fui colocado dessa forma de brincadeira por Nadinne. Quem tinha a legitimidade de fazer essa brincadeira era ela. A integração real, contudo, só aconteceu a partir do momento que deixaria de ser chamado de marido, para ser chamado de “miga”. Fato que ocorreu apenas alguns anos depois.

---

<sup>3</sup> A categoria marido é central para o entendimento deste trabalho e será detalhada posteriormente.

Como muito bem aponta Goffman (2008), as categorias fazem parte das organizações sociais, especialmente importantes quando olhamos grupos marginalizados. Cada ambiente social estabelece suas formas de classificação e categorização que vão mediar relacionamentos internos e com outras pessoas. Dentro do universo LGBTQIAP+ não é diferente. Quando falamos de um espaço onde estou categorizado a partir das estruturas, mapeio também a forma como afetos e inserções acontecem dentro desses espaços.

Após o evento relatado, tive pelo menos outros 5 encontros, em cada um deles meu vínculo com Nadinne se fortalecia e ela se tornou uma excelente amiga, que não media palavras para dar lições e ensinamentos, essa é uma de suas principais características. Em 2016, mudei-me para São Paulo e, a partir dessa data, meu vínculo com Nadinne se fortaleceu ainda mais. E foi a partir desse momento que ganhei o status de “miga”, viado e bicha, só com essa mudança de categorização e estabelecimento de vínculo que Nadinne começou a abrir seu casaco branco e me deixar participar de sua vida de forma mais próxima.

Ela foi a responsável por me apresentar às meninas de uma casa de acolhida para mulheres travestis e transexuais. Local apaixonante onde realizei algumas de minhas entrevistas de campo e consegui coletar muito material sobre relações afetivas e amorosas para aquelas pessoas. Foi muito interessante notar os paralelos que podemos fazer com as relações afetivas entre pessoas que estão em situação de vulnerabilidade e pessoas que tem uma vida estabelecida, tanto na prostituição quanto fora delas.

Na metade de 2018, conheci Agnes, filha de Marcella e neta de Nadinne. Bem mais nova de idade e com muito pouco tempo de transição, Agnes veio morar na kitnet de Nadinne e começou o seu “intensivo de travesti” segundo as palavras da própria Nadinne.

Agnes era magra, 1,75, cabelos loiros, curtos e se autodenominava branca. Não havia colocado na época silicone, utilizava hormônios que eram indicados por suas amigas e sua avó, Nadinne. A interação das duas dentro e fora de casa merece um destaque, o processo de tutoria era bem rígido. Nadinne sempre discutia o futuro de Agnes e como ela poderia alcançá-lo. Ressalto que, apenas posteriormente, entendi que essa rigidez e firmeza eram expressões do afeto de Nadinne, formas de demonstrar

carinho e cuidado. Os relacionamentos e desdobramentos dessa história, que será muito utilizada nesta tese, serão abordadas nos próximos capítulos.

Depois de construir uma primeira familiaridade com as pessoas que vão circular nesta obra e com a forma que o pesquisador se liga e interage com o campo analisado, apresentarei quais são metodologias, como a pesquisa foi construída, assim como seu objetivos centrais.

## **1.2 A CONSTRUÇÃO DA TRAMA - CENÁRIOS, OBJETOS E CIRCULAÇÕES**

Tão importante quanto as considerações finais que este trabalho pretende apresentar, a metodologia utilizada para chegar aos objetivos é de fundamental importância. A abordagem necessária para a construção desta pesquisa pressupõe técnicas e ações que consigam abarcar de forma mais completa e humana os discursos e situações apresentadas e analisadas nesta obra.

As falas e recortes não seriam os mesmos e com as mesmas potências sem que as ferramentas de análise fossem afiadas e precisas para conseguir colher o material. Por isso, a escolha da metodologia a ser seguida neste trabalho se deu, principalmente, pela forma com que esta tese foi produzida e pela forma com que o campo se apresentou.

A coleta do material de campo se deu por meio de entrevistas semi estruturadas, grupo focal e o convívio frequente com os sujeitos que integram esta pesquisa que é essencialmente qualitativa. Dessa forma, é ressaltada a importância do convívio e da interação como instrumentos para entender as relações, valores e lógicas utilizadas pelas pessoas que compõem este trabalho. Segundo Pires (2008), pesquisas qualitativas oferecem a oportunidade de conhecermos aspectos de subjetividade dos sujeitos, observando a realidade social através de diferentes narrativas e instrumentos. A coleta de material se deu pela fala, que é um

instrumento privilegiado de coleta de informações. É reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo [tem] a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas. (MINAYO, 1993, p. 109-110).

Foram realizadas três entrevistas semiestruturadas em profundidade e um grupo focal, totalizando mais de 8 horas de gravação com autorização prévia das pessoas envolvidas. O convívio com as entrevistadas geraram inúmeras anotações em cadernos de campo desde 2014. Essa coleta de informação se iniciou no mestrado e seguiu para os anos de pesquisa do doutorado. Já as entrevistas e etnografias foram concentradas nos anos de 2018 e 2019 que constituem a maior reserva de material utilizada neste trabalho.

O consentimento e a conseqüente participação de minhas interlocutoras nesta pesquisa ocorreu com o desenrolar das relações estabelecidas. Mais do que apresentar um documento com dizeres burocráticos, durante a pesquisa obtive a confiança e validação das participantes para sua integração neste processo. A coleta de material sempre teve como ponto de partida uma primeira entrevista semiestruturada.

A entrevista sempre ocorria após meses/anos de interação com as interlocutoras. Durante a coleta dos materiais e os momentos em que elas se abriam, sempre relembra e questionava se aquele momento poderia ser utilizado em minha pesquisa. Apesar de apontarem que a troca dos nomes não seria algo necessário, tomei essa liberdade e apontei esse caminho para todas as entrevistadas, buscando resguardar suas experiências de vida, relatos e sua integridade com as pessoas que se relacionam.

Nada mais alinhado na construção de uma pesquisa que se diz afetiva do que a utilização de metodologias que pressupõem certo vínculo e proximidade entre pesquisador e pesquisadas. A utilização de histórias de vida se tornou um ponto fundamental para a construção e entendimento do campo. O momento da entrevista é apenas um ponto em uma trajetória de confiança e legitimação entre as pessoas participantes. Confiança, pois a entrevistada aceita se abrir e contar sua história para outro que não necessariamente entende as tramas e enredos de sua vida.

A escuta das histórias de vida de mulheres transexuais e travestis não é permitida a qualquer pessoa, esse processo só acontece a partir da criação do vínculo de confiança. A construção desses vínculos e dessa reciprocidade era fundamental e também foi percebida por outros pesquisadores que empreenderam trabalhos com

travestis e mulheres transexuais. “Trocamos histórias, informações, cumplicidades, miçangas , favores” (PELÚCIO, 2007, p.46).

Abriu-se pressupõe um trabalho de conexão e alteridade, quem fala espera que a escuta seja atenta, profunda e respeitosa. Isso pois essas histórias são permeadas de marcadores sociais, de relatos de violência, abandono e exclusão, muitas vezes nunca antes relatados. Assim como relatado por Pelúcio (2007), as situações mais delicadas e tensas foram poucas, a legitimação conseguida por estar circulando com as interlocutoras desta pesquisa, e por ter a mesma validada por pessoas de prestígio dentro dos círculos que acessava, facilitou muito o desenvolvimento tranquilo da mesma. Mas nem por isso podia abaixar a guarda e deixar de me preocupar em demarcar os limites entre a minha familiaridade e uma possível indiscrição, exigindo um exercício reflexivo constante para não me meter em qualquer tipo de saia justíssima (PELÚCIO, 2007, p.81).

Desnudar a intimidade é um processo longo de criação e construção, quando olhamos para dentro da história das interlocutoras, vemos por dentro da violência, do amor, da exclusão, mas também vemos as dinâmicas de solidão e afeto que não são expostas de outras formas. Por isso o relato é cuidadoso e muito delicado de ser feito.

Ser um homem, gay, branco e de classe média dificulta o processo de confiança, minhas experiências não são tão próximas das relatadas por elas. Nesse ponto entra a legitimação do trabalho, por mais que não acreditem que todas as informações possam ser assimiladas e entendidas pelo pesquisador, o entendimento por parte da interlocutora sobre a importância da pesquisa auxilia no processo de confiança. Como escutei por diversas vezes de Nadinne e de outras travestis: “você é homem, não vai entender isso”, e mesmo assim seguiam na contação da história ou do acontecimento.

Por vezes, o próprio estabelecimento do dia e local da entrevista geravam desdobramentos, histórias e informações importantes para a própria entrevista. Como abordarei mais à frente, a entrada de Nadinne como uma das interlocutoras desta pesquisa foi decidida enquanto estava organizando a entrevista de sua neta, Agnes. Assim, ressalto que a metodologia de história de vida deve ser entendida enquanto “[...] um encontro único entre um pesquisador e uma pessoa que aceita se confiar a ele - encontro que, também ele, tem sua história própria” (LÉVY, 2001, p. 93).

Outro ponto necessário a ser discutido é a importância da história de vida como uma ferramenta que busca trazer com profundidade a experiências social de vida de um sujeito:

Essa técnica de coleta de dados coloca o pesquisador em uma posição praticamente oposta à da observação, ao invés de entrar em contato com as informações sem a intermediação da percepção dos sujeitos, na história de vida é apenas a percepção dos sujeitos que de fato importa para a pesquisa. Nesse sentido, não são necessariamente os fatos concretos que irão interessar ao sociólogo, mas a narrativa desses fatos contada pelo sujeito da pesquisa, não importa a autenticidade ou a veracidade dos fenômenos sociais, mas o ponto de vista e o sentido dado pelos sujeitos envolvidos, ou seja, apreender e compreender o fato de acordo como ele é relatado e interpretado pelo próprio objeto de estudos. (OLIVA; RIBEIRO, 2016, p. 137-138).

Assim, dimensiona-se a história de vida das interlocutoras desta pesquisa em conexão com as teorias e análises (FISCHER, 1997, p.12). Beatriz Fischer pontua, de forma precisa, que a história de vida se interessa menos pela verdade e mais pelas possibilidades que permitem ao narrador construir o discurso sobre si e sobre seu entorno. Tornando-se dispensável questões que pretendem avaliar a veracidade do que é relatado, importando entender o que representa para aquele sujeito o relato que ele elabora sobre si.

Essa narração sempre apresenta conexões com espaços, situações e pessoas. Essas outras vidas que se apresentam nos discursos são fundamentais para entender o motivo que levou esta pesquisa a passar de uma entrevistada a outra, reconstruindo “durações emocionais, afetivas, reflexões racionais que se irradiam, se cruzam em determinados momentos num espaço sócio-histórico de determinadas relações sociais.” (MARRE, 1991, p. 120).

Acredito que esses relatos oferecidos pelas interlocutoras chegaram em uma profundidade. Meu relacionamento com as três pessoas que figuram neste trabalho vão desde uma grande amizade com Nadinne e um coleguismo afetuoso com Marcella e Agnes.

Naquele dia, havia realizado, durante a manhã, entrevista com sua neta Agnes, entrevista essa que fora organizada pela Nadinne. Ao final da gravação, após horas de conversa, Nadinne que até então esteve atenta ouvindo e fazendo pequenas intervenções ácidas na história, disse: “A tarde você vai me entrevistar, ok?”, essa frase

cravou sua participação enquanto amiga e interlocutora no campo. Entendi que nossa relação de amizade foi fundamental para que Nadinne se abrisse e contasse histórias de sua vida que não havia contado para mais ninguém.

Assim como Tornquist (2007), acredito que devido ao envolvimento com essas pessoas, o “campo” não nos deixa partir, sentia que “a cada tentativa minha de “abandonar” o grupo...eu vacilasse diante das urgências do ativismo(...) diante das quais eu não conseguia me abster” (2007, p. 34). Essas retomadas e agarradas do campo, levaram-me a estabelecer e fortalecer laços de amizade com diversas pessoas, algumas delas pontos fundamentais para esta pesquisa.

Em um primeiro momento somos levados a pensar e questionar até que ponto esse tipo de envolvimento entre pesquisador e campo pode impactar e comprometer a análise feita. Uma dúvida extremamente válida e que já resultou em grandes debates e discussões nas ciências sociais. Não posso dizer que utilizei metodologias como observação participante, pois não apenas observava, minha presença/participação foi fundamental não como pesquisador, mas como amigo e confidente de inúmeros momentos.

Essa questão foi muito bem pontuada por Favret-Saad (1990), afirmando que a “observação participante” não bem observa e nem mesmo participa nos eventos relatados, levando a confusões e distorções que partem do pressuposto da “desqualificação da palavra nativa, a promoção daquela do etnógrafo, cuja atividade parece consistir em fazer um desvio pela África para verificar que apenas ele detém... não se sabe bem o quê, um conjunto de noções politéticas, equivalentes para ele à verdade.” (FRAVRET-SAAD, 1990, p. 157).

Essa divisão entre “eles” e “nós”, “pesquisador” e “fatos pesquisados”, que tem como objetivo garantir uma neutralidade na pesquisa, acaba por contaminar e prejudicar algumas discussões que necessitam de uma “participação” maior do que a própria metodologia prescreve. Tornou-se fundamental para a estruturação deste trabalho a proximidade e o relacionamento de amizade com as entrevistadas. Essa amizade foi o que permitiu a essas pessoas trocar informações e relatos íntimos. E, nesse momento, ressalto a troca, mais do que falar da vida, elas queriam ouvir a minha.

Mais do que buscar conselhos de um amigo, elas aconselhavam. Elas jamais teriam falado de seus amores e afetos sem ter em minha pessoa um “amigo” e um confidente. Eu jamais teria falado de meus amores e afetos sem ter nelas minhas amigas e companheiras, essa troca foi e é fundamental. As relações não foram estabelecidas com a pesquisa como objetivo final, a amizade se formou, as experiências começaram a ser trocadas e, com isso, foi se estruturando o campo. Esse é um processo no qual

tanto o pesquisador conhece as pessoas as comunidades em estudo, quanto se torna conhecido por elas. Igualmente não só os indivíduos e as comunidades se modificam diante do pesquisador, como também o pesquisador modifica a si mesmo e a sua atuação, dependendo da empatia e do envolvimento que cria com os interlocutores. Nesse tipo de trabalho, tanto o investigador quanto os participantes são simultaneamente sujeito e objeto de investigação. (MINAYO; GUERRIERO, 2014, p. 1106)

Se para Favret-Saad as pessoas só falavam com ela depois de perceberem que ela já havia sido “pega” pela feitiçaria, onde suas ações e reações só podiam ser explicadas pela lógica da feitiçaria; no meu campo, os sujeitos apenas falaram realmente comigo quando fui visto como um semelhante com quem poderiam trocar as experiências mais íntimas, ao mesmo tempo que poderiam aconselhar as minhas vivências.

O meu ouvir está muito ligado a entender, acolher, pensar junto e trocar experiências. A palavra amigo aparece neste texto entre aspas, pois me alinho às ideias que entendem amizade enquanto um projeto que não transcende as relações de poder. Assim como pontuado por Cornejo (2015, p. 140), uma das maiores assimetrias do trabalho etnográfico é a possibilidade de construir a narrativa a partir do que é coletado e presenciado. Dessa forma, vocês presenciam neste trabalho a minha análise dos fatos a partir do que me foi apresentado e ofertado por elas. Um trecho em que relata a forma de relacionamento que estabeleceu com um interlocutor/amigo é precisamente o que eu vejo que ocorreu comigo e minhas interlocutoras:

Admito que gostaria de pensar em Italo como uma amiga, mas não posso fazer essa afirmação, principalmente porque ela é uma pessoa que não vejo com frequência e por causa dos muitos privilégios dos quais eu gozo e que nos separam. O que é certo é que Italo ofereceu-me aquilo que é básico em qualquer amizade: vulnerabilidade. Italo não me ofereceu sua vulnerabilidade como um espetáculo, mas como um convite de reciprocidade. Como Ruth Behar (1996) argumenta, etnografias são, muitas vezes, um negócio para fazer outras pessoas vulneráveis. Mas amizades queer requerem o reconhecimento da vulnerabilidade mútua. (CORNEJO, 2015, p.140)

O reconhecimento dessa vulnerabilidade mútua ocorre por meio das trocas de experiências e relatos. Ressalto o trocar, pois é o que se espera de uma relação de amizade, eu entregava minha intimidade e minhas relações enquanto recebia a delas. Os momentos mais marcantes de minha intimidade foram aconselhados, advertidos e ironizados por Nadinne em diversos momentos: quando conheci meu namorado, quando começamos a namorar, as crises, as brigas, quando minha mãe veio até a cidade e a levei para tomar café com Nadinne etc.

A pesquisa se vale apenas de uma superfície desses momentos e relatos. Mas é uma superfície que só foi possível adentrar após mergulhar no fundo dessas relações. Da mesma forma, é com tranquilidade que podemos afirmar que “entre pessoas igualmente afetadas por estarem ocupando tais lugares, acontecem coisas às quais jamais é dado a um etnógrafo assistir, fala-se de coisas que os etnógrafos não falam, ou então as pessoas se calam, mas trata-se também de comunicação” (FRAVRET-SAAD, 1990, p.160). Esse é o meu lugar junto delas.

Observei que essa proximidade com o meu campo me obrigou a torcer e inverter uma das ideias clássicas da etnografia de *tornar familiar o exótico*, no meu contexto tive que fazer o movimento contrário. Por ser muito próximo, por ser amigo, por fazer parte da rede, meu esforço foi o de *tornar exótico o familiar*. Estranhar o que não me é estranho e essa nunca foi uma atividade simplificada, sendo que

nas relações interpessoais me deparei com fortes emoções e envolvimento densos, que podem ser elaborados subjetivamente, e enquadrados na análise, mas que, para isso, exigem um enorme esforço de distanciamento de nossas próprias categorias de entendimento. (TORNQUIST, 2007, p, 48).

Da mesma forma que Tornquist (2007), em diversos momentos esses sentimentos e emoções levaram a borrar as fronteiras entre pesquisador e amigo, entre entrevistador e entrevistadas. Nesses espaços de não definição, em que pesquisava sendo amigo e era amigo pesquisando, foi onde esta pesquisa se delimitou e constituiu. No esforço de entender a relação do outro foi se desenhando também um entendimento da relação do outro comigo.

### 1.3 UMA MONTAGEM SOCIOLÓGICA - OBJETIVOS E REFERÊNCIAS CENTRAIS

A permanência. Que se torna referência e influencia novas gerações. Que fica inesquecível. Aquela obra que a cada vez que se olha, surpreende, não envelhece. A obra que fica na memória, que não se esquece. (Ascânio MMM, 2008)

A montagem de um trabalho, a escrita de um texto ou a produção de uma obra de arte pressupõe alguns objetivos e referências centrais para sua concepção. Ela não se inicia sozinha e não se consolida a partir da imaginação desgarrada de referências e influências.

Esta tese foca na discussão sobre relacionamentos, amor, afetos e gênero. A construção dos objetivos gerais e específicos se modificaram e expandiram com o desenrolar do tempo e da pesquisa. Por mais que tenha delimitado os objetivos em meu projeto, os trajetos, as escolhas metodológicas e o campo apresentaram novidades que influenciaram no desdobramento desta tese. Muito bem pontuado por Weber:

as ideias nos acodem quando não as esperamos e não quando, sentados à nossa mesa de trabalho, fatigamos o cérebro a procurá-las. É verdade entretanto, que elas não nos ocorreriam se, anteriormente, não houvéssemos refletido longamente em nossa mesa de estudos e não houvéssemos, com devoção apaixonada, buscado uma resposta. (WEBER, 2011, p. 18)

Meus anos de pesquisa com a população de travestis e transexuais me permitiram desdobrar e reconfigurar alguns objetivos e temas que acreditava serem importantes, mas que o campo me apresentou de outra forma.

O objetivo central é, então, analisar as experiências que moldam as relações afetivas e amorosas com sujeitos que se identificam enquanto travestis. Essa análise visa identificar como as diferentes gerações de travestis aplicam valor nas relações afetivas que constroem. Esse jogo de valoração tem como base as experiências e repertórios de vida que os sujeitos desta pesquisa possuem.

A partir deste tema central desdobram-se objetivos específicos da obra: busca-se identificar quais marcadores da diferença geram maior impacto e influenciam na construção dos relacionamentos afetivos e na forma de amar desses sujeitos. Também busca compreender quais relações entre masculinidades e travestilidades estão

presentes nos relacionamentos afetivo-amorosos. Por fim, visa traçar paralelo entre as noções de amor romântico e a realidade vivida pelos sujeitos que compõem o campo.

Importante pontuar que o tema da travestilidade foi e é exaustivamente discutido pela academia. Desde a criação do termo, em 1910, pelo médico e psicólogo Magnus Hirschfield, embora o mesmo usava o conceito de travestismo aliado à experiência de vestimenta, separando o “comportamento” da orientação sexual dos sujeitos.

No Brasil, um dos primeiros trabalhos antropológicos que versam sobre pessoas travestis é o “Gilete na Carne” de Luiz Mott e Aroldo Assunção, produzido em 1987. Os autores analisam a estratégia utilizada pelas travestis de se automutilarem como forma de escapar da polícia e intimidar clientes. Seguindo os estudos etnográficos, Helio Silva, no trabalho “Travesti: a invenção do feminino”, aborda a construção dos corpos das travestis no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro. Por sua vez, “Travesti” de Don Kulick (2008) é tido como outro marco nos estudos etnográficos com travestis. O autor fez uma pesquisa etnográfica robusta com travestis que moravam na cidade de Salvador na década de 1990. Esse trabalho foi um início e incentivo para outras tantas obras de peso que vieram em seguida em diversas frentes nas ciências sociais.

Dentre as mais relevantes referências de pesquisa estão: Hélio Silva (1993), Marcos Renato Benedetti (2005); Fernanda Cardozo (2006); Larissa Pelúcio (2009); Mônica Siqueira (2009), Tiago Duque (2011), entre outros. Essas pesquisadoras e pesquisadores navegaram por temas como corpo, identidade, envelhecimento, juventude, prostituição, violência etc. Sempre podemos encontrar em algum ponto dessas obras e autores que citam a questão dos relacionamentos afetivos que as travestis empreendem. Esse é um tema de suporte para esses autores, apoiando o desdobramento de outros pontos em suas pesquisas. É neste ponto que meu trabalho se insere, visando produzir um material focado em afeto, amor e relacionamentos com e de travestis na cidade de São Paulo.

Dessa forma, a pesquisa em questão navega pelos temas de corporalidade, desejo, classe e geracionalidade para identificar como se constroem os relacionamentos afetivos das travestis paulistanas. Por ser um trabalho comparativo, traço constantes paralelos entre essas relações afetivas empreendidas por minhas interlocutoras e o ideal de relacionamento que é valorizado e buscado pela noção de amor romântico.

A noção de amor romântico e proibido com amantes que enfrentam tudo para ficar juntos também está presente nos relacionamentos empreendidos pelas travestis que compõem esta pesquisa. Assim, pode-se questionar até que ponto a noção de um amor sem medidas, que a tudo supera e é considerado único, alimenta e auxilia na construção dos relacionamentos afetivos de minhas interlocutoras.

## **1.4 TRAVESTIS TAMBÉM AMAM: AS ESTRELAS DESTA PESQUISA**

Para estruturar o campo, tenho uma troca com três interlocutoras e vou aprofundar sobre elas pelas próximas páginas.

### **1.4.1 A Dama De Vermelho**

Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.  
(Clarice Lispector, *Perto do Coração Selvagem*, 1998).

Nadinne tem 33 anos, cabelos lisos e um pouco abaixo dos ombros, loira, 1,80, com a maquiagem bem feita, realçando seus olhos castanhos, acentuando seus contornos no rosto com uma leve afinada em seu nariz. Nadinne, quando a conheci, usava longos vestidos sempre coloridos que iam até seus pés. Uma figura extremamente elegante e cativante.

Seu corpo chama atenção, além de sua altura e grandes seios, ela possui um caminhar muito firme e decidido. Passa a impressão de que pode arrastar as pessoas com ela, levar junto em seu fluxo de decisões e opiniões, como um rio selvagem e belíssimo.

Nadinne agencia as categorias travesti e mulher transexual de acordo com a sua necessidade. Quando precisava se posicionar de forma dura, criticar, colocar-se em algum debate/embate ou lutar por seus direitos, afirma-se enquanto travesti. Pontua que ninguém iria querer mexer com ela ou que ninguém iria passar ela para trás, negar algum direito ou alguma fala. Ao ver Nadinne se posicionar afetivamente com alguém que a

interessava ou quando pretendia falar de forma mais polida e suave, mobiliza a categoria mulher transexual.

Mesmo com essa diferenciação, as categorias se misturavam e borravam suas fronteiras em diversas ocasiões. Em alguns momentos era difícil saber como ela estava se pontuando, como travesti ou mulher transexual. Vale ressaltar que perguntar para ela sobre esse tema era quase uma afronta. A obviedade da resposta era frequentemente emanada por ela em tom de deboche, não permitindo qualquer continuidade na reflexão. O que me obrigava a inferir, nos momentos em que ela não verbalizava, se estava com a Nadinne Travesti ou com a Nadinne mulher transexual.

É interessante ver como Nadinne cuida da casa e da alimentação. Muito bem organizada, ela deixa claro como gosta de cuidar da casa e como cozinha bem. Elogios são sempre bem-vindos e necessários quando estamos juntas. Com o tempo percebi que em algumas questões, principalmente relacionadas à militância e prostituição, Nadinne me colocava na posição de “filho”, ensinando e mostrando como as coisas eram e como deveriam ser, mesmo nunca tendo verbalizado essa relação familiar entre nós.

Nadinne morou grande parte dos últimos anos no mesmo local, centro de São Paulo, em uma kitnet de 30m<sup>2</sup>. Seu apartamento era simples, mas muito bem equipado. Dos itens que mais me marcaram em sua casa estavam uma cama queen size com cobertor em padrão de tigre, espelhos grandes, um guarda-roupas embutido de tamanho suficiente para acomodar todas suas roupas, casacos, sapatos e acessórios, uma pequena mesa onde se maquiava e trabalhava, deixando lá seus produtos de beleza, computador e cinzeiro. Durante o decorrer da pesquisa, Nadinne se mudou duas vezes. Primeiro para um apartamento grande, no centro de São Paulo, onde ficou por um bom tempo dividindo o espaço com alguns amigos. Após um assalto a mão armada, onde seu apartamento foi invadido e diversos itens foram furtados, Nadinne resolveu mudar-se para um condomínio fechado, na zona leste de São Paulo. Um apartamento grande de dois cômodos.

Muito viciada em tecnologia, pude ver a televisão de pouco mais de 32 polegadas ser substituída por uma com mais de 60 ao passar dos anos e com o deslanchar de sua vida financeira. Essa televisão era conectada em um playstation 4 e um Nintendo Switch, sempre abastecidos com os acessórios e jogos mais recentes.

A prostituição foi, por muitos anos, seu maior ganha pão, pagando as contas, sustentando o estilo de vida, comprando seus eletrônicos, maquiagens e roupas, além de ajudar quem precisava (como a Agnes). A prostituição trazia, além de dinheiro, muitos presentes, frequentemente chegavam “mimos” de seus clientes/vícios<sup>4</sup>. Os que tinham maior afinidade, ela trocava a cobrança em dinheiro por um presente que ela indicava. Até hoje, quando chego em sua casa, ela vem me mostrar o que ganhou de alguém.

A prostituição divide espaço com a militância, é presidenta de uma ONG que trabalha com a população LGBTQIAP+ da cidade de São Paulo. Gastava horas e horas do seu dia escrevendo projetos para serem enviados para o setor público e gerenciando os que já haviam sido aprovados. A ONG se tornou uma referência na cidade de São Paulo com diversas ações e projetos em andamento.

Ao final de 2018, Nadinne iniciou o trabalho em uma editora de livros, função que ocupa até os dias de hoje, subindo de cargo e ganhando maiores responsabilidades lá dentro. Atualmente, está coordenando todo um setor de faturamento e recebendo o suficiente para bancar um apartamento maior (3 quartos) e largar a prostituição. Agora os clientes perderam espaço para os amores, que mesmo assim ainda a enchem de mimos e regalos financeiros.

Com extrema aversão a perder o controle de si, Nadinne não utiliza qualquer tipo de droga ilícita, seu único vício é o cigarro. Bebe muito pouco e em ocasiões pontuais. Em todos esses anos de amizade, observei alteração em seu estado de consciência uma ou duas vezes, apenas. Por outro lado, fui repreendido e rechaçado duramente diversas vezes em que passei um pouco do ponto. Em todos esses anos de convivência nunca presenciei Nadinne em um momento vulnerável. Apesar de passar por alguns problemas pessoais, coloca-se como a pessoa no controle de tudo.

É importante ressaltar que em seus relacionamentos afetivos, coloca-se no controle da relação, a figura forte que toma as decisões e põe os pontos finais quando necessário. Apenas duas vezes vi Nadinne se apresentar enquanto apaixonada e

---

<sup>4</sup> Vício é o nome que as travestis dão ao ato de fazer sexo com clientes sem cobrar. Esta prática, quando acontece, geralmente está associada a clientes que apresentam uma estética e comportamentos específicos que agradam a travesti de certa forma, o que acaba por ser mais interessante do que o valor monetário pago pelo programa. O não cobrar também pode funcionar como uma forma de fidelizar este "cliente" para que ele volte outras vezes.

vulnerável: a primeira quando falava de seu antigo casamento com Marido 1; a segunda quando estava se relacionando com um rapaz muito mais novo, relacionamento que durou apenas alguns meses.

A nossa entrevista aconteceu enquanto eu estava deitado na cama de Nadinne. Enquanto ela ficava se maquiando e falando comigo sem me olhar diretamente. Não havia motivo para se maquiar, entendi aquilo como uma forma de evitar me encarar de frente enquanto se abria. Funcionou. Conforme ia revelando segredos do seu passado para mim e meu celular que gravava a conversa, eu ia me emocionando e tendo a certeza de que ela era a pessoa central de minha pesquisa.

Por hora, é importante compreender que Nadinne não poupa opiniões, impõe presença desde o primeiro olhar, manipula e agencia as normas de sexo e gênero. Acolhe com força e, até mesmo, com repreensão. Traz à tona verdades incômodas sobre as quais você não quer debater, mas também não te deixa passar vergonha se te vê desconfortável, mal vestido ou porcamente maquiado.

#### **1.4.2 A Jovem Apaixonada**

Se me ama, mesmo, afirme-o com fé;  
Mas, se pensar que eu fui fácil demais,  
Serei severa e má, e direi não,  
Pra que me implore; de outra, nunca.  
(Shakespeare, Romeu e Julieta, 2011, p. 46).

Marcella tem 27 anos, cabelos castanhos compridos e naturais, seios grandes e com altura próxima a de Nadinne. Quando conheci Marcella, estava impecavelmente maquiada, naquele dia não era possível ver uma falha em seu rosto. A maquiagem não fazia grandes contornos, deixou apenas sua pele uniforme realçando com alguma cor suas maçãs do rosto e seus olhos castanhos esverdeados. Estava usando um vestido longo e florido, com corte muito similar ao utilizado por sua mãe.

Ela era extremamente feminina e tímida. Com o passar do tempo fui conhecendo melhor Marcella. Pouco tempo após o evento em que nos conhecemos, em 2014, Marcella saiu do interior, cidade de São João da Boa Vista, e veio morar na capital,

sempre impulsionada e orientada por Nadinne. Era muito interessante ver o respeito que tinha por Nadinne, acatando e dificilmente discutindo seus conselhos.

Ela era chamada de “padrão”, quando perguntei para sua mãe o motivo, ela foi direta: “Ela (Marcella) quer ser uma mulher padrão, ter marido, cuidar da casa, sustentar o marido, fazer sexo papai e mamãe, apanhar e ser traída, não tenho paciência pra isso”, comentou de forma inconformada.

Nessa época, Marcella já morava junto com seu marido, relação que perdura até o momento em que escrevo este texto. Marcella é formada em secretariado bilíngue. Com o passar do tempo, sua formação, elegância, feminilidade e boa articulação lhe renderam bons trabalhos. Tanto na noite, dublando e performando em eventos variados, quanto em grandes empresas multinacionais e de cinema.

Marcella foi se tornando o oposto da pessoa que conheci no evento na militância, ficando mais desenvolta, deixando a timidez de lado, afirmando-se em diversos momentos. Essa mudança trouxe independência em sua vida, mas, por outro lado, trouxe vários conflitos com sua mãe, que continuava reprovando diversos comportamentos da jovem. Esses conflitos são fundamentais para entender os afetos, a família e as relações que foram construídas entre elas, no decorrer do texto vou explicar mais sobre esses processos.

Até o desenvolvimento do texto, Marcella já havia morado em dois apartamentos diferentes com seu marido, junto a uma gata e uma cachorra de estimação. O primeiro era uma kitnet no centro de São Paulo. Pequeno, porém muito confortável. Apesar do pouco espaço, conseguia ver o cuidado e detalhes que Marcella tinha com a casa, sempre muito cheia de bibelôs, bijuterias e cuidadosamente decorada. Também gosta muito de jogos eletrônicos, tendo sempre um espaço significativo de suas casas voltados para computadores e videogames de última geração, além de uma televisão de mais de 50 polegadas.

O segundo apartamento, que mora atualmente, é na zona leste de São Paulo. Ela resolveu mudar-se junto com Nadinne para um condomínio fechado. Seu novo apartamento é exatamente igual ao de Nadinne, tendo dois quartos, sala, cozinha e uma pequena sacada. O apartamento novo seguiu a mesma linha do apartamento do centro, com muitos bibelôs e cuidadosamente decorado.

### 1.4.3 A Garota Rebelde

Amemos! quero de amor  
Viver no teu coração!  
Sofrer e amar essa dor  
Que desmaia de paixão!  
...  
E entre os suspiros do vento  
Da noite ao mole frescor,  
Quero viver um momento,  
Morrer contigo de amor!  
(Álvares de Azevedo, Lira dos Vinte Anos, 1996)

Agnes é filha de Marcella e neta de Nadinne. Bem mais nova que as duas, nunca me falou precisamente quantos anos tinha, acredito que devia ser algo em torno de 25 anos. Quando a conheci, estava iniciando seu processo de transição, começando a hormonização e deixando os cabelos crescerem. Ela tem em torno de 1,75, cabelos loiros um pouco abaixo dos ombros, era bem magra e com seios bem pequenos que evidenciavam seu processo de hormonização inicial, sem prótese de silicone na época em que nos conhecemos.

Era da mesma cidade de Marcella, no interior de São Paulo. Quando iniciou a transição foi convidada para morar com a mãe biológica de Marcella, visto que ela estava com grandes problemas com sua família ao transicionar<sup>5</sup>. Dessa forma, conheci Agnes pela boca de sua mãe e de sua avó travestis antes de conhecê-la pessoalmente. A família discutia o futuro de Agnes, quais expectativas tinham para ela, como deveria se comportar e em quais lugares deveria circular.

Com o passar do tempo, Agnes morou na kitnet de sua avó, dividindo apenas algumas poucas contas. Esse foi um passo muito importante para ela que começou a circular e conhecer outras travestis e mulheres transexuais, além de iniciar sua carreira na prostituição, de onde retirava boa parte dos seus ganhos. A avó era a provedora dentro da casa, mas deixava sempre claro que o dinheiro que usava para bancar sua neta era um investimento e que deveria ser devolvido no momento oportuno.

---

<sup>5</sup> “Transicionar” é o termo utilizado por pessoas transexuais para falar do processo de passagem do gênero atribuído ao nascer para o gênero em que se identificam. Este é um processo que não necessariamente tem fim, mas o termo é utilizado na maioria das vezes para se referir ao início do processo.

Ao visitá-las, eu observava como era forte e direta a forma com que Nadinne a tratava. Os conselhos eram duros, mas não haviam discussões, Agnes aceitava e concordava com os argumentos de sua avó, que era muito mais experiente.

Um dos motivos que via Nadinne brigando com a mais jovem era pela forma com que se relacionava com seus clientes. Agnes se apaixonava muito facilmente, deixava de cobrar alguns programas (“fazia vício”) e ficava frequentemente me contando como os clientes que atendia eram bonitos, como eram carinhosos, como faziam ela se sentir especial. Enquanto eu ouvia as histórias, sua avó fazia cortes profundos no assunto, pontuando como ela estava se enganando, como estava sendo feita de trouxa pelas “mariconas” (forma pejorativa de se referir aos clientes).

Agnes tinha um namorado em sua cidade natal, mas nunca havia falado abertamente com ele sobre seu trabalho em São Paulo e ele também nunca perguntava. Em seus relatos, dizia que era um jogo de segredo mútuo, no qual ambos sabiam e nenhum deles falava.

Esse relacionamento gerava as maiores brigas entre sua avó e ela. Apesar de saber da reprovação de sua avó e sofrer com isso, Agnes manteve o relacionamento por muito tempo. Por diversas vezes, Agnes pagava um hotel e ficava o final de semana inteiro com seu namorado, deixando de trabalhar e, muitas vezes, não conseguindo pagar as contas da casa. Isso levou a diversas brigas e um grande desgaste da relação familiar. Depois de repetidos avisos e alertas, Agnes não abriu mão de seu relacionamento afetivo e foi expulsa de casa. As duas ficaram sem se falar por vários anos. Depois disso, existiram algumas aproximações muito tímidas entre Agnes e Nadinne, isso se dava mais por conta da relação de ambas com Marcella. Essas aproximações, contudo, não se consolidaram, avó e neta se distanciaram e, por fim, perderam contato.

Depois de conhecer as interlocutoras, precisamos entender como se relacionam e organizam sua vida afetiva, por isso proponho debater com profundidade o regime romântico que está estabelecido nos dias de hoje. Compreendendo que esse regime cria uma gramática romântica que é adaptada pelos sujeitos da pesquisa por meio de suas experiências e vivências. É nisso que vamos nos aprofundar nos próximos capítulos.

## 2 O AMOR DESEJADO, O AMOR REAL E O NÃO-AMAR

A construção de um clássico do amor romântico que vemos nas telas, livros, séries, músicas e que é imaginado por nós, versa sempre sobre um amor desejado, mas que encontra dificuldades e empecilhos para se concretize. Este modelo de saga dificilmente não será familiar a todas as pessoas que lêem este trabalho. Este é um dos marcos importantes para a criação do mito do amor impossível, relido e refeito por décadas a fio depois a partir de uma ideia shakespeariana, de um amor trágico pelo qual se dá a vida.

Neste capítulo, destrincho os cenários que possibilitam a esses sujeitos suas ações e seu sentir, focado especialmente no amor romântico, talvez o mais entusiástico e mais desigual dentre todas as formas de sentir. Veremos uma genealogia do amor romântico e seus desdobramentos no Brasil. Percebendo de que forma essa gramática afetiva é apreendida por minhas interlocutoras e reestruturada em suas vidas e relacionamentos.

O amor e a morte tem se mostrado relacionados desde antes de Romeu e Julieta<sup>6</sup> até os dias de hoje. “matei por amor”, dizem agressores que assassinam suas esposas, e em resposta grupos feministas afirmam que quem ama não mata, assim há uma associação entre amar tanto que se fica louca e a própria vida fica pequena. Dessa forma, a busca pelo amor e a morte, aparecem de uma forma em Romeu e Julieta “se não podemos ficar juntos, preferimos morrer”, mas esta dinâmica ainda aparece na realidade na forma de desigualdade e subjugação da outra pessoa, especialmente aquelas fora da lógica da heteronormatividade. “Amor e morte, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas” (ROUGEMONT, 1988, p. 15).

Para este capítulo, contudo, visa-se dar um passo para entender as relações entre amor romântico, sexualidade, identidade e gênero a partir do contexto brasileiro em que minhas interlocutoras se encontram.

---

<sup>6</sup> A peça Romeu e Julieta é regada de conflitos e mortes. Se encerrando com a morte de seus protagonistas, Romeu e Julieta.

## 2.1 AMOR COMO MARCO HISTÓRICO-SOCIAL

Analisar o amor através da óptica de grupos específicos é um passo desafiador que nos permite olhar as entranhas do amor e como seus desdobramentos sociais e culturais estão intrinsecamente conectados. Os trovadores e o amor cortês, o romantismo e o amor, o poeta e o amor, o drama e o amor são todas chaves analíticas instigantes que possibilitam olhar para todo o cenário das relações amorosas das travestis de outra forma. Neste tópico, vou olhar para a construção histórica do amor, buscando entender o surgimento do que conhecemos hoje por amor romântico e de que forma ele foi apreendido pela realidade brasileira. Cabe ressaltar o entendimento deste amor como:

uma crença emocional e, como toda crença, pode ser mantida, alterada, dispensada, trocada, melhorada, piorada ou abolida. O amor foi inventado como o fogo, a roda, a medicina, o fabrico do pão, a arte erótica chinesa, o computador, o cuidado com o próximo, as heresias, a democracia, o nazismo, os deuses e as diversas imagens do universo. Nenhum dos seus constituintes afetivos, cognitivos ou conativos é fixo por natureza. (COSTA, 1998, p.12)

E com isto, cabe analisá-lo de forma histórica e contextualizada desde o seu surgimento até a contemporaneidade. Uma das marcas da modernidade é o fortalecimento da individualidade, o que foi fundamental para a construção da ideia de amor romântico que nos é apresentada hoje em dia. Como muito bem constrói Illouz em sua obra *Por qué duele el amor e Amor em tempos de capitalismo*, o amor romântico gerador de utopias e transformações, pode ser também motivador de ruptura da ordem cotidiana, ao serem “invadidos” pelo amor romântico arrebatador, a sensação de energia e poder se transforma, possibilitando que quebrem regras, ultrapassem padrões e, como em Romeu e Julieta, rompam com as normas sociais para ficarem juntos.

Analisando a partir de Giddens (1992), o amor romântico é responsável por inserir a narrativa de amar para uma vida individual, na qual “contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação particular com os processos sociais mais amplos” (1992, p. 50).

Tristão e Isolda é considerado o mito fundador do amor romântico (LINS, 2009; ROUGEMONT, 1988; JOHNSON, 2008), que tem uma primeira versão escrita em 1185, mas já era um mito narrado desde a antiguidade, contudo que toma formato de histórias

de amor em sua primeira versão. Contar e contextualizar Tristão e Isolda nos ajudar a entender a construção das obras seguintes, como Romeu e Julieta, além de nos mostrar quais elementos são reiterados nestas obras e nas noções de amor romântico que demarcam território com o passar dos séculos.

Mas temos que ter atenção com a possibilidade de universalizar este sentimento. Assim como Costa (1998), ao buscarmos proximidades entre o que descrevemos em peças clássicas de períodos distintos do nosso, temos que ter o cuidado para entender que a capacidade de reconhecer essas semelhanças e diferenças é ensinada e aprendida, tal qual os valores da época. Com isso, temos que sublinhar que:

aprender que amores históricos ou lendários são aquilo que devemos sentir integra a habilidade de ver o amor como algo grandioso, mágico, que atravessa o tempo e o espaço com a força de um bem extra-humano e extramundano. Saber amar é reconhecer no que se sente os sentimentos dos heróis e heroínas dos enredos amorosos exemplares. Do contrário, o que sentimos não é o “verdadeiro amor” e sim uma contrafação, um pálido reflexo que sentiremos quando o amor, genuinamente, nos tocar. (COSTA, 1998, p. 14)

Tendo em mente o impacto das histórias de amor lendárias, apresento o enredo de Tristão e Isolda. A obra é uma lenda céltica de povos que habitavam o norte da França que tem como possível época de criação o século IX, com milhares de adaptações para teatro, cinema e literatura. Um dos excertos de amor mais clássicos e mais reescritos da história ocidental, trata de um casal apaixonado que rompe os limites das morais terrenas para viverem seu amor imortal.

Tristão é um personagem marcado por uma vida de perdas e sofrimento, no mesmo momento perde seus pais e sua terra em uma longa batalha, aqui é importante situar que algumas versões da história apontam que Tristão já nasce órfão, enquanto outras o colocam mais velho quando perde seus pais. Assim, é criado por um cavaleiro de seu antigo reino até seu sequestro, que o leva da Irlanda à Cornualha, onde conhece o Rei Marcos, mas desconhece a história de que ele é também seu tio.

O cavaleiro que o criou consegue encontrá-lo e, finalmente, conta toda a verdade sobre sua história de dor. Tristão, comovido e obstinado, decide então reconquistar sua terra, garantida pelo berço. Assim, com apoio de seu tio e rei Marcos, toma o poder da sua terra e cede o trono ao seu pai adotivo, cavaleiro, com quem aprendeu a lutar e que cuidou dele.

Com a fama de Tristão ficando mais forte pelos reinos, ele resolve ajudar o Rei Marcos em uma dívida, duelando com tirano Morholt, vencendo, mas acaba por ser envenenado no combate. Abandonado em um barco ao mar, chega até a costa da Irlanda, onde é tratado e finalmente encontra o amor de sua vida, a princesa Isolda.

Sangue, tragédias, morte, acaso e traições, compõem toda a trama até o momento em que os dois se conhecem. Tudo isso se aprofunda numa conjunção dramática, quando Tristão descobre que Isolda era prometida à seu tio como esposa. Este ponto da história é uma parte crítica e que coloca o empecilho para o amor, contado de diferentes formas, o mito de Tristão e Isolda se fortalece neste momento: algumas versões apontam que Tristão vence um dragão, matando-o em mais um combate épico e assim é prometido à bela princesa, mas não segue com o romance em respeito ao tio e rei, mas depois de tomar uma poção de amor, ambos são tomados por uma paixão irresistível e arrebatadora, impossível de resistir. Outra versão, apresenta a narrativa de que Tristão leva Isolda até o reino de seu tio, mas acabam por tomar uma poção de amor preparada pela aia da nobreza e, assim como na narrativa anterior: amor, paixão, desejo, arrebate avassalador.

E é assim que se tornam amantes, com Isolda ainda seguindo sua promessa de se casar com o rei. Inserindo o elemento clássico da traição entre amantes impossível de resistir. Dentro do romance, o casal é descoberto e dentre diversas narrativas, a mais comum é que Tristão se envenena (assim como a história de Romeu e Julieta), ao beijá-lo, Isolda também toma veneno, morrendo abraçados e apaixonados.

Assim é a história de Tristão e Isolda: o encontro de dois seres totalmente desafiados cujo fruto é a invenção de uma forma específica da relação entre os sexos, o amor trágico e absoluto. Suas vidas são um perpétuo desenraizamento de todos os territórios familiares, sociais, geográficos, e essa ruptura sempre reiterada é a condição de possibilidade para a emergência de um novo tipo de aliança entre o masculino e o feminino. O caráter absoluto dessa relação se dá pelo fato dela se originar no abandono a todas as pertinências e no descolamento de todas as regulações que tecem, a um dado momento, uma rede definida de constrangimentos nos quais se inscreve a união do homem e da mulher, a aceitação desse princípio de realidade, atribuindo à relação amorosa sua função social e sua legitimidade moral. Inversamente, um amor como o de Tristão e Isolda, construído sobre essas negações, não pode se realizar senão na morte, última e única territorialização disponível. É somente ao final de seu itinerário, quando estarão deitados no mesmo chão e na mesma paz, que um arbusto estenderá as raízes em seus corpos e os enlaçará por uma eternidade doravante sem história. (CASTEL, 1998, p. 174).

Além da análise de Castel, também podemos observar os elementos do nascimento da paixão arrebatadora, do herói romântico, os conflitos e da bravura e o ápice da paixão: a morte por amor:

O mito de Tristão e Isolda, ao contar o amor impossível de uma rainha e seu súdito, enaltece a fatalidade do sentimento amor-paixão e sublima aquele que sucumbe à sua força. Tristão subjuga-se a esse sentimento - a partir de então sacralizado - e assim, é elevado ao mito do herói, posteriormente transformado no herói romântico, figura pertencente ao imaginário do homem moderno e que perpassa toda a história do ocidente a partir do séc. XII. Nesse sentido, Tristão, além de ser herói no modelo antigo por matar dragões e gigantes, torna-se herói romântico quando supera os obstáculos para viver o seu amor. (SANTO, 2009, p. 451).

É importante compreendermos que o amor, retratado tanto em Romeu e Julieta quanto em Tristão e Isolda, é construído como um sentimento arrebatador, que eleva duas almas singulares em um furor único. Todo este processo de amor, de ser arrebatado, é uma construção marcada notadamente no século XII, que marca o nascimento do amor cortês, aquele que não era consumado, não envolvendo casamento ou propriedade, mas que era escrito por poetas, relatado por boêmios e que não se finaliza em enlances românticos. A dama era a parte inalcançável deste amor, tão ideal que por muitas vezes, trovadores escreviam por damas que se apaixonaram e sequer as conheciam, apenas de ouvir dizer. (BARROS, 2011) Como diz o excerto do trovadorismo: “A vida e dá só desenganos; É sempre o mesmo, eu nunca mudo; Só quero a ela, mais que tudo, A ela que só me dá tormento.” (Bernart de Ventadorn, Lo tems vai e vem e vir 1a estrofe apud BARROS, 2011).

Essa dificuldade refletia um amor infeliz por não se concluir, havia a espera para que a dama reconhecesse os esforços de seu amado na tentativa de concretizar a relação, mas apesar das inúmeras tentativas dos casais de se juntarem, sempre alguma impossibilidade ocorria e impedia a completude de seus sentimentos. Muito bem colocado por Cingria (1973, n.2, apud Rougemont, 1988, p. 63) sobre algumas obras deste período,

Em toda a lírica e na lírica de Petrarca e Dante há somente um tema: o amor; não o amor feliz, pleno ou satisfeito (esse espetáculo nada pode engendrar), mas, ao contrário, o amor perpetuamente insatisfeito; enfim, há apenas dois personagens: o poeta, que oitocentas, novecentas ou mil vezes repete seu lamento, e uma bela, que sempre diz não. (ROUGEMONT, 1988, p. 63)

O amor cortês era o contraponto à visão de vida conjugal estabelecida, até então, pela igreja católica. O casamento era visto como uma instituição que promovia a ordem e a reprodução da sociedade, ou seja, a manutenção de riquezas e poderes:

O Amor Cortês, em suma, deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece. Emoções e resultados os mais contraditórios harmonizam-se no seu seio, nas vidas intensas dos trovadores, nos seus poemas apaixonados. Em todo o caso, proclama a autonomia dos sentimentos face à racionalidade medida pelo saber erudito, face à religiosidade controlada pela Igreja na sua forma ortodoxa, face aos poderes e micropoderes exercidos pela família e pela sociedade para conservar o indivíduo sob o jugo de seus imperativos principais. (BARROS, 2011, p. 199).

Esses costumes feudais não eram sustentáveis,

os senhores tentam casar todas as filhas excluídas da partilha de sucessão, entregando-lhes dotes. Por temor de fragmentar a herança, mantêm solteiros os filhos homens, com exceção do mais velho. Multiplicando-se os solteiros, o século XII transformou-se no tempo dos jovens, dos cavaleiros celibatários, sonhando em vão encontrar donzelas para que possam se tornar senhores. Esses rapazes invejam quem tem esposa no leito. Não é uma questão sexual, o que desejam intensamente é ter uma companheira legítima, a fim de fundar sua própria casa, estabelecer-se. (LINS, 2009, p. 64)

Esse é o cenário do amor cortês, que inverte uma lógica estabelecida, ao mesmo tempo que se enquadra enquanto um padrão que visa organizar os conflitos surgidos a partir das dinâmicas de matrimônio vigentes até então. Essa nova gramática afetiva regulava as relações fora dos casamentos, como citado anteriormente, e estabelecia as dinâmicas de cortejo e busca do amor sublime. Funcionando como um complemento ao matrimônio e regulando os problemas políticos surgidos a partir das dinâmicas existentes anteriormente.

Importante ressaltar que o amor cortês surge no período em que as mulheres estavam submetidas legal, cultural e socialmente aos desejos e vontades dos homens, sendo entendidas apenas como receptoras para a maternidade. O amor cortês inverte a ordem estabelecida, colocando as mulheres enquanto foco de desejo dos homens que buscam a todo custo receberem seu amor. Portanto, nessa época, em que a selvageria e a devassidão masculina eram a norma, os conceitos trovadorescos de cavalheirismo, apesar de não serem novos, foram, de fato, revolucionários. (LINS, 2009, p. 59)

Apesar de inverter a lógica estabelecida, ainda não se estabelece uma conexão clara entre o amor, o casamento e o prazer sexual, sendo entendidos enquanto esferas

distintas que são encontradas em locais distintos. O amadurecimento dessas questões e suas futuras conexões ocorrem posteriormente com a origem do amor romântico.

## 2.2 O PECADO, O AMOR E O GOZO

O amor é uma paixão, tanto para o melanésio quanto para o europeu, e atormenta a mente e o corpo em maior ou menor extensão; conduz muitos a um impasse, um escândalo ou uma tragédia; mais raramente, ilumina a vida e faz com que o coração transborde de alegria. (MALINOWSKI, 1929, p. 69).

Neste tópico, trago as características deste amor e seus desdobramentos na sociedade ocidental. Assim, a base para pensar essas relações parte das inquietações: como o amor romântico se estrutura e quais são os pontos presentes nessa gramática afetiva do romance?

Desde o amor cortês, os constantes conflitos entre amor versus morte e o casamento arranjado versus verdadeiro amor são “os ingredientes de uma história amorosa que realiza o amor extremo e que o concretiza na metáfora da mulher que sem o saber devora o coração do trovador, ao qual vai depois se juntar no abraço definitivo da própria Morte”. (BARROS, 2011, p. 197).

Os conflitos que permeiam o amor surgem como problemas a serem resolvidos a partir da “paixão à primeira vista”, momento em que os amantes se entendem enquanto apaixonados, vislumbrando a existência do outro como única razão possível para sua vida, como nos evoca a construção de Romeu e Julieta, mas essa atração precisa ser distinta das compulsões sexuais,

o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. A importância deste dificilmente pode ser muito enfatizada. O amor rompe com a sexualidade embora a abarque; a virtude começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como especial. (GIDDENS, 1992, p. 51)

Essa pessoa especial e esse sentimento sublime acontece, pois os sujeitos da história se entendem de forma individualizada. Como pontuado por Giddens (1992), é uma narrativa pessoal, focada na auto realização e na liberdade; que não teria vínculo com os processos sociais mais amplos, no qual:

esse imaginário amoroso rompia os laços com o amor cortesão, exclusivamente voltado para a perpetuação do equilíbrio político das casas e linhagens nobres para conservar o prestígio dos senhores aristocráticos, e contribuiu para a difusão da crença no amor como 'virtude privada', sem compromissos com ideais públicos (COSTA, 1998, p. 64).

Segundo excerto de Costa, o surgimento do individualismo impulsionou a construção da lógica romântica que se contrapõe ao contexto coletivo em que os sujeitos estão inseridos. Pensando a partir das obras clássicas citadas acima, por mais que as histórias versem sobre sujeitos que se amam e batalham para ficar juntos, essa batalha e as histórias em si só fazem sentido a partir da explicação do contexto de conflito em que os amantes estão inseridos. No caso de Romeu e Julieta, o relacionamento dos jovens apaixonados ameaça a ordem em que as famílias estão inseridas, ampliando duelos e conflitos constantes. Assim, a vida privada e a ordem pública, ao se misturar, evocam esse contexto de luta, já que o amor devia ser privado e correspondendo às expectativas sociais de quem e como apaixonar-se.

É importante notar também que a questão monetária é algo muito presente nos conflitos gerados a partir da lógica do amor romântico. É possível fazer uma leitura de Romeu e Julieta como um amor que se contrapõe à lógica monetária, pois a construção do texto está recheada de referências ao dinheiro e riqueza das famílias, tais como:

Mais rico o sentimento em conteúdo do que em palavra, sente-se orgulhoso com a própria essência, não com os ornamentos. São só os mendigos que contar conseguem quanto dinheiro têm. Mas a tal ponto meu amor verdadeiro tomou vulto, que a metade, sequer não me é possível avaliar do que tenho (SHAKESPEARE, 2011, p. 62)

Dessa forma, “embora o dinheiro, os números e os cálculos não possam ser a medida do amor de Julieta, tornam-se a referência possível para expressar essa impossibilidade” (RUSSO, 2003, p. 6). O casamento arranjado, por dinheiro e perpetuação de posses se contrapunha ao imaginário do verdadeiro amor romântico, que era entendido quase como uma forma de transgressão às normas, um ato de liberdade e autonomia. Assim, o casamento e o amor romântico eram contrapontos que se completavam. Tal paradoxo foi se acentuando entre os séculos XIV e XV, no qual a mulher, vista como pura e idealizada, tornava-se cada vez mais próxima da figura da

Virgem Maria. Por outro lado, surgia toda uma literatura e relatos de experiências ligadas à sexualidade e à liberdade.

Misticismo e pecado, normas e desregramento coabitavam na prática e nas representações. Sermões tenebrosos sobre o Juízo Final conviviam com uma literatura erótica cuja especialidade era o gênero pastoral, caro às cortes que se deliciavam em ouvir ou ler sobre amores de pastores e pastoras. (PRIORE, 2006, p. 82)

A igreja católica foi uma das instituições que mais reforçou (e reforça) essa distinção entre casamento e afetividade, criando recursos para limitar ao máximo a obtenção de qualquer prazer sexual dentro do casamento. A relação sexual tinha como única e exclusiva função a procriação, qualquer outra possibilidade era entendida como pecado e veementemente rechaçada.

## **2.3 O SÉCULO XX E XXI E UM AMOR DE CONSUMO**

Foi apenas a partir do século XVIII que a união entre casamento e amor romântico começou a dar seus primeiros passos. Para Duby (1990), a burguesia da época, no ocidente, operou uma forma de revolução afetiva, associando o amor ao casamento e afastando a visão deste sentimento relegado apenas aos amantes. Esse foi o primeiro momento em que o casamento e o amor romântico se viram enquanto complementares na vida dos sujeitos da época. O casamento tinha o amor como a consolidação da “amizade perfeita”, uma união em um sentimento divino. Muito bem pontuado por Priore, durante os séculos XV até meados do XIX existiu uma vasta literatura tida como moralista, que entendia como papel do amor no cotidiano, no casamento, como justificável apenas:

no serviço de orientação conjugal com o qual eram torpedeados os casais: a primeira causa era a procriação e a educação dos filhos no temor a Deus. A segunda, é que o matrimônio se destinava a ser um remédio contra o pecado, um antídoto à fornicção. A terceira, ele deveria ser o instrumento de auxílio à mútua convivência, ajuda e conforto que um esposo prestasse ao outro. (PRIORE, 2006, p. 87)

Dessa forma, podemos entender o amor, dentro do matrimônio, por uma perspectiva foucaultiana de dispositivo<sup>7</sup> que auxilia o controle das tensões sexuais existentes dentro e fora dele. Não podemos deixar de lado o impacto da revolução industrial na reestruturação da vida dos sujeitos daquela época e na construção de novos valores e possibilidades aos laços afetivos. Segundo pontuado por Lins (2009, p. 143), a industrialização trouxe consigo as cidades, multidões, variedade, luxo e acentuou o individualismo que tinha um dos seus braços no romantismo. A independência econômica fica mais tardia e o seio familiar deixa de ser o principal espaço de interação e sociabilidade dos jovens. Essas potentes transformações acabam por afetar a vida e, conseqüentemente, o casamento dos sujeitos que a vivenciam.

Até a primeira metade do século XX o casamento era uma forma de se situar socialmente em meio ao furor e movimentação das cidades. Assim, entende-se que o:

amor romântico, quando se estabilizou como uma norma de conduta emocional na Europa, respondeu à anseios de autonomia e felicidade pessoais inequivocamente criativos e enriquecedores. Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos. (COSTA, 1998, p. 19).

O foco no trabalho tornava a profissão e renda dos sujeitos um atributo muito mais atrativo para a escolha de um parceiro do que qualquer outra característica psicológica. O casamento funcionava como uma forma de sustentar e dar apoio entre seus participantes na manutenção de suas vidas e de seus filhos. A religião ainda permanecia como forte responsável pela estruturação dessas conjugalidades. Onde o sagrado era visto como uma recompensa pós morte para todos os que tivessem passado por problemas e dificuldades na vida. A razão dita as regras, sendo assim “a vida emocional passava a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas” (GIDDENS, 1992, p. 51), essa reordenação estabelece que:

marido e esposa aparecem mais como colaboradores em um empreendimento emocional conjunto. O “lar” passa a ser considerado como um ambiente distinto separado do trabalho e converte-se em um lugar em que se pode esperar apoio emocional, segurança, em contraste com o caráter instrumental do local de

---

<sup>7</sup> Por dispositivo entendo um “conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, filantrópicas e morais” (FOUCAULT, 2000, p.244).

trabalho. Ocorre em paralelo uma tendência a se limitar as grandes famílias. (RUSSO, 2003, p. 14)

Todas essas mudanças têm como força motriz a revolução industrial, uma maior expressão da individualidade e a conseqüente diminuição da esfera comunitária. Os indivíduos se veem mais como os sujeitos independentes em seus grupos familiares que se tornam cada vez menores. A individualidade toma fôlego com o fortalecimento da lógica monetária nas grandes metrópoles, tendo o dinheiro como uma das ferramentas para que o indivíduo tenha capacidade para que os interesses “pessoais se sobreponham aos interesses coletivos e com isso contribui para o fortalecimento do amor, enquanto esfera pertencente exclusivamente ao indivíduo.” (RUSSO, 2003, p. 76).

Percebemos, desta forma, um paradoxo em que as relações afetivas deixam de ser construídas pensando na perpetuação do poder econômico de grandes famílias e grupos, para serem constituídas pensando em uma maior individualidade, que é alavancada pelas condições monetárias dos indivíduos. O dinheiro e a diminuição da esfera comunitária, em detrimento do individualismo, são as chaves para se entender o desdobramento das gramáticas afetivas que irão se estabelecer no próximo século. Com isto, percebemos que o amor romântico se estabelece essencialmente por três motivos:

1) porque favoreceu a formação da família nuclear e suas conseqüências sócio-afetivas como o cuidado das crianças, a conversão das mulheres em mães, a conversão dos homens em pais, a divisão dos humanos em heterossexuais e homossexuais etc.; 2) porque incentivou o aprendizado da autonomia e da independência burguesa e utilitaristas, diante dos interesses grupais das linhagens e casas aristocráticas e 3) porque ofereceu ao burguês recém nascido uma experiência de êxtase físico-sentimental que veio a substituir outras experiências culturais extáticas como o êxtase religioso, os êxtases da violência das guerras, os êxtases dos rituais orgiásticos etc (COSTA, 1999, p. 4)

A partir do século XX, a socióloga franco-marroquina Eve Illouz (2011) nos apresenta de que forma o amor romântico e o mercado se entrelaçam, como o desenvolvimento do capitalismo se deu em conjunto com uma gramática afetiva específica. A autora utiliza como base a sociologia das emoções e tendo como contexto de produção e análise as experiências e transformações do amor romântico no EUA, ela debate de que maneira o capitalismo uniu de forma definitiva o casamento e o amor romântico, tendo como um dos pontos principais para este entendimento a valorização

do indivíduo, presente no amor romântico, e sua extrema importância para a lógica capitalista. Com isso,

Os discursos e práticas afetivos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento lerdo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (ILLOUZ, 2011, p. 12)

Os contextos e rituais românticos passam, neste momento, a serem entendidos e comercializados enquanto mercadorias. Afetos e sentimentos são introduzidos em uma lógica mercadológica que transforma estas esferas em produtos a serem consumidos e distribuídos. Os amantes, nesta perspectiva, se sentem como agentes de transformação por meio de um sentimento que estimula a sensação de revolução interna dentro deles. Essa força motora que o amor romântico incendeia dentro dos indivíduos se configura enquanto uma das últimas fontes geradoras de utopias de transformação e ruptura da ordem cotidiana, pontos extremamente necessários para a lógica capitalista. Percebe-se que o amor romântico e o capitalismo estão longe de serem excludentes, eles se correlacionam de forma muito íntima.

Por outro lado, essa força transgressora tem potencial limitado, relegando os amantes apenas uma pequena mudança nas suas gramáticas afetivas, mantendo-os presos em uma esfera de possibilidades e ofertas dentro de um mesmo mercado romântico. A pretendida ruptura se efetiva mais como uma pequena mudança de esferas de sociabilidade do que como uma mudança em si. A partir do século XX o capitalismo, e mais especificamente o mercado, passou a orientar os valores românticos por meio de símbolos e signos determinados. A utopia de um amor transgressor foi perfeitamente combinada com uma lógica de consumo e lazer. Essa utopia romântica é:

um reino da imaginação em que os conflitos sociais são simbolicamente resolvidos ou apagados através da promessa e da visão de harmonia final, em ambas as relações políticas e interpessoais. A utopia utiliza poderosos símbolos emocionais, metáforas e histórias que permeiam tanto o grupo como a imaginação individual, tem poder vinculativo na medida em que orienta a ação individual e coletiva. Mas para os símbolos utópicos terem poder vinculativo, eles devem descansar em uma configuração das relações sociais que os torna relevantes para a ordem social. No nosso caso, essa configuração foi o "encontro" entre o inchaço de mercados consumidores de lazer evoluindo as definições de família, intimidade e sexualidade (ILLOUZ, 1997, p. 48).

Todo esta vinculação entre a utopia romântica e a lógica de consumo leva a autora e construir o conceito de “capitalismo afetivo”, definido como:

uma cultura em que os discursos e práticas afetivos e econômicos moldam uns aos outros, com isso produzindo o que vejo como um movimento largo e abrangente em que o afeto se torna um aspecto essencial do comportamento econômico, e no qual a vida afetiva – especialmente a da classe média – segue a lógica das relações econômicas e da troca. (ILLOUZ, 2011, p. 08).

Todo este processo produz fenômenos sociais que abarcam os afetos dentro da lógica econômica. O conceito de capitalismo afetivo serve para exemplificar como os produtos do capitalismo regulam e organizam as emoções, construindo uma gramática afetiva específica e compartilhada por todos os que estão dentro do sistema. Nesta gramática afetiva, que é inaugurada no século XX, os afetos são constantemente discutidos, avaliados, repensados, negociados, quantificados e, conseqüentemente, mercantilizadas.

Conseguimos perceber como o amor romântico tradicional “concentrava homens e mulheres no mesmo universo emocional e moral e definia sua união com base em imperativos econômicos, éticos ou religiosos” (GAIAD, 2019, p. 34). Mas por conter em seu bojo as noções de individualidade, liberdade, auto-afirmação

ele passa, junto com a pulsão sexual, a determinar livremente a escolha subjetiva do parceiro, invertendo o sentido do casamento: se na tradição o amor estava em segundo plano na união do casal, devendo ser construído ao longo do tempo pela intimidade, na modernidade é ele o motivo desta união e o responsável pelo seu sucesso. (GAIAD, 2019, p. 34)

Agora o amor passa a ser o ponto central da união entre pessoas. A individualidade permite que esses sujeitos empreendam relacionamentos motivados unicamente pela expressão de seus desejos. Essa liberdade de escolha afetiva, por outro lado, trouxe um maior desregramento nas construções afetivas e suas possibilidades. Como o amor está no campo do indivíduo, a incerteza de saber o que o outro sente, o risco e a insegurança acabam por se tornarem padrões de sentimento nas relações contemporâneas. Impactando diretamente na forma com que estas relações são construídas e mantidas.

E nesse ponto é importante ressaltar que essa liberdade de escolha afetiva não funciona de forma igual para ambos os gêneros. Illouz pontua que “A liberdade sexual se

assemelha à liberdade econômica e assim organiza e, inclusive, legitima as desigualdades [de gênero] de maneira implícita” (ILLOUZ, 2012, p. 88). O trabalho e o lar deixam de ser um território de domínio exclusivamente masculino, por sua vez eles transferiram para “o sexo e para a sexualidade o controle que antes exerciam no lar, de forma que campo sexual se transformou no âmbito no qual podiam expressar e exibir sua autonomia e sua autoridade”. (ILLOUZ, 2013, p. 103). Essa desigualdade também pode ser perceptível pela autora no desejo de ter filhos e uma família estável, que acaba encontrando na biologia um ponto de distorção. Enquanto homens conseguem manter a fertilidade por mais tempo, não se tornando uma questão ou limitação, as mulheres são obrigadas a se atentarem ao seu “relógio biológico”.

Conseguimos perceber que a gramática afetiva pautada na liberdade de escolha, individualidade e autonomia encontra reverberação de forma diferente entre os gêneros e promove um crescimento exponencial das possibilidades de relacionamento entre os sujeitos. A eterna busca por parceiros românticos, apresenta um desdobramento onde “a liberdade sexual e emocional gera sua própria forma de sofrimento” (ILLOUZ, 2012, p. 86).

## **2.4 UM AMOR TRANSTUPINIQUIM**

O que eu gosto mesmo é brincar com os sentimentos dos homens. Eles nunca levaram a sério meu amor, nunca permitiram me amar. Agora minha paixão é brincar com o sentimento deles.  
(Nadinne, 2020)

Tomando como base a desigualdade de gêneros citada acima, e a despeito do poder explicativo do trabalho de Illouz, uma ressalva possível à sua abordagem é o fato de ser excessivamente centrado em relações baseadas na lógica heteronormativa, o que exige o estabelecimento de mediações que deem conta daquelas relações marcadas por estigmas e pela busca de reconhecimento, como as dos sujeitos desta pesquisa, ainda que dependam das representações do amor modeladas pelo casamento heterossexual. Desta forma, é importante estabelecer algumas ressalvas e particularidades desta análise no contexto brasileiro e, também, no que diz respeito aos relacionamentos

empreendidos por pessoas travestis e transexuais. Nesse sentido, uma mediação possível encontra-se no trabalho da socióloga radicada no Brasil, Miriam Adelman (2011), que apresenta como os desdobramentos das análises desenvolvidas por Illouz apontam para uma lógica heterossexual e monogâmica.

A lógica heteronormativa<sup>8</sup> possui, na perspectiva analisada por Illouz, um papel chave na manutenção e construção da gramática do amor romântico entre homens e mulheres. Novas configurações afetivas não cabem dentro desta lógica heteronormativa que pauta o amor e são constantemente questionadas. Desta forma, relacionamentos que não se pautam dentro da monogamia, sexo recreativo mas com intenções procriativas e a possível coabitação dos parceiros são, constantemente, colocados em cheque como empreendimentos que não possuem amor. Sendo, desta forma, um sentimento e um relacionamento não validado por essa gramática afetiva vigente.

Mas como pensar os relacionamentos afetivos que fogem, em certos aspectos, da lógica da heteronorma e, conseqüentemente, escapam às definições de amor romântico e de toda uma gramática afetiva que une este formato de relacionamento com uma lógica mercadológica. Adelman (2011) traz uma provocação a este ponto, questionando se:

não seria melhor ir além do “par” e abrir a questão para outra, mais ampla, sobre como podemos construir subjetividades e sociabilidades em “interrupções subversivas” – seja em relação a uma pessoa, quatro pessoas, ou outros grupos ou espaços de vida? Será que a chave a uma experiência tão poderosa, ou tão empoderadora, precisa atrelar-se à possibilidade do casal de amantes? (ADELMAN, 2011, p. 126)

Mais do que se atrelar a possibilidade de casais amantes ou a de relações estruturadas dentro de uma lógica heteronormativa, minha questão leva em consideração pessoas que fogem dessa lógica. Leva em conta Nadinne, com seus relacionamentos que não se delimitam pelas lógicas da monogamia e que tem no aspecto financeiro um ponto crucial na sua construção. Leva em conta Marcella, leva em conta Agnes, leva em conta diversas travestis e transexuais que tive contato durante o período

---

<sup>8</sup> por heteronormatividade [...] aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral (BERLANT; WARNER, 2002, p.230)

desta pesquisa e antes dela. Pessoas que são entendidas enquanto à margem da sociedade, entrando em uma lógica de abjeção. Sendo alvo constante de violências e tendo seus espaços de circulação e vivência constantemente contestados. A abjeção entendida pela perspectiva de Judith Butler: “O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante.” (BUTLER, 2002, p. 161).

Importante ressaltar que este trabalho parte do pressuposto que os relacionamentos empreendidos pelas travestis e transexuais, com outros homens, são relacionamentos heterossexuais. Não uma heterossexualidade que se pautem em um padrão macho/pênis/homem versus fêmea/vagina/mulher, mas uma heterossexualidade que escape a uma lógica heteronormativa, levando em conta mais a expressão de gênero do que a genitália da pessoa para entender e classificá-las neste espectro. Isto ocorre pois:

Nas relações conjugais envolvendo o do sistema simbólico próprio das travestis “as relações com o mesmo sexo só podem ser entendidas/experimentadas se masculino e feminino estão presentes em um casal”. Assim, o gênero transgride o sexo, impondo-se como construção/adequação ao que seria natural e por isso visto como o correto. (PELÚCIO, 2006, p. 524)

O imaginário social relega as travestis e transexuais enquanto detentoras de uma sexualidade exacerbada, um comportamento violento e, conseqüentemente, ambientadas neste imaginário como sujeitos existentes apenas para saciar os desejos sexuais de clientes nos ambientes em que a prostituição existe. Por estarem à margem da sociedade legitimada, trazem consigo o estigma do desejo e da repulsa. Sendo alvo de paixões e ódios em diversos ambientes. De forma breve, a existência delas enquanto sujeitos abjetos na sociedade explicaria o Brasil enquanto o país com maiores taxas de homicídio desta população e, também, um dos países que mais consome pornografia e prostituição travesti e transexual.

Desta forma, as travestis são sistematicamente relegadas às margens da sociedade, sendo-lhes muitas vezes negadas as mínimas condições de educação e/ou apoio, com isto, acabam encontrando na prostituição as referências e bases para construção de suas vidas, padrões estéticos, identitários e afetivos. Essa realidade,

juntamente com as construções sociais do que é um relacionamento afetivo válido e saudável, leva as travestis e transexuais a se colocarem em um paradoxo dentro da heteronormatividade. Por um lado, a simples existência de seus corpos transgridem e subvertem a lógica heteronormativa, mostrando como esta lógica que entende os afetos por meio de binômios homem e mulher não consegue abarcar a vida destas pessoas. Por outro lado os relacionamentos empreendidos por estes sujeitos buscam, mesmo que de forma inconsciente, reproduzir a lógica heteronormativa.

Mostrando que mesmo os sujeitos que possuam lógicas afetivas supostamente inaceitáveis, estão enquadrados em um binarismo de gênero que organiza suas práticas, atos e desejos a partir do modelo do casal heterossexual reprodutivo (PINO, 2007, p. 160). Este ponto será desdobrado mais a frente, mas trago que por mais que minhas interlocutoras empreendam uma gramática afetiva que é pautada na livre expressão de seus desejos, possuindo frequentemente múltiplos parceiros, frequentando festas de sexo e etc, os parceiros que buscam sempre estão marcados por uma lógica de gênero bem definida: homens, másculos, fortes, viris, bem dotados e etc. Esse era o tipo físico que frequentemente Nadinne me desenhava em suas aventuras afetivas e sexuais. Mas apesar deste ser o tipo que ela sonhava, não necessariamente era o único tipo com quem ela saía. Seus parceiros eram diversos, mas o seu ideal de homem para se relacionar tinha essa construção bem específica fisicamente. Apesar de se relacionar com muitos homens, por conta da prostituição, das festas de frequentava e etc. Nadinne escolhia a dedo os homens que eu poderia conhecer. Sempre que encontrei um de seus “namorados” na casa dela, era um homem extremamente másculo e, frequentemente, após ele ir embora, Nadinne fazia questão de me mostrar os atributos sexuais dele. Tamanho do pênis, performance na cama e outros registros feitos pelo celular.

Não podemos partir do pressuposto que os relacionamentos empreendidos por pessoas que se entendem enquanto travestis e transexuais se enquadrem ou escapem totalmente desta lógica mercadológica e heteronormativa desenhada por Illouz. Enquanto pessoas que não se adequam a lógica sexo/gênero estabelecidas durante seu nascimento, as pessoas transexuais e travestis buscam, durante sua vida, uma readaptação de seu corpo para uma figura feminina mais adequada com aquilo que sentem e como se entendem, “as travestis são pessoas em processo, sempre em

construção, nunca acabadas. Vão se fabricando a partir de diversas tecnologias, inclusive as de gênero” (PELÚCIO, 2004, p. 129).

Enquanto Pelúcio identificou que as travestis, ao relatar e experienciar seus relacionamentos:

Sonham em serem aceitas, e para tal se referenciam nos padrões de conjugalidade e parentalidade ditos normais: monogâmicos, pautados em relações não-comerciais de sexo, centrados na família nuclear, na qual a mulher/esposa se encarregaria da administração do lar e dos cuidados com este, enquanto o homem/marido, de provê-lo. (PELÚCIO, 2006, p. 532).

O meu campo tem me mostrado uma maior multiplicidade de experiências afetivas que tem como base relacionamentos que não necessariamente estão pautados na lógica monogâmica e, principalmente, em relações não comerciais. Os sujeitos de minha pesquisa concebem uma gramática afetiva complexa, que flerta com a visibilidade, aceitação e união estável, ao mesmo tempo que caminha por relacionamentos poligâmicos e marcados por uma lógica mercadológica, não necessariamente ligados à prostituição. É interessante pontuar como a demonstração de afeto é utilizada como uma arma para distanciar um pretendente indesejado, segundo Nadinne.

Ela já relatou algumas vezes “que gosta de brincar com o sentimento dos homens”. Por não ser aceita e entendida como um relacionamento legítimo por grande parte de seus parceiros, ela acabou criando esta estratégia para conseguir lidar com estes fatos. Quando ela quer encerrar um relacionamento, mesmo que breve, com algum companheiro, segundo suas palavras, ela o abraça forte, olha nos olhos dele e diz que está começando a se apaixonar. Segundo ela, esta frase é um gatilho para que o homem se afaste. Ocorrendo isto, segundo ela, por um receio que estes homens têm de se comprometerem com travestis.

Por diversas vezes Nadinne me pontuava, em nossas longas conversas, que ela só namoraria novamente se o homem em questão aceitasse e participasse da vida de “putaria” que ela queria levar. E por “putaria” Nadinne estava se referindo às festas de swing onde diversos casais e pessoas solteiras se juntam buscando o prazer sexual sem necessariamente terem um envolvimento afetivo que resulte em uma construção de relacionamento nos moldes monogâmicos. A perspectiva de um companheiro que a acompanhe em seus espaços de diversão sexual, sem a impedir ou limitar, é algo

extremamente valorizado por ela, sendo uma restrição para alguns tipos de relacionamento em que ela se envolve. Ressalto alguns tipos de relacionamento pois existe uma diferença entre o homem que vai ser seu namorado<sup>9</sup> e o homem que vai ser seu marido. Nadinne sempre utiliza a figura do marido<sup>10</sup> para falar dos relacionamentos em que o homem a leva para jantar e paga alguns regalos e presentes para ela.

As figuras de marido, namorado, bofes, ocós e ficantes apareciam de forma mais ou menos expressiva em trabalhos anteriores, (KULICK, 2008; SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2009, 2011a, 2011b; DUQUE, 2011). Apenas em um artigo de PELÚCIO, 2006 essas figuras tomaram um corpo de análise mais robusta, tendo as relações afetivas entre travestis e seus maridos destrinchados pela autora. Entretanto, busco aprofundar a análise dos sistemas valorativos que regem estes relacionamentos. Conseguimos perceber com esta pesquisa que somam-se as questões acima os relacionamentos que fogem da lógica do amor romântico, em partes, mas ainda assim estão cooptados pela lógica mercadológica.

No que tange a questão mercadológica dentro dos relacionamentos afetivos, a prostituição se encontra como uma das formas de vivenciar o afeto, assim entendo o afeto e o dinheiro/prostituição como esferas que não estão separadas. Segundo Adelman:

na medida de estar havendo de fato um declínio do caráter compulsório do casamento para a vida adulta, o que permite também uma maior separação, para homens e mulheres, de satisfação de necessidades sexuais, eróticas e de convívio, muitas outras formas de conjugar – e des-conjugar – estes diversos tipos de desejos e necessidades tornam-se possíveis. (ADELMAN, 2011, p. 134)

Essas novas formas de se relacionar e buscar afeto encontram dentro da prostituição, ou de relações mediadas pelo dinheiro, novas possibilidades de existência e reconhecimento. Não tendo, necessariamente, o dinheiro como desvalidador ou deslegitimador das experiências afetivas empreendidas. Constantemente presenciei Nadinne ensinando para sua filha e sua neta sobre o tipo de homem que elas deveriam se envolver afetivamente. Segundo suas palavras:

---

<sup>9</sup> Entre minhas interlocutoras, a categoria “namorado” surgiu novamente. Irei abordar isto nos próximos capítulos, mas é importante ressaltar que essa categoria não foi comumente mobilizada por travestis e transexuais em outras pesquisas.

<sup>10</sup> A diferenciação entre maridos e namorados será abordada no detalhe nos próximos capítulos

“ser travesti custa, meu cabelo custa, meu corpo custa, minhas unhas custam, meu perfume custa. O boy tem que saber o tanto que eu invisto para ser quem eu sou. E vocês tem que saber o valor de vocês. Ele quer sair com vocês, pague o restaurante. Pague uma conta. Pague um boleto. Pague alguma coisa. Se a gente tem que gastar, eles tem que investir”. (NADINNE).

Apesar de ser uma relação mediada por dinheiro, este não aparece como um fator negativo, uma negação ou questionamento à validade do sentimento do homem por elas. Ao contrário, o dinheiro era como uma afirmação de que o homem sabe valorizar sua parceira, o trabalho e o custo que tem para ela ser o que é e manter a estética que possui. Este relato versa sobre relacionamentos amorosos. Minhas interlocutoras diferenciavam este tipo de relação mediada por dinheiro da prostituição em si. Dessa forma:

qualquer pensamento que reforce binômios que colocam de um lado amor e afeto e de outro, cálculos de interesse, ou que sustentem a tese de “duas lógicas” claramente diferentes para o mercado e para a vida íntima, correm muito risco de reforçar – conscientemente ou não – processos de normalização promovendo alguns tipos de relacionamentos e sociabilidades, ao mesmo tempo que varre outros imediatamente para o campo do estigma, desvalorização, abjeção. (ADELMAN, 2011, p. 135)

Não existirá, assim, um juízo de valor neste trabalho que busque entender se tal relação ou sentimento expressado é mais ou menos verdadeiro, mais ou menos legítimo. Parte-se do pressuposto que a configuração afetiva que estou analisando é válida e verdadeira pelo simples fato de ser localizada em um tempo, espaço e com um grupo de sujeitos específicos. O afeto enquanto definição sociológica não busca uma verdade em si, mas a expressão de um fato sociológico como tal.

E entendo aqui o afeto como uma linha explicativa e lógica na construção das narrativas e experiência de vida de minhas interlocutoras. Onde:

A maior parte de nossas vivências e lembranças estão implicadas nas tramas emocionais e sentimentais que construímos na interação com nossos semelhantes e ao nosso redor. Nossa felicidade, nosso bem-estar psíquico e emocional, nossos sonhos e anelos, nossas esperanças e nossa energia se desenvolvem em torno de nossas relações afetivas. Elas são o que nos provocam dor, tristeza, confusão, lágrima; também nossas frustrações, decepções, preocupações e obsessões estão em sua maior parte determinadas por nossos afetos. (GOMEZ, 2012, p. 21-22).

Desta forma, este trabalho serve como forma de questionar como o amor romântico é pensado e reestruturado por sujeitos que são colocados pela sociedade como abjetos. Como essa lógica é distendida e torcida pelas minhas interlocutoras,

buscando relações que ao mesmo tempo se aproximam e se distanciam de toda uma gramática afetiva que informa a sociedade atual. Pensar que nem todos os sujeitos experienciam a mesma gramática afetiva desenvolvida pela lógica do amor romântico na atualidade é fundamental. E pensar isto é ir além do recorte de gênero. É pensar em outros marcadores sociais da diferença, como classe e raça. As experiências de travestis e mulheres transexuais em seus relacionamentos encontram diferenças de acordo com os recortes e segmentos que estão inseridos. Importa para nós saber se os sujeitos desta pesquisa são brancas ou negras; classes altas, médias ou baixas; a que geração pertencem e etc.

A solidão da mulher negra foi discutida por Claudete Souza, afirmando que esta solidão é “individual, comunitária e coletiva, pois faz parte de uma construção histórica, social e política cravada pela dimensão de gênero e étnico-racial” (2008, p. 57). Como fica a dimensão de mulheres que possuem um processo de abjeção extremo como as trans e travestis? A dimensão do não afeto, da solidão, da reconstrução de uma gramática afetiva é constantemente agenciada por esses sujeitos em busca de um pertencimento em uma sociedade que constantemente as repele. Se Souza informa que esta solidão está na vida destas mulheres negras como um todo, questiono como essa solidão se apresenta na vida de algumas mulheres transexuais e travestis que, tem seus relacionamentos afetivos relegados a uma lógica do segredo e não publicidade, tendo um gramática afetiva ligada a não monogamia, tendo uma grande demanda por relações sexuais pautadas na lógica monetária, isto é, na prostituição.

Illouz afirma que:

Deste modo, ao invés de patologizar a conduta masculina, deveríamos nos perguntar que tipo de relações sociais possibilitam e, mesmo, fomentam o medo ao compromisso ou à falta de compromisso nos homens, quais são os registros culturais que fazem dela [a falta de compromisso] significativa, legítima e prazerosa (ILLOUZ, 2012, p. 100).

Essa mesma pergunta cabe, sem torções ou modificações, para questionar o motivo que leva os homens a terem dificuldades em assumir uma relação afetiva com travestis e mulheres transexuais. A pergunta se mantém, mas a resposta se complexifica. No caso de minha pesquisa, o motivo vem não apenas por um medo do compromisso. Mas um medo do que significa assumir publicamente um relacionamento com uma

mulher transexual ou travesti. Existe um cálculo que é feito tanto pelos sujeitos de minha pesquisa, quanto pelos seus pares afetivos, que leva em conta a publicidade da relação, os espaços de circulação, os modos de se relacionar e etc.

Por espaço de circulação e afetos, não pretendo fazer uma discussão aprofundada sobre as novas formas de encontros de parceiros afetivos, como é o caso dos aplicativos de relacionamento. Essa empreitada por si só demanda todo um trabalho robusto para conseguir fazer uma discussão aprofundada, visto que “Refletir acerca dos relacionamentos virtuais é refletir sobre a mais radical mudança no campo dos relacionamentos humanos na época contemporânea” (GONÇALVES, 2002, s/n) . Por outro lado, não posso deixar essa perspectiva digital de fora da gramática afetiva construída por minhas interlocutoras. Além de aplicativos, as redes sociais são outro meio muito importante para a publicização e divulgação do relacionamento em uma reafirmação de sucesso com seus pares.

Essa publicização e interação mediada pelas redes digitais:

transformaram-nos como seres desejantes, estenderam a nós novos horizontes aspiracionais marcados por expectativas e ideais muito diferentes dos que moldavam as vidas sexuais e amorosas construídas predominantemente face a face. Assim, esses novos desejos passam a moldar as vidas das pessoas tornando-as mais atentas à sua própria aparência, incentivando-as a aderir a tecnologias corporais como dietas, exercícios, além do uso de cosméticos e o maior apuro ao vestir. (MISKOLCI, 2017, p. 100)

Os procedimentos estéticos e os cuidados com a beleza para ter um encontro, participar de uma festa ou até mesmo para cuidar da aparência em si, são um momento oportuno para se utilizar das mídias digitais para mostrar como esses cuidados fazem parte do dia a dia de minhas interlocutoras e, também, para demarcar um status social específico. Os relacionamentos entram nesta lógica como um suporte e uma moeda de troca, sendo publicizados da mesma forma, para que as outras vejam o sucesso de uma de minhas interlocutoras em seus relacionamentos afetivos.

As mídias digitais e as novas formas de comunicação e interação que tomam como base a internet, são entendidas como “como meios que permitem criar redes relacionais seletivas dentro de uma espécie de mercado amoroso e sexual, o qual ascendeu a partir da chamada Revolução Sexual e agora apenas passou a ser visualizável por meio de sites e aplicativos” (MISKOLCI, 2016, p. 26). A utilização de

redes como facebook e instagram pelos sujeitos de minha pesquisa ocorre de forma diária e com alta frequência de publicações e stories. Estas redes funcionam, em alguns casos, como validador das relações e afetos conquistados. Por exemplo, enquanto Nadinne se utiliza das redes postando conteúdos de militância LGBTQIAP+, informações sobre seus trabalhos profissionais (fora da prostituição), seu canal de jogos e etc. Marcella utiliza suas redes para publicizar seu trabalho e, na mesma medida, o dia a dia de sua vida de casada. Fotos de seu casamento, seu marido, passeios em família e etc. No próximo capítulo trarei com detalhes essas questões e o desenho das informações e percepções que tive em meu campo.

### **3 O VESTIDO DE PEDRARIAS: FEMINILIDADE E TRAVESTILIDADES**

Nos capítulos anteriores, conhecemos como a pesquisa foi formatada, como os sujeitos de pesquisa entraram em minha vida e como se formou o estado da arte que envolve o tema do amor e do amar. Discutimos sobre a noção de amor romântico, seu surgimento, impacto na vida contemporânea e como se relaciona com o capitalismo no século XX e XXI.

Agora, neste capítulo, detalharei o campo de pesquisa, os relacionamentos que empreendem, valores, regras e fronteiras que elas estabelecem nessas relações. Marcadores da diferença como classe e geração estão presentes para entender de que forma esses relacionamentos se organizam a partir destas estruturas e se são impactados de forma direta a partir deles.

Apesar de parecer redundante a afirmação, grande parte das travestis brasileiras iniciam sua vida afetiva/sexual nas ruas, flertando com a prostituição, tendo histórias recheadas de violência e transfobia (BENEDETTI, 2005; PELUCIO, 2007; SIQUEIRA, 2009; AMARAL, 2017; MONTEIRO, 2020). Pretendo iniciar este trecho do trabalho com um relato que me surpreendeu pelo modo com que foi narrado e pelos fatos que aconteceram.

#### **3.1 NADINNE: “SEMPRE FUI TOTALMENTE TRANSGRESSORA”**

Foi uma das poucas entrevistas gravadas que fiz com Nadinne. Já sabendo do desenrolar da pesquisa, temática e desdobramentos, decidiu contar sobre sua vida. Solicitei apenas que ela me contasse sua história a partir dos fatos que considerava mais relevantes e importantes em sua trajetória. Oriunda de uma cidade do interior do Pará, Nadinne narra sua infância sempre de forma muito positiva, destoando dos relatos encontrados em outras obras.

Eu vim do Pará, vim de uma cidadezinha pequena chamada Bragança. Sempre fui totalmente transgressora na cidade. Usava cabelo colorida, pintava minhas unhas de preto, estilizava minhas roupas. Sempre muito afeminadinha, sempre, sempre! Afeminadíssima (NADINNE, 2019).

Entendo o reforço dado por Nadinne ao narrar sua infância enquanto uma criança afeminada pode ser entendida de duas formas distintas: em primeiro lugar, enquanto uma forma de tentar legitimar sua travestilidade, mesmo que de forma inconsciente. Mesmo que naquele momento eu não estivesse questionando nada, percebe-se como é importante para mulheres transexuais e travestis reforçarem seu papel de gênero feminino desde a infância, tirando qualquer possibilidade de questionamento quanto ao motivo de sua existência.

Em segundo lugar, entendo o reforço de sua feminilidade, combinada com seu comportamento tido como transgressor e o fato deste período de sua história se passar em uma cidade do interior, como uma forma de se colocar enquanto uma pessoa resiliente, uma sobrevivente que não teve possibilidade de sentir medo ou de se retrair desde a infância. O medo e a insegurança não permearam o discurso de sua infância em nenhum momento.

Apesar desta leitura, Nadinne ressalta que sua infância foi como a de qualquer outra criança: “muito divertida e muito engraçada”. Ressaltava que a “infância foi muito tranquila. Eu não tive essa problemática de gênero, de sexualidade, de aceitação. Sempre foi tudo muito tranquilo!”

O relato de Nadinne, neste ponto, se assemelha a alguns relatos colhidos por Siqueira (2009), no qual suas interlocutoras dividem a infância “em “modelos dicotômicos, por exemplo, a infância “normal” por um lado, a família, a escola, as brincadeiras com as crianças em seu bairro, e “a anormal”, referindo-se à sua atração por meninos, ao fato de gostar de vestir as roupas da mãe e das irmãs”. De certa forma, Nadinne também fazia esta divisão ao pontuar que crescera como qualquer outra criança, mas também ao apontar que era transgressora e que não seguia prescrições de gênero previamente estabelecidas.

Por mais que fosse extremamente feminina, as brincadeiras que gostava não estavam ligadas a papéis de gênero específicos pontuando que brincava com carrinhos,

com bonecas, de casinha e de queimada. Dessa forma, reforçava, mesmo que de forma sutil, seu papel enquanto uma pessoa transgressora<sup>11</sup> desde sua infância.

Nadinne me contou sobre as relações sexuais que teve na cidade, mas sempre pontuando que nenhuma delas se constituía em uma relação afetiva formada. Neste momento Nadinne faz uma divisão entre sexo e amor, algo que ela utilizou para descrever o seu passado e, posteriormente, utilizará para falar de seus relacionamentos futuros. Ao questionar o que ela considerava uma relação afetiva, ela me contou de um pequeno relacionamento que teve com um rapaz mais velho da cidade. Havia, entre eles, uma diferença de 5 anos:

Eu gostava dele por ele ser um cara assumido. Só tinha ele e eu assumidos na cidade. Até quem era gay, não se assumiu, ficava no armário. Era muito difícil. E eu considerava um relacionamento porque tinha troca de afeição. Porque a gente ficava junto como qualquer outro casal. Mas também ele tinha essa relação comigo porque ele não era da cidade, né. Pra ele era muito mais fácil assumir uma relação assim. Então ele foi um cara que eu me relacionei até me mudar para Belém. (NADINNE, 2019)

A questão deste relacionamento ser entre ela e um cara assumido, que tinha essa possibilidade por não ser da cidade, coloca em evidência que o dispositivo do armário era (e ainda é) extremamente presente e estruturante nos relacionamentos afetivos construídos. Por mais que muitos anos tenham se passado após este acontecimento, o ser assumido, assumir a relação, sair do armário no relacionamento, são pontos extremamente presentes nos discursos de minhas interlocutoras.

Nadinne conta que a relação com sua família era muito boa, antes de se transicionar. Apesar de serem do interior, sua avó (que ela tratava como mãe, pois foi quem a criou) não tinha problemas com os namorados que ela possuía na época, “alguns até cortaram o cabelo dela, e ela criticava quando não ficava bom! Era abusada igual eu sou” relata. Como tinha o apoio de sua mãe, ela sentia-se mais confiante para enfrentar as pessoas que a criticavam.

Os problemas começaram a acontecer após o falecimento de sua mãe, quando o resto de sua família acabou por não aceitar as relações que ela empreendia. Sobre esse

---

<sup>11</sup> É importante ressaltar a transgressão neste momento, pois futuramente Nadinne irá reforçar esse papel em diversos momentos de sua vida, tentando constantemente se distanciar de um comportamento travestido como padrão.

período da sua vida, Nadinne relata que começou a se comportar de uma forma na frente de sua família, escondendo sua sexualidade e desejo, agindo de outra forma longe deles. Essa problemática a levou a mudar de cidade e ir para a capital do estado.

Já na capital, com 18 anos, Nadinne pontua que seu primeiro relacionamento foi com um rapaz da mesma idade que a dela e assumido:

Em Belém, eu tinha 18 anos, conheci o Sandro. Foi o amor da minha vida. Tanto que eu tatuei o nome dele na minha barriga. Ai eu namorei ele, frequentei a casa dele. Como era na capital, a vivência gay era muito diferente. Eu até conheci a família dele, que era insuportável, diga-se de passagem. Fiquei muito tempo com ele, um pouco mais de um ano. (NADINNE, 2019).

Podemos perceber que o armário é novamente citado e aparece de forma significativamente forte em seu relato. Sem citar os atributos físicos, onde se conheceram ou a forma que se relacionavam, Nadinne achou pertinente pontuar que ele era assumido e ela teve a possibilidade de conhecer sua família. O término dessa relação foi algo delicado, ela não pontuou de forma clara como acabou, mesmo eu retomando este assunto em outros momentos.

Em uma de suas falas ela deixou passar o possível motivo do término: o início da sua transição. Ela afirmou em uma das conversas que o Sandro gostava que ela ficasse mais masculina, usando barba e deixando os pelos do corpo crescer; por outro lado, ela preferia “ser lisa igual uma cobra” e reforçar seus atributos femininos, apesar de ainda não ter transicionado na época. Percebendo que era algo delicado, decidi não me aprofundar neste término.

Seus outros relacionamentos na capital foram sempre breves, como ela ressalta: “eu sempre fui uma pessoa mais carnal do que emocional”, trazendo essa questão como algo significativamente forte em sua vida afetiva e como um ponto que a levava a ter vários relacionamentos, mas pouco envolvimento emocional. O contraponto entre sexo e um dito “sentimento verdadeiro” é evocado por ela em diversos momentos, colocando como excludentes, neste momento, as relações sexuais e as afetivas.

Aos vinte anos, ela se mudou para São Paulo com a ideia de conseguir empregos melhores e subir de vida. A ascensão financeira é um dos impulsionadores comum para as interlocutoras desta pesquisa. Ao relatarem sua história e o momento em que decidem mudar-se para São Paulo, minhas interlocutoras colocam a capital paulista como um

lugar com muitas oportunidades e liberdades para existirem da forma com que sonham. Muitas vezes este existir significa transicionar de fato e assumir sua identidade travesti ou transexual. Entretanto, Nadinne não pontuou essa “liberdade” ao falar de sua mudança para São Paulo, pois a transição ainda não era algo claro em sua mente, levando em consideração mais o aspecto econômico para esta mudança.

Conseguiu duas “mariconas” que pagaram suas passagens para São Paulo, sem saber uma da outra. O dinheiro de um desses rapazes foi utilizado para viajar e o dinheiro do outro foi guardado. Ao chegar, foi morar com um dos rapazes e ficou um mês na casa dele, na zona sul da cidade. Após um mês lá, o rapaz a expulsou e ela foi morar em um hotel no centro da cidade. Segundo o que me contou, o rapaz a expulsou pois ele “já havia me comido e me usado, então me colocou pra fora”.

Depois disso, Nadinne foi transitando em diversos espaços, casas e pensões na cidade de São Paulo. Nos três anos seguintes, além dos diversos locais em que morou, Nadinne também passou por diversos empregos, conseguiu iniciar uma faculdade de psicologia (que foi trancada no segundo ano) e teve vários pequenos relacionamentos. Importante ressaltar que ainda não havia transicionado e os relacionamentos que empreendia não eram colocados por ela, em seu relato, como algo duradouro ou sério, eram pequenos encontros sexuais que duravam poucas semanas.

A faculdade de psicologia, apesar de cursar apenas dois anos, foi suficiente para auxiliá-la a entender o que era a transexualidade, o que a ajudou a se entender enquanto uma travesti. Nos seus relatos, esse momento foi muito simbólico, pois ela entendeu o motivo de não gostar tanto dos pelos em seu corpo (entendendo os pelos enquanto atributos masculinos), de ter uma performatividade de gênero mais feminina, sendo um jovem gay afeminado. Sua transição ocorreu de forma gradual após este momento<sup>12</sup>.

Nesse ponto da história de Nadinne, entra em cena um de seus relacionamentos mais significativos, com Tiago. Ela se manteve neste relacionamento por quase 2 anos, por suas próprias palavras: “foi um casamento de tão longo”. É interessante entender que a citação de algo indicado como casamento é agenciado em sua fala para dar peso

---

<sup>12</sup> Acredito que não seja pertinente a este trabalho detalhar o processo de transição de Nadinne. Seus momentos na prostituição e a relação com outras travestis importam mais nesta pesquisa do que os primeiros passos na construção de sua identidade.

ao relacionamento e reforçar o tempo em que ficaram juntos, ressaltando que para ela foi um longo período. Durante os dois anos em que esteve com Tiago, Nadinne focou nos primeiros passos de seu processo de transição.

Por conta da feminilização de sua aparência, ela teve dificuldades em manter vínculos empregatícios por longos períodos. O que a obrigou a se mudar diversas vezes, procurando lugares para morar que fossem mais baratos e próximos dos trabalhos que conseguia e, conseqüentemente, a inseriu no circuito da prostituição na cidade.

Ressalto que a prostituição de fato, apenas entrou em sua narrativa de forma mais expressiva quando ela fala sobre a transição e feminilização de sua aparência, não ocorrendo enquanto ainda era um jovem gay afeminado. Nesse momento, a relação com Tiago já não estava muito bem, se encerrou. Segundo o que me relatou, ele não aceitava “os caminhos que sua vida estava tomando e havia se tornado muito agressivo”. A violência dos parceiros das travestis em relacionamentos afetivos é algo marcante em diversos discursos e trabalhos (SIQUEIRA, 2009, AMARAL, 2017, MONTEIRO, 2020). Em meu campo, encontrei esse relato de violência diversas vezes na fala de Nadinne, nas falas de Agnes, em encontros com outras travestis e em uma roda de conversa que realizei em uma casa de acolhida para travestis e mulheres transexuais.

A prostituição só foi possível, pois, na época, Nadinne já tinha contato com outras travestis e conhecia a cafetina que gerenciava o local em que ela iria se prostituir. A prostituição “na pista” ou “na esquina”, forma como é chamada a prostituição que ocorre nas ruas em que o cliente para o carro e aborda a travesti que está parada “fazendo ponto” no local, só é possível com o aval de uma cafetina ou cafetão, que é a figura responsável pela organização dos espaços de prostituição de um determinado local, delimitando quem deve ficar em quais lugares, o valor mínimo do programa e quais dias e horários cada uma pode trabalhar.

Com o passar do tempo, a prostituição auxiliou Nadinne a colocar os implantes de peito que queria e “aprimorar” sua imagem de travesti. Durante este período em que fazia pista, ela relata que sua vida afetiva não era “muito movimentada”, pois estava focando

em ganhar dinheiro e construir o corpo que sonhava<sup>13</sup>. Aproximadamente dois anos depois de começar a fazer pista, Nadinne conseguiu migrar os programas para o meio virtual, colocando seus anúncios em sites de prostituição. Esse movimento a auxiliou a sair da pista e atender apenas em sua casa, o que trazia uma maior segurança, pois segundo ela relatou: “a rua é um espaço muito violento”. Por diversas vezes, contou-me histórias de violência e, até mesmo, assassinato envolvendo possíveis clientes e as travestis que estão fazendo ponto nas ruas.

Logo após sair das ruas, Nadinne conheceu outro marido, Daniel. Eles se conheceram enquanto ela fazia programa, foram se envolvendo e decidiram morar juntos. Ficaram juntos por pouco mais de 5 meses.

Nesse tempo, Daniel pediu que ela saísse da prostituição e ficasse apenas com ele. Esse tipo de solicitação não foi relatada de forma direta pelas outras interlocutoras, especialmente porque Agnes mantinha uma política de “não pergunte que eu não te falo” sobre a prostituição e falou abertamente sobre isso apenas em uma das brigas que relatou ter com seu namorado. Em nenhum momento a demanda de deixar de se prostituir foi ressaltada por Nadinne como algo fundamental para o relacionamento e mais do que atender a demanda feita por seu marido, percebi que essa saída era um desejo que ela tinha naquele momento de vida.

A partir daí Nadinne era responsável pela casa, enquanto Daniel trabalhava fora e a sustentava. Neste trecho de seu relato surge um novo termo que é comumente utilizado por Nadinne - Rato de esgoto/Lixo. Segundo relatava, Daniel era um lixo, um rato de esgoto, pois ele era dependente químico e constantemente a obrigava a ir até os pontos de tráfico para buscá-lo. Interessante notar que os conceitos de “rato de esgoto” e “lixo” não estão associados a uma estética específica, e sim a uma valoração comportamental. Daniel era loiro, de olhos claros e bem dotado (quesito reforçado constantemente), mas era considerado lixo por conta de seus problemas com drogas, o que o tornavam uma pessoa violenta, fazia-o cometer pequenos furtos e trazia insegurança para Nadinne.

---

<sup>13</sup> Essa priorização de seu corpo e sua vida financeira em detrimento dos relacionamentos afetivos é fundamental para entender a forma com que a relação entre Agnes e Nadinne se desenvolveu e o desfecho que levou.

O término do relacionamento não ocorreu por esses fatores, o fim ocorreu quando ela descobriu que Daniel havia entrado para a igreja e estava “de rolo” com uma irmã da igreja, “uma racha”, termo pejorativo utilizado por ela para descrever uma mulher cisgênero<sup>14</sup>. É possível observar que o fim do relacionamento é pontuado a partir da entrada na igreja e de uma traição com uma mulher cisgênero. Percebe-se que a monogamia de seu relacionamento era valorizada por Nadinne e a traição com uma mulher cisgênero foi o fator limite para que rompesse com ele. Da mesma forma, percebemos que os espaços de circulação também influenciaram neste término, o fato dele ter entrado na igreja, um espaço muitas vezes refratário a presença de travestis e pessoas transexuais, foi colocado de forma negativa enquanto relatava este término. Por se entender como uma pessoa muito transgressora e que gosta de romper com as normas, Nadinne não toleraria viver com uma pessoa que estava possivelmente tentando mudar quem era para se enquadrar em expectativas sociais.

O conceito de casamento e marido, nesse caso, foi agenciado utilizando-se uma valoração de importância, e não apenas de temporalidade. Apesar de seu relacionamento com Daniel não ter durado, foi considerado um casamento porque houve uma mudança de rumo na vida de ambos, pois foram morar juntos e Nadinne abandonou a prostituição. O agenciamento desses termos, “marido” e “namorado”, foi utilizado de formas distintas por minhas interlocutoras durante as entrevistas que realizei e no próximo capítulo debruçarei nesta questão.

Após o fim do relacionamento, ela voltou a se prostituir por um período que foi fundamental, segundo seu relato, pois conseguiu finalizar os procedimentos estéticos que ainda desejava fazer para terminar de construir sua aparência da forma que idealizava.

Até aqui, apesar dos relacionamentos de Nadinne estarem perpassados por uma interdição ou não da sua vida na prostituição, a monogamia era algo muito valorizado por seus parceiros e, de certa forma, por ela. Nota-se um desconforto quando ela cita outras possíveis parcerias de seus namorados e, além disto, é claro o desconforto de seus

---

<sup>14</sup> Por mulher cisgênero entendemos a pessoa que atende as expectativas de alinhamento entre sexo e gênero. Isso é, um corpo e comportamentos lidos enquanto femininos a partir dos papéis estipulados pela sociedade do que é ser mulher.

namorados com a prostituição de Nadinne. Entretanto, ao analisar todo o percurso, observo que a prostituição não entra no cálculo de uma relação monogâmica ou não monogâmica para Nadinne, sua percepção deste aspecto de sua vida é puramente profissional, não apresentando qualquer forma de sentimento ou afeto com os clientes. Essa relação entre monogamia e não monogamia tomam uma grande centralidade na construção e manutenção de seus relacionamentos daqui para frente.

Após alguns outros pequenos relacionamentos, Nadinne conheceu Marcos em um “cinemão”. “Cinemão” é um termo êmico utilizado por ela para descrever espaços privados específicos para encontros sexuais entre frequentadores. Nesse caso, um grande cinema que funcionava vinte e quatro horas por dia, exibindo filmes pornográficos heterossexuais e homossexuais os frequentadores circulam entre as poltronas em busca de relações sexuais no próprio local.

Este tipo de ambiente não tem como foco a construção de relacionamentos afetivos de longa duração, é pautado em uma constante circulação de corpos e afetos em busca de satisfação pontual do desejo sexual dos frequentadores. Foi neste ambiente que Nadinne conheceu Marcos, que posteriormente tornou-se seu namorado. Apesar de ter ficado por pouco tempo com ele, Marcos teve uma importância fundamental na trajetória afetiva e construção dos valores que iriam nortear seus próximos relacionamentos. Pelo relato, Marcos foi o responsável por apresentar o “mundo liberal” para ela e quando questionei o que era esse mundo liberal, Nadinne riu e respondeu: “é o melhor dos mundos, muita putaria e sem cobranças”. O que ela chamava de “*mundo liberal*” era o relacionamento não monogâmico e, principalmente, as festas de sexo em que participava com o Marcos.

Nas festas diversas pessoas participavam das chamadas surubas e se relacionavam sexualmente no ambiente, que poderia ser um clube, uma sauna ou o apartamento de alguém. Apesar de Marcos a ter inserido nesse meio e ela relatar uma forte paixão por ele, o relacionamento durou poucos meses. O término com Marcos foi por ele demandar frequentemente que Nadinne utilizasse cocaína e, por conta de suas experiências anteriores com parceiros que utilizavam drogas, Nadinne preferiu não dar continuidade e a sua relação com Marcos terminou.

Depois desse relacionamento, Nadinne passou a ter dificuldades em se relacionar com homens que não participassem da nova dinâmica afetiva que envolvia participação no que ela denominava como meio liberal. Nos próximos relacionamentos, entre namorados (parceiros sexuais sem pretensão de um relacionamento afetivo a longo prazo, geralmente uma categoria mobilizada por travestis mais novas) e maridos (relacionamentos mais sérios com pretensão de ter reconhecimento e ser duradouro, categoria frequentemente mobilizada por travestis mais velhas), diversos términos foram pela não aceitação de seus parceiros com o meio liberal. Ao que relatou, as festas e orgias impactaram muito mais a relação do que o fato dela se prostituir para viver. Sobre um de seus relacionamentos, depois de ter conhecido o meio liberal, afirmou que:

Eu gostava que dessem na minha cara, me chama de puta, me chama de vagabunda! O Rafael<sup>15</sup> era amorzinho na cama. Era sexo papai e mamãe, não era algo que eu queria mais, eu já conhecia o meio liberal. Tanto que eu parei de ter tesão por ele, por mais que eu amasse ele, o tesão acabou e eu só queria bater punheta. Chegou um momento em que o sexo estava tão chato e sem graça que eu terminei com ele. Eu sofri pra cacete, mas essa relação estava insustentável. Ele era tudo o que o marido de uma travesti deveria ser: carinhoso, trabalhador, sabia cozinhar, divertido, me assumia e falava que queria casar no cartório depois que eu retificasse o nome. Mas o que eu queria ele não poderia entregar. (NADINNE, 2019)

Por mais que o amor fosse algo presente no relacionamento, por mais que Rafael fosse “tudo o que o marido de uma travesti deveria ser”, ele não preenchia um dos principais requisitos para um relacionamento com ela: a circulação no meio liberal. Isso impactou de forma significativa sua relação, levando ao término em pouco mais de um ano e meio.

Depois de uma de nossas longas conversas sobre relacionamentos e amores, perguntei para ela o que era estar apaixonada. Muito certa na resposta, ela afirmou que:

Apaixonada pra mim é quando eu estou satisfeita em todos os sentidos. Não só no afetivo, mas no sexual, na vida cotidiana, em tudo! Isso aconteceu poucas vezes na minha vida. Eu já comecei um relacionamento apaixonada, mas desapaixonei com o tempo. As pessoas abrem mão de muita coisa nos relacionamentos. Cheguei em ponto da minha vida que não estou disposta a abrir mão de mais nada. Eu já passei dessa fase. Quem eu for me relacionar vai ter que me aceitar do jeito que eu sou, uma travesti, que se prostitui, que gosta de putaria,

---

<sup>15</sup> Rafael foi um de seus namorados e, pelo que percebi, um grande amor em sua vida. Ela chegou a se mudar de cidade por conta de trabalho e levou ele junto.

que não vai usar calcinha pra esconder a rola, que não gosta de dar satisfação para homem, que não aguenta crise de ciúmes e por ai vai. Agora essas novinhas, elas estão dispostas a fazer o que for por macho, pra agradar eles. (NADINNE, 2019)

Ela deixa claro uma posição de distinção entre as travestis mais novas e mais velhas, mesmo ela tendo pouco mais de trinta anos. Em seu relato, mostra como sua posição, lida enquanto a de uma pessoa mais madura, colocava-a em um local de privilégio em relação a outras travestis que, ao seu ver, teriam muito o que aprender e caminhar para chegar onde ela está agora.

Como trouxe a questão da geracionalidade para a nossa conversa, perguntei para ela como se imaginava no futuro, se imaginava casada ou com namorados.

Não! Eu me imagino sozinha, sem filhos, dando pros novinhos, funkeiros (falava isso gargalhando). Os homens não gostam de pessoas como eu, que são determinadas. Não gostam de quem luta por seus objetivos, que não estão dispostas a abrir mão deles por um relacionamento. Não me imagino casada com ninguém. Um homem não vai mudar minha vida em nada. Me imagino sozinha, morrendo sozinha no meu apartamento, com minhas coisas, com meus amigos descobrindo depois de alguns dias que eu havia morrido. Feliz, porém sem ninguém. (NADINNE, 2019)

Essa fala de Nadinne encerrou nossa conversa sobre relacionamentos naquele dia. Uma fala carregada de uma carga emocional muito grande já que morrer sozinha para uma travesti não necessariamente é uma escolha no Brasil. Os estudos citados anteriormente falam constantemente da falta de oportunidades e acesso a direitos básicos para essa população, avalio que essa realidade impacta diretamente a forma de sentir e de projetar o futuro, como vemos na fala de Nadinne. Todo o cenário sócio cultural coloca a solidão como um dos caminhos mais prováveis para as pessoas que vivem estas realidades.

### **3.2 MARCELLA: “ALGUÉM EM QUEM CONFIAR”**

Mais do que explorar a história dos relacionamentos afetivos contados por Marcella, acredito ser mais produtivo para este trabalho detalhar a história de seu casamento, justamente pelo impacto significativo que seu casamento tem em sua

narrativa de vida. Sempre que me relatava algum outro relacionamento afetivo que teve antes ou depois de seu casamento, Marcella fazia referência ao seu relacionamento atual e começava a contar outra história que envolvesse ela e seu atual marido.

Quando percebi a importância que este relacionamento tinha em sua vida, resolvi explorar mais este caminho e quais significados tinha em sua vida, quais valores carregava e como poderia colocar ele em contraste com as narrativas de Nadinne e Agnes. Assim, em nossa única entrevista gravada foram aproximadamente duas horas de conversa e estávamos Marcella e Alex, seu marido, e eu.

Nascida em São Bernardo do Campo, mudou-se com sua família para São João da Boa Vista aos 8 anos de idade por conta da aposentadoria de seu pai. Logo no começo de sua infância já se entendia enquanto uma “pessoa diferente”, sempre se interessando por roupas femininas e por tudo que fazia referência a este universo. O relato aqui se assemelha com relatos de muitas outras travestis e mulheres trans presentes em outros trabalhos como Benedetti (2005), Pelúcio (2009), Siqueira (2009), Duque (2011) e Amaral (2017). Nesses trabalhos, de forma mais consistente ou mais sutil, as interlocutoras acabam por colocar a percepção de sua identidade como algo intrínseco a sua pessoa e subjetividade desde a infância.

Em sua família, o momento em que se assumiu travesti foi conturbado. Ela não quis entrar em detalhes, mas pontuou que este momento foi bem difícil, trouxe como dificultadores duas questões: a questão geracional - seus pais tinham mais de 60 anos na época em que se assumiu, e territorial - por morarem em uma cidade muito pequena e, segundo ela, terem uma dificuldade maior em aceitar questões ligadas à sexualidade e gênero. A aceitação só ocorreu de forma mais tranquila a partir do momento em que ela saiu de casa e foi trabalhar na capital, por intermédio de sua mãe, Nadinne. Esse é um ponto interessante de contato com outras pesquisas que indicam que a aceitação da pessoa transexual ou travesti ocorre quando a pessoa começa a ajudar sua família financeiramente. Duque (2011, p. 80) apresenta alguns relatos de interlocutoras que eram aceitas desde que pudessem contribuir financeiramente com a família, muitas vezes por meio da prostituição, que mantinha enquanto um segredo velado para todos da casa. Marcella não me pontuou se ajudava a família desta forma quando saiu de casa,

mas ressaltou que foi um marco muito importante não precisar mais ser auxiliada financeiramente e morar na casa de seus pais.

Sua emancipação financeira é colocada como um dos grandes marcos de sua vida e seu relato passa muito pela questão econômica. Quando perguntei o motivo que a levou a sair de casa, ela pontuou que foi para poder viver de forma plena sua sexualidade e conquistar seus sonhos. Quando perguntei quais eram os sonhos na época, ela disse:

meu sonho era ter um vestido de pedraria. Sempre foi meu grande sonho ter um vestido de pedraria. Eu comecei como drag queen, e na época que eu comecei essas coisas eram muito caras. Hoje em dia você até encontra essas coisas mais baratas, mas na época não. A sociedade me levava a acreditar que eu nunca poderia pagar por um vestido de pedraria, imagina um trabalho, um carro? A sociedade me levava a acreditar nessas coisas, que eu seria pra sempre um viadinho sem peito, sem cabelo e sem sucesso. Eu fui aprendendo que não era bem assim. Que eu tinha como me movimentar e conquistar algumas coisas. Que o vestido de pedraria era só uma coisa perto de tantas outras que eu poderia conquistar. Tanto que eu fui conquistando tantas coisas, e o vestido de pedraria eu só consegui ano passado, pois percebi que ele não era o mais importante para uma travesti. (MARCELLA, 2020).

Segundo ela, os sonhos se multiplicaram, conseguir um bom emprego, uma boa casa, um casamento estável. Ressaltou mais de uma vez que ela não depende de ninguém, nem de seu marido e que está com ele por amá-lo, não por questões financeiras ou por qualquer outra forma de dependência. Isso vai muito de encontro com os relatos colhidos em outros trabalhos<sup>16</sup>, que apresentam uma forte dependência financeira entre a travesti e seu marido, tanto quando ela o sustenta quanto vice e versa. Nesse ponto, o amor entra como um peso muito grande para a manutenção do relacionamento de Marcella, sendo o único responsável pela estabilidade de seu casamento.

Mas para chegar até esse relacionamento, Marcella passou por outras situações que a ajudaram a moldar seu entendimento sobre relacionamentos. Uma das passagens que achei mais significativas foi sobre o seu primeiro relacionamento afetivo. Ela manteve um relacionamento virtual durante 2 anos com um rapaz de outro estado que nunca conheceu. Os relatos sobre esse relacionamento são negativos, ela afirma que era um relacionamento extremamente abusivo, mesmo à distância. Como não se conheciam pessoalmente, o relacionamento, que ocorria por meio da internet e ligações, era pautado

---

<sup>16</sup> KULICK, 2008; PELÚCIO, 2009; SIQUEIRA, 2009; DUQUE, 2011.

em uma necessidade de comunicação constante. Ela relata que em um horário específico do dia deveria sempre estar disponível e online para que pudessem conversar, caso não estivesse online e disponível seria tratada, durante alguns dias, de maneira grosseira e ríspida.

Esse foi o primeiro relacionamento afetivo que Marcella teve após iniciar sua transição. Questionei o motivo que a levou, uma pessoa tão esclarecida, a entrar em um relacionamento virtual que gerava tanto desconforto e cobranças. Sua resposta foi ampla, afirmando no coletivo:

nós, travestis, temos necessidade de alguém em quem confiar. Alguém que você possa deitar sua cabeça e não se preocupar. Alguém que possa te dar uma segurança, mesmo que ilusória, caso você fique doente, fique desempregada e etc. E eu tinha essa necessidade, tinha a necessidade de alguém que me visse como mulher, que me valorizasse da forma que eu me via. Mas, quando percebi que ele estava “me enrolando”, eu consegui sair desse relacionamento, mesmo sofrendo muito. (MARCELLA, 2020).

A necessidade de um parceiro, de conforto e estabilidade emocional é flagrante no relato, assim como a existência de características que indicam um relacionamento abusivo. O relato se alinha com outros trabalhos sobre a construção de afetos entre travestis e seus parceiros (SIQUEIRA, 2009, AMARAL, 2017, MONTEIRO, 2020), que por muitas vezes constituem-se enquanto relacionamentos que flertam com abusos e até mesmo agressões.

O fato de Marcella estar no começo do processo de transição naquele momento foi outro fator que a prendeu no relacionamento. As mudanças no corpo geravam insegurança em seus relacionamentos, justamente porque o processo era muito profundo e os relacionamentos terminavam, especialmente por uma desistência dos maridos, algo muito próximo do que foi relatado por Nadinne.

Outro ponto de destaque em sua fala é que ela não ressalta a necessidade de contato físico em momento algum, o que importava era a segurança que o namorado podia passar para ela e, principalmente, o fato dele “a ver como mulher” retomando uma característica fundamental dos relacionamentos até aqui destacados, que é a questão do reconhecimento. A necessidade de ser reconhecida como mulher e ter todo seu processo legitimado sobressai a qualquer outra necessidade física ou sexual.

No ano de 2014, Marcella conheceu seu marido, Alex, em um grupo do facebook de relacionamentos entre travestis e transexuais. Começaram a se falar antes mesmo de sua mudança para a cidade de São Paulo, ele morava em uma região periférica de São Paulo.

Perguntei o motivo de conhecer outro rapaz de forma virtual, se havia um padrão nisso e qual seria o motivo e ela me explicou que a internet permite que você veja a pessoa antes de qualquer coisa, veja se existe uma “química”, se existe um interesse mútuo e qual o tipo de relacionamento a pessoa está interessada, se está interessada apenas em “sexo fácil” ou se quer um relacionamento. Segundo ela, Alex deixava claro que queria um relacionamento, o que a interessava muito naquele momento. Conversaram por duas semanas antes de combinar um encontro na cidade de Marcella.

Ele partiu da capital e se hospedou em um hotel de alto padrão na cidade de Marcella, o que a impressionou, já que ele tinha uma boa condição financeira, mas, seguindo o relato, ele pontuou que este foi o único hotel que conseguiu naquele dia, pois havia chegado a noite na cidade e não tinha como ficar procurando outros hotéis. Ficou hospedado no centro da cidade, ao lado da catedral, um ponto considerado nobre. Na época, ele trabalhava como DJ e tinha algumas economias guardadas, o que permitiu que ficasse nesse hotel para, segundo ele, impressionar Marcella.

O primeiro encontro deles foi na praça da cidade, um local onde casais costumam se encontrar para namorar. Apesar do nervosismo de ambos, o encontro deu certo e eles passaram essa noite e a próxima juntos no hotel. Ao final destes dias Alex a pediu em namoro e ela aceitou com duas condições: que os pais dela gostassem dele e que ele desse para ela uma aliança com uma borboleta. O encontro entre os pais de Marcella e Alex ocorreu quinze dias depois deles se conhecerem. Apesar da dificuldade dos pais de Marcella em a aceitarem enquanto uma travesti, o seu novo namorado não foi um problema naquele momento. Todos se entenderam muito bem e o relacionamento tem durado desde então. Em 2018, eles se casaram oficialmente em uma cerimônia coletiva para casais LGBTQIAP+I+ organizada por uma instituição social da cidade de São Paulo.

O relacionamento deles começou de forma monogâmica, sem que nenhum dos dois pudessem se relacionar com outras pessoas, o que durou aproximadamente 2 anos.

Durante esse período, Marcella não realizava programas e não se relacionava afetiva ou sexualmente com outras pessoas. A partir de 2016, Marcella começou a se prostituir, fazendo alguns atendimentos esporádicos para complementar a renda do casal. Os atendimentos não impactavam o relacionamento que continuava monogâmico, pois o trabalho que fazia era encarado de forma estritamente profissional, sem qualquer tipo de envolvimento afetivo.

As relações sexuais mediadas por dinheiro não foram colocadas em momento algum como uma forma de traição ou como o fim da monogamia no relacionamento. Pelo que Marcella me relatava, existia uma diferença muito grande entre o sexo pago e o envolvimento afetivo. A partir do momento em que o dinheiro entrava no cálculo da relação sexual com o cliente, não havia possibilidade para que a afetividade estivesse presente. O sexo mediado por dinheiro, para ela, era apenas outro tipo de trabalho, não gerando qualquer satisfação, a não ser a financeira.

Ela preferia não entrar em detalhes com seu parceiro de quando iria atender, quem seria, qual local etc, evitando questionamentos que pudessem gerar qualquer tipo de desconforto na relação. Segundo relatava, os atendimentos ocorriam de forma bem esporádica, sem grande frequência, o que não era uma questão para seu marido.

No momento da entrevista, ela havia parado de fazer programas, estava com um emprego que pagava o suficiente para que ela não precisasse se prostituir, mesmo que seu marido, naquele momento, estivesse desempregado.

### **3.3 AGNES: “NÃO VOU COBRAR DO MEU NAMORADO!”**

Depois de alguns meses conhecendo e convivendo com Agnes, consegui em um dia entrevistá-la de maneira mais formal junto com sua mãe, Nadinne. Nesse dia, assim que iniciei a gravação ela soltou: “Ai, pra mim, falar de relacionamento é muito complicado, mas eu amo!”. Durante toda a entrevista e seu relato eu senti essa paixão em falar, em ser ouvida em ter alguém interessado pelo que ela podia oferecer.

Enfim, a história afetiva de vida de Agnes está muito conectada à de Nadinne e Marcella, suas avó e mãe. Ao relatar sua história em uma entrevista que gravamos, ela

deixou claro que se entendeu enquanto uma travesti no dia em que conheceu Marcella em São João da Boa Vista. Antes de se conhecerem, Agnes pontuou que tinha uma visão completamente pejorativa do que é ser uma travesti, muito ligada à prostituição, às ruas, promiscuidade e drogas. Em sua fala ela resgata elementos que são cotidianamente ligados ao universo das travestis pelo senso comum - drogas, prostituição, pobreza e etc. São elementos que muitas vezes estão presentes na vida destas pessoas, mas muito mais por uma questão de vulnerabilidade social do que por uma escolha pessoal. O trabalho, independência, beleza, relacionamento estável de Marcella impactaram esse conjunto de pré-conceitos que Agnes carregava sobre o que é ser uma travesti e sobre quais eram suas possibilidades de vida. Isto porque, segundo ela, no lugar e na família que ela havia nascido, havia apenas uma possibilidade de vida possível - crescer, trabalhar, arrumar uma esposa, casar, ter filhos, envelhecer e ser cuidada pelos filhos até a morte. Marcella, pelo que percebo, serviu como um estopim para que Agnes percebesse a multiplicidade de possibilidades que havia à sua frente enquanto uma travesti. A partir deste momento, segundo suas palavras, ela foi “cozinhando a Agnes dentro de mim. Tomando coragem pra assumir, pra começar com pequenas mudanças, para trazer a tona quem eu realmente era”, isto é, para iniciar sua transição e as mudanças corporais que implicam este processo.

Apesar de morar com seus pais, Agnes se distanciou da família. Do pai porque ele era alcoólatra e agressivo. Pelo que contou, se ficasse perto dele por muito tempo ela corria o risco dele se incomodar com seu comportamento feminino e a agredir para “colocar nos eixos”. Por isso ela procurava conversar pouco com ele e o evitava até mesmo dentro de casa. Esse processo perdurou por muitos anos, ficando em alguns momentos mais leve e em outros momentos mais pesado.

Por outro lado, o relato da relação com sua mãe era carregado de carinho e passagens que deixavam claro que sua mãe, desde cedo, percebia que Agnes “era diferente”, utilizando suas próprias palavras. Em seu relato é perceptível a importância que a figura materna tem em sua adolescência, desde o momento em que se assumiu gay - aos 15 anos - até o momento em que se entende enquanto uma travesti e começa seu processo de transição, a partir dos 24 anos.

Neste momento ela faz uma separação muito interessante de sua vida afetiva. No momento em que não havia se assumido e após se assumir. Enquanto não havia se assumido, Agnes se relacionava majoritariamente com homens heterossexuais, que ela citou como machões. Segundo o que relatou, estes homens a procuravam por ela ser um “garoto muito afeminado”. Posteriormente ao se assumir enquanto gay (antes de iniciar sua transição), Agnes se relacionava com outros homens gays, o que a obrigava a performar uma postura um pouco mais masculina para que pudesse agradar os outros rapazes e conseguir se relacionar de forma mais tranquila. Pelo que me contou, essa masculinidade que ela performava era necessária, pois o fato de ser muito feminina acabava dificultando sua interação no jogo de conquistas com outros rapazes.

Aos 24 anos, saiu de casa por conta de uma briga que teve com sua família, neste momento foi morar/trabalhar em uma boate que algumas de suas amigas frequentavam. Nesta boate trabalhava de garçom e fazia shows montada, lá foi o primeiro local em que se montou de forma mais feminina para fazer o show, apesar de nesta época já ter cabelos compridos e ser bem feminina. Os clientes da boate começaram a se interessar por ela e pedir mais informações para o dono da boate que, conseqüentemente, começou a agenciar alguns programas para Agnes.

A partir de certo momento ela parou de trabalhar de garçonete, começou a frequentar a boate apenas montada e fazer programas para alguns clientes, ficou por dois anos nessa boate e depois disso começou a circular por outros locais, boates e cidades. Pelo que contou, a partir deste momento a sua vida afetiva/sexual tomou outro rumo, pois começou a se relacionar afetivamente “como uma mulher, garotinha, feminina, toda montada”.

Em uma das boates em que trabalhou, em uma outra grande capital, Agnes começou a namorar um rapaz que fazia parte “do movimento”. Fazer parte “do movimento” é uma gíria utilizada para indicar que a pessoa está envolvida com o crime, especificamente com o tráfico de drogas neste caso. Pelo que me contou ele assumiu sua relação com ela, que muitas vezes soava mais como uma predileção específica à ela do que a outras meninas da casa. Sempre que esse rapaz chegava na casa, por mais que ela estivesse atendendo um cliente, ela deveria encerrar o programa para recebê-lo. Esse era um dos combinados que havia feito com ele na casa para que pudessem

estabelecer uma relação. Mas, ela apenas tinha a liberdade de ficar com ele durante seu horário de trabalho, pois ele era uma pessoa “grande no movimento”, isto é, ele era uma pessoa de grande influência dentro do tráfico, o que poderia propiciar alguns favores e regalias para o dono da boate. Do contrário, sem esta moeda de troca que ela conseguia ao namorar alguém “grande” no crime, Agnes não poderia se encontrar com seu namorado no horário de trabalho, a não ser que ele pagasse sua hora, para que a casa não saísse em prejuízo.

Um dos motivos do término do seu relacionamento foi que esse rapaz não a deixava esquecer que “ela era puta”, segundo a interlocutora. Para ela, um relacionamento só vai ser duradouro se o rapaz que ela está se relacionando a trate diferente de seus clientes. Isso é, que este rapaz a faça esquecer que faz programa. Que seja carinhoso, que cuide dela, que a trate com carinho. Todos estes pontos foram levantados por Agnes neste momento, mas interessante notar que em nenhum momento ela pontuou a necessidade do namoro vir a público, ser assumido em público como uma característica fundamental para que pudessem estabelecer e manter o relacionamento. Ponto que é muitas vezes evocado por minhas outras interlocutoras. Com este rapaz, ela pontuou por diversas vezes algumas situações de violência verbal e física, que era a forma com que ele tratava as outras garotas de programa.

Estas questões levaram ao término do relacionamento, que não foi fácil, pois ele ainda frequentava a boate em que ela trabalhava e tentava uma aproximação, por vezes violenta. Pelo que me relatou, só deixou de ser perseguida e ameaçada quando voltou para sua cidade natal, fugida, sem avisar ninguém da boate que trabalhava, dos seus amigos e mudando todos os seus números de telefone. Nessa volta para sua cidade natal, a relação com Marcella se fortaleceu. Marcella assumiu a posição de mãe de Agnes e começou a orientar a transição dela durante os próximos anos.

Nesse período, Agnes conheceu Nadinne e se tornou sua neta. A partir desse momento, ela devia satisfação para Marcella e, também, para Nadinne. Agnes pontuou que Nadinne sempre foi muito mais rígida do que Marcella, principalmente a partir do momento em que ela foi morar na casa de Nadinne em São Paulo. Dentre os muitos ensinamentos e brigas que tiveram, Agnes me pontuou que uma das coisas que Nadinne repetia de forma insistentemente era que:

Agnes, travesti aprende com a vida, não aprende falando. Travesti só vai aprender que dois mais dois são quatro quando a vida derrubar e ela ficar de quatro. Se não, não vai aprender. E você vai ser assim também, por mais que eu fale, você vai teimar e vai pagar pra ver. Mas, aprenda pelo menos que você precisa fazer o seu corpo, depois que você tiver o seu corpo pronto, sua faculdade paga, você namora. Porque o dia que o cara te deixar sozinha, você vai ter o seu peito pra chorar, sua casa com as contas pagas pra sofrer lá dentro. Aí você pode sofrer tranquilamente. Travesti não tem o direito de sofrer por macho sem estar preparada pra isso. (AGNES, 2019).

Quando Agnes me contou essa história, Nadinne que estava do nosso lado soltou uma gargalhada e disse: “E parece que esse viadinho aí não aprendeu isso ainda, pois tá lá com aquele macho sem ter onde cair morto”. Agnes ficou um pouco constrangida, não negou e continuou a narrar sua história.

O relacionamento que Nadinne comentava era com Santiago, um rapaz que Agnes conheceu em sua cidade natal um pouco antes de vir para a capital. Esse rapaz sabia que Agnes fazia programas (ela a conheceu durante um programa) e, pelo que relatava, no começo não tinha grandes problemas com isso. Quando ele vinha para a capital, os dois podiam sair de mãos dadas e andar pelas ruas com tranquilidade, sem que Santiago tivesse medo de ser reconhecido por alguém.

Pelos relatos, o relacionamento dos dois era bem tranquilo, quando ele vinha para São Paulo, Agnes alugava um quarto de hotel para que os dois pudessem passar o final de semana juntos namorando. Santiago, por outro lado, sempre trazia alguns presentes pequenos, lhe dava alguma quantia em dinheiro para ajudar em algo e etc. O que mais importava para ela é que ele a fazia esquecer que ela era uma garota de programa, como ela havia citado anteriormente. Apesar de ser um relacionamento que Agnes considerava muito bom, houveram vários terminos e retornos.

Um dia, Santiago esqueceu um de seus celulares com a Agnes. Quando chegou em sua cidade, ele ligou para ela e pediu para que ela não vendesse o celular. “Vender o celular” soou para Agnes como uma fala extremamente preconceituosa, momento em que tiveram a primeira briga feia, pois segundo ela, ele só havia falado isso porque ela era uma travesti que se prostituía, e ele estava imaginando que ela iria vender o aparelho para conseguir dinheiro. Essa briga se desenrolou em um afastamento por duas semanas. Depois deste tempo começaram a se aproximar e reataram a relação, mesmo à contragosto de Nadinne.

Uma outra passagem significativa deste relacionamento ocorreu durante o período de aulas no supletivo que Agnes cursava. Santiago tentou falar com ela e, por ela estar em aula, não pode atendê-lo na hora. Passado-se algumas horas, Agnes ligou para ele que atendeu e o diálogo segue abaixo:

Santiago: quanto eu tenho que depositar pra conseguir falar com a minha namorada? Eu estou tentando falar com você o dia todo e não estou conseguindo.

Agnes: depende. Se você quiser só um showzinho na cam eu faço por trinta. Mas se for pra ficar me enchendo o saco assim eu cobro 100.

Santiago: e onde você estava? Você fica falando que não tem dinheiro pra colocar crédito no metrô, eu te mandei trinta reais e eu nem sei se você usa metrô. Não tem dinheiro pra isso, mas pra ficar batendo perna por ai e não me atendendo você tem né?

Agnes: você tem noção do que você ta falando? Você tem noção que você ta chegando pra uma menina que faz programa, que cobra cem reais a hora, se ta namorando essa menina, aí você deposita trinta reais pra ela e ta achando que está fazendo muita coisa? [...] Eu sabia que uma hora ou outra você ia jogar na minha cara que eu sou puta. Sabe qual é o problema? Você achou que tinha maturidade pra lidar comigo e com essa situação. Mas você não tem.

Santiago: mas eu te amo!

Agnes: ama? Deixa eu te dar um conselho, se ama primeiro. Porque eu me amo e não sou obrigada a estar com uma pessoa assim na minha vida. (AGNES, 2019)

Agnes me relatou que não aceitava que ele jogasse na cara dela que ela fazia programa, pois ele mesmo só a havia conhecido por causa da prostituição. Este foi um término mais longo, durando quase dois meses. Depois deste período eles reataram novamente com as promessas de Santiago de que havia mudado.

Depois desta briga, um fato muito marcante foi a briga entre Agnes e Nadinne por conta desse relacionamento. Após ficar o final de semana em um hotel com Santiago, ao voltar para casa de Nadinne, Agnes a encontrou jantando e a casa toda arrumada e limpa. O diálogo a seguir foi relatado por Agnes durante a entrevista:

Nadinne: onde estão meus duzentos reais?

Agnes: que duzentos reais?

Nadinne: dos dois dias que você ficou fora com o rapaz aí. Você não está morando de graça aqui em casa.

Agnes: mas eu estava com meu namorado! Eu não vou cobrar do meu namorado!

Nadinne: você não cobrou, tudo bem! Você quer almoçar? Você vai comprar comida! Você tem onde dormir hoje? Pois aqui você não vai dormir mais.

Agnes: mas as minhas coisas, minha escola? Eu tenho aula!

Nadinne: ué, não é problema meu. Vai pedir ajuda pro seu namorado. Porque enquanto você tava de amorzinho com ele, o viado velho aqui tava ralando o cu fazendo programa, atendendo cliente pra poder pagar as contas da casa que você vive. Esse viado velho aqui pode fazer tudo isso pra você ficar de romance!

Se você não valoriza isso e não ajuda, você não precisa ficar aqui. (AGNES, 2019)

Nesse dia, Nadinne colocou Agnes para fora de casa. Ela foi obrigada a dormir na casa de uma amiga. Só conseguiu voltar para a casa de Nadinne depois de ter terminado com o rapaz e começado a contribuir com o aluguel. Perguntei para ela o que ela achou, como se sentiu naquele dia e nos outros. E a resposta foi: “Gato, eu perdi 3 programas só no sábado. Era pra eu ter feito 350 reais. E o que eu consegui? Gastar 200 reais com quem não me valorizou nunca. Ela estava certíssima”. Interessante notar que, apesar deste conflito, que não foi pequeno, Agnes ainda nutria um grande carinho por sua avó e reconhecia a importância daquele momento em sua vida pontuando que: “se um dia ela precisasse, estariam minha mãe e minha avó travestis na escola ou em qualquer lugar para brigar por mim”.

Pra eu ser travesti e querer ter um namorado, eu vou ter que antes de tudo ter um emprego. Porque ele não vai aceitar minha realidade. Ele não vai entender que pra sobreviver eu preciso fazer programa. Ele ta pouco se fodendo se a sociedade quer ou não me dar emprego. Ele quer fazer o papel dele de companheiro, ele quer chegar em casa e ter a namorada dele pra ele. E é um direito dele. E a partir do momento que é direito dele ter essa namorada, é um dever da travesti que aceita isso ser essa pessoa. Ter um emprego fora da prostituição. Não fazer programa. E eu tenho a escolha de ter outro menino. Porque o preço de namorar uma travesti é caro. Não só pelo cabelo, pelo corpo, pela aparência, mas por ser uma travesti. No começo tudo são flores, o cara ta namorado uma boneca. Quando vamos sair a gente se arruma, se monta, se maquia, arranca pelo por pelo, fica numa fila pra tomar hormônio e etc, tudo pelo namorado. Mas quando ele vem morar com a gente, ele descobre que pelo cresce, que a gente não tá montada todo dia, que a gente tem que trabalhar pra viver, que todas essas coisas custam caro. Descobre que quando sair na rua comigo as pessoas vão apontar e dar risada. E isso é algo que eles não estão abertos a bancar na maioria das vezes. Aí eles vão perceber que é melhor deixar a "barbie dentro da caixa". Isso é, usar a travesti só quando ele precisa de sexo, só quando ele ta carente e etc. E se ele conseguir fazer isso sem pagar, ótimo pra ele e péssimo pra gente. (AGNES, 2019).

O relato acima foi feito por Agnes, logo após descrever o término de seu relacionamento com Santiago. O custo financeiro, emocional e social de “sustentar” uma travesti aparece como uma das principais características que levam ao fim dos relacionamentos ou que colocam as travestis em relacionamentos que podem ser lidos como abusivos e violentos. O custo financeiro, relatado por ela, diz respeito a todo um cuidado com a estética (cabelos, unhas, pele e etc) que estão atrelados de forma muito profunda na construção da identidade travesti, a transformação e manutenção deste

corpo e identidade custa dinheiro e tempo. Entendo o custo emocional do relacionamento de Agnes muito atrelado à prostituição. Quando diz que seu namorado jamais entenderia que para uma travesti a prostituição muitas vezes não é opcional. Isto demonstra que a prostituição tem um peso extremamente relevante na construção e manutenção dos relacionamentos afetivos. Por fim, o custo social de sustentar uma travesti em um relacionamento afetivo versa sobre a aceitação, por parte do seu marido ou namorado, de ter sua sexualidade questionada no meio social em que circula.

Outro ponto interessante a ser ressaltado é a noção de boneca e barbie. Frequentemente minhas interlocutoras utilizam estes termos para se autorreferirem em relação aos seus relacionamentos. Nos relatos que tive oportunidade de presenciar, este termo sempre é utilizado para ressaltar que alguns companheiros tendem a projetar nelas uma perfeição que não é real, por isso uma boneca/barbie. Esperando uma plasticidade e perfeição no corpo e vida das travestis que é inalcançável.

É o que minha avó fala, eu sou uma barbie, eu sou uma boneca! Boneca é material! Quando eles descobrem que eu tenho sentimento, que cresce pelo, que o povo da rua não me acha tão bonita quando os olhos deles veem, que o pessoal da rua me acha esquisita, eles caem na realidade. E aí descobrem que não tem capacidade de assumir uma travesti como namorada! (AGNES, 2019).

Os vínculos de família estabelecidos entre as interlocutoras desta pesquisa são estruturantes das relações e relacionamentos que elas podem ou não estabelecer. Da mesma forma e força com que esses vínculos familiares se formam, eles também podem se romper. A relação de Agnes com Nadinne durou mais alguns meses, depois disso Nadinne voltou a expulsar Agnes de sua casa por conta do namorado que ela insistia em manter e sustentar. Nadinne não aceitava que sua neta gastasse tempo e dinheiro com um rapaz que não proporciona qualquer tipo de luxo ou sustento para ela. Mas, por conta do “grande amor” que Agnes sentia por ele, resolveu bater de frente com sua família travesti e cortar vínculo com sua avó, o que abalou a relação dela com sua mãe também por conta da proximidade entre todas.

## 4 OS MARIDOS - O OUTRO LADO DO AMAR

Até aqui trabalhamos a construção das narrativas e dos relatos trazidos pelas interlocutoras deste trabalho. Pudemos notar em suas falas o reflexo de suas experiências de vida, as relações de gênero, geracionais, os relacionamentos afetivos e os desejos. E, com um olhar analítico, é possível identificar seus comportamentos, discursos, gestos e até mesmo padrões de consumo que nos ajudam a caminhar rumo à compreensão das relações afetivas das travestis em comparação com o modelo hegemônico de amor romântico.

Vale destacar um ponto importante aqui sobre a percepção do que esse amor romântico representa, como trouxe em capítulos anteriores, não se trata apenas do desenvolvimento de um relacionamento afetivo, mas de uma ideia de que o amor romântico é o amor desejado, o amor considerado impossível de ser concretizado mas que vence os desafios e as dificuldades impostos pelo mundo. No caso do amor travesti, é a conquista de um amor que vença os estigmas que recaem sobre os corpos das travestis e seus companheiros.

A partir dos relatos apresentados anteriormente é possível perceber que sobressai uma figura fundamental na construção dos relacionamentos afetivos das travestis: o marido/namorado. Separo aqui os dois termos pois uma das interlocutoras desta pesquisa, Agnes, não se refere ao marido em sua narrativa, mas sim ao namorado. Os termos não são exatamente sinônimos, mas o namorado aqui aparece como alguém com o potencial de tornar-se marido no futuro. O marido/namorado sempre aparece como um marcador de tempo na vida das travestis desta pesquisa, tempo pensado aqui tanto como expectativa de vida quanto como diferença geracional. Apesar da diferença de idade entre as interlocutoras desta tese não ser tão grande, suas experiências, e a interrelação entre elas é marcada por uma relação de geração e de parentesco: avó (Nadinne), mãe (Marcella) e filha (Agnes).

Se entendermos parentesco como um conjunto de práticas que estabelece relações de vários tipos que negociam a reprodução da vida e as demandas da morte, então as práticas de parentesco são aquelas que emergem para dirigir as formas fundamentais da dependência humana, que podem incluir o nascimento, a criação das crianças, as relações de dependência e de apoio emocional, os vínculos de gerações, a doença, o falecimento e a morte (para citar algumas). O

parentesco não é nem uma esfera completamente autônoma, proclamada como distinta da comunidade e da amizade – ou dos regulamentos do Estado – graças a um fiat por definição, nem está “ultrapassado” ou “morto”. (SALIH, 2012, p. 221).

Nesse sentido, as percepções e sentidos que cada uma delas traz à categoria marido/namorado se entrelaçam, influenciam umas nas outras e se complexificam na medida em que atribuem significado e mobilizam essa categoria para organizar e suas vidas e suas experiências.

Mas antes de mergulharmos na análise desta categoria dentro dos relatos das interlocutoras desta pesquisa, vale nos debruçarmos sobre o próprio conceito de marido com mais atenção e profundidade.

Não é a primeira vez que essa categoria aparece dentro do arcabouço conceitual da Sociologia, outros autores já trouxeram contribuições importantes que serviram como guia e referência ao trabalho aqui realizado e também como contraponto em alguns momentos, visto que os relatos trazidos pelas interlocutoras trouxeram uma profundidade e fluidez maior à esta categoria do que a forma como ela aparece em outras obras.

Nas obras de Pelúcio (2006, 2009, 2011) a categoria marido aparece fortemente atrelada a um certo estereótipo de masculinidade e de relações afetivas e conjugais marcadamente heteronormativas, replicando certos modelos tradicionais de família patriarcal, nuclear e monogâmica. O marido da travesti aqui é apresentado por Pelúcio como “homem de verdade”, reproduzindo todas as características do homem heterossexual: dominador, provedor e ativo na hora do sexo e mais até do que apenas a relação de laços conjugais, o marido também é aquele com quem a travesti divide responsabilidades e obrigações advindas do relacionamento, qualquer desvio desse padrão o tiraria do status de “homem de verdade” e de marido.

Independente da interlocutora, o companheirismo e a legitimação do relacionamento afetivo por seus parceiros é fundamental. Pequenas demonstrações públicas de afeto são entendidas nestes relacionamentos com outra proporção.

O singelo convite para andar de mãos dadas, tão comum entre os casais, é para algumas travestis e mulheres trans a comprovação de um ato de amor, e indo mais além, a declaração de um compromisso. Amor não apenas no sentido do bem querer e da vontade de estar junto, mas de uma afetação entre corpos que possibilita inteligibilidade humana a suas existências. (AMARAL, 2017, p.165)

A proporção que este tipo de ato toma está atrelada ao desafio e dificuldade existentes em encontrar parceiros que estejam dispostos a este tipo de comportamento. O entendimento desta resistência e dificuldade passa pela compreensão de que a todo momento o marido/namorado terá sua própria sexualidade questionada. E a dúvida de até que ponto este questionamento será sustentado por ele para que siga em seu relacionamento é algo constantemente calculado por minhas interlocutoras, mesmo que de forma velada, para entender os limites e possibilidades de seu relacionamento. E aos seus companheiros, resta a identificação que:

ao enunciarem seus desejos, colocam em evidência os riscos, não apenas tomando a palavra arriscada como forma de resistência à captura psiquiatrizante de desejos, inventando outras formas de classificar sua orientação sexual, ou ainda, expondo que há muitas formas de se experimentar a sexualidade a partir do afeto e de se posicionarem como sujeitos, independentemente das relações que estabelecem com o sexo assignado as suas esposas. (AMARAL, 2017, p.166)

Este entendimento corrobora o que falamos anteriormente, que o relacionamento de empreendido por pessoas travestis e seus companheiros, por mais que esteja balizado pela lógica da heteronormatividade, tem em sua essência uma transgressão da mesma, por colocar apresentar a todo momento que os papéis de gênero, sexo e desejo existem em uma multiplicidade de combinações.

O que retoma, em certa medida, uma das características das histórias clássicas de amor romântico que foram abordadas em capítulos anteriores desta tese. A concretude dos desafios e dificuldades do relacionamento não se dão a partir apenas de questões individuais dos participantes desta relação, mas sim a partir de um contexto coletivo e público, na medida em que o reconhecimento do relacionamento em si é entendido como uma ameaça à ordem social vigente (COSTA, 1998) e à própria heteronormatividade.

No decorrer da realização desta pesquisa, a cada entrevista e interação com as interlocutoras, a categoria marido passou a ganhar cada vez mais importância e profundidade na compreensão dos relacionamentos afetivos das travestis, indo além das definições fixas e determinadas trazidas por trabalhos anteriores e revelando uma maior fluidez em seus sentidos e na forma como é mobilizada, bem como algumas variantes marcadas por relações geracionais e horizontes de aspiração dessas mulheres.

Minha própria experiência de entrada no campo revela como essa categoria é mobilizada e acionada de formas diferentes em diferentes contextos. Como trouxe no início desta tese, fui apresentado ao campo como marido de Nadinne. Nesse momento a mobilização do conceito tinha o objetivo de facilitar a minha aceitação dentro do campo mas também trazia uma carga de exibição de poder por parte de Nadinne, na medida em que demonstrava seu poder de conquista de um marido com todas as características físicas e sociais que o colocavam como alguém desejável naquele meio. Aqui o foco era em características como ser um homem grande, masculino, financeiramente estável, com potencial de ser um bom provedor e parceiro, mesmo sabendo que eu era um homem gay em um relacionamento estável com outro parceiro. Essa relação dava um status de intimidade à relação ao mesmo tempo que demarcava um limite aos avanços e aproximações de outras interessadas.

Por mais que nunca tenha havido um relacionamento romântico entre Nadinne e eu, a minha apresentação como marido no espaço público denota uma possibilidade de flexibilização desta categoria maior do que apenas a de um relacionamento conjugal. Além disso, em cada uma das participantes desta pesquisa, podemos notar outras versões e significados atribuídos ao marido para descrever seus relacionamentos afetivos.

Nos três relatos podemos notar claramente como os relacionamentos afetivos aparecem como marcadores temporais de suas experiências de vida. Nadinne nos conta sua história a partir de seus relacionamentos com Sandro, Tiago, Daniel, Marcos, Rafael, sempre pontuando os atributos que os tornavam dignos do título de marido, ou não. De forma ainda mais forte, o relato de Marcella, começa no momento em que ela e seu marido se conhecem e a relação entre os dois pauta toda a sua narrativa, mantendo inclusive a prostituição como algo completamente desconectado do relacionamento afetivo e romântico mantido entre os dois. No relato de Agnes, a presença da figura do namorado também é um marcador importante, ainda que a experiência da construção de seu corpo e de sua identidade tome um papel mais intenso aqui do que nas outras, o que se explica também por ela ainda estar passando por essa fase de transição.

É interessante notar como as diferenças geracionais trazem uma mobilização diferente da categoria marido de acordo com o seu momento no tempo de construção

dos horizontes de aspiração de cada uma das entrevistadas, conforme o conceito cunhado por Facioli:

Tudo aquilo que envolve anseios em relação ao futuro, sejam eles de cunho econômico que visam alcançar melhores condições de vida, até mesmo os que estão ligados à esfera afetiva e da família. Tais horizontes seriam aqueles traçados com vistas a superar a experiência de origem subalterna e tudo o que ela teria de tradicional e limitador, seja a manutenção da pobreza, os papéis tradicionais de gênero, os limites a respeito do trânsito pela cidade, o acesso limitado ao mercado de trabalho, as impossibilidades de vivência da sexualidade e da vida íntima, dentre outros fatores. (FACIOLI, 2017, p. 14)

Nesse sentido, cada uma das participantes desta pesquisa vive um momento diferente, com uma perspectiva de futuro diferente, experienciando de forma diferente seus relacionamentos afetivos e dessa forma mobilizam as categorias marido e namorado de formas distintas. Podemos fazer um diálogo entre estas diferenças, ancoradas em uma questão geracional, com a abordagem sobre os ritos necessários que são utilizados na construção das relações afetivas apresentado por COLLINS (2004). Estes ritos e processos, mais do que diferenciados pelo tempo e espaço, são diferenciados pelas gerações que estão envolvidas na construção dos afetos. Diferentes experiências afetivas, em diferentes gerações, utilizam linguagens, ritos e valorações distintas. E como o tempo e a perspectiva de vida das travestis tem um ritmo acelerado se comparado ao de uma mulher cisgênero heterossexual, da mesma forma, seus anseios e desejos sobre seus relacionamentos também devem seguir esse ritmo de tempo.

A categoria “marido” sugere que nas relações amorosas envolvendo travestis o tempo de consolidação dos laços, e dos compromissos, é distinto daquele que envolve relacionamentos de contornos heterossexuais e de classe média: nada de encontros cercados de amigos, flertes em barzinhos, passeios de mãos dadas em shoppings, saídas para jantares ou reuniões em casas de parentes. Além disso, travestis costumam ter uma trajetória de vida que as distancia dos padrões de comportamento considerados adequados para certas faixas etárias, mesmo entre camadas populares. Saem cedo de casa, em torno dos 14 anos. Geralmente, iniciam aí uma vida noturna sustentando-se pela prostituição. Precisam aprender, então, a dar o truque: parecerem mais velhas, driblar as situações de violência que podem vir tanto dos clientes como da polícia, e não raro de pessoas do seu grupo de convivência. Aprender os códigos da rua e da noite significa sobrevivência, e isso não é coisa de criança nem de adolescentes. (PELÚCIO, 2006, p. 527)

Ao analisarmos os relatos das interlocutoras desta pesquisa sobre seus relacionamentos afetivos notamos que, apesar desse tempo vivido em outro ritmo, seus

horizontes de aspiração, em grande medida, ainda refletem a reprodução de um relacionamento heteronormativo, reproduzindo estruturas de comportamento e da forma de organização da vida que pressupõe uma linearidade entre as relações de sexo, gênero e corpo (BUTLER, 2003).

No entanto, o relacionamento afetivo de uma travesti nunca será um relacionamento heteronormativo, mas sim uma reprodução do mesmo, na medida em que a travesti quebra a relação entre sexo, gênero e desejo com sua própria existência, ela não se encaixa na linearidade heteronormativa, no entanto, seus horizontes de aspiração ainda vislumbram a reprodução de padrões heteronormativos. Mas interessa destacar que, a despeito da construção de relacionamentos que se pautam pela heteronormatividade, podemos ver contornos distintos na construção dos relacionamentos de minhas interlocutoras e das interlocutoras de Pelúcio, conforme citado abaixo, as travestis da pesquisa de Pelúcio:

Sonham em serem aceitas, e para tal se referenciam nos padrões de conjugalidade e parentalidade ditos normais: monogâmicos, pautados em relações não-comerciais de sexo, centrados na família nuclear, na qual a mulher/esposa se encarregaria da administração do lar e dos cuidados com este, enquanto o homem/marido, de provê-lo. (PELÚCIO, 2006, p. 532)

Por sua vez, com minhas interlocutoras, pude perceber que esse padrões que pautam a construção dos relacionamentos afetivos da pesquisa acima, não são agenciados em conjunto em todos os relacionamentos. Eles são organizados de acordo com as possibilidades e desejos de cada uma delas. Desta forma, nenhuma delas segue este protocolo de ritos; Marcella em sua relação monogâmica, sexo não comercial, centrado na construção do lar e da família, não é a pessoa responsável pelos cuidados da casa, ela é a provedora do lar. Agnes é pautada por uma relação não monogâmica, atrelada a prostituição, mas que busca um marido para construir um relacionamento afetivo que aceite seu projeto de vida e a coloque como o centro das atenções e cuidados na relação.

Essas configurações distintas balizam as possibilidades de agenciar o conceito de marido ou namorado nos relatos de cada uma das interlocutoras, e cada uma dessas formas é marcada por uma reprodução de padrões heteronormativos. Conseguimos identificar três figuras distintas o namorado, o marido ideal e o namorado com pretensão

à marido, cada um com algumas características comuns, mas também com perspectivas diferentes sobre como essas características são valorizadas e entram no cálculo de horizontes de aspiração das interlocutoras.

#### **4.1 O NAMORADO COM PRETENSÃO À MARIDO**

Nos relatos de Agnes podemos perceber que a categoria que é mobilizada com mais frequência é o namorado, que não concretiza todas as características do marido inicialmente, mas que tem o potencial para tornar-se o marido no futuro, com o desenvolvimento da relação. Por ser a geração mais jovem entre minhas interlocutoras e ainda estar passando pelo processo de construção de seu corpo e de sua identidade enquanto travesti, Agnes é aquela que ainda tem um caminho mais longo a ser percorrido em sua trajetória, e também quem tem menos experiência até aqui. Seu horizonte de aspiração ainda é marcado pela busca da construção da sua própria identidade e do seu próprio corpo, o que coloca o marido, em certa medida, em uma posição de importância secundária.

Como descrevi no capítulo anterior, a história de Agnes é marcada por uma relação forte com a sua família travesti, especialmente com Nadinne, com quem divide a moradia por um tempo e que, sendo mais experiente, a orienta sobre os desafios da vida de travesti e como alcançar seus objetivos e organizar suas prioridades.

Nadinne está constantemente reforçando a importância de que Agnes conquiste primeiro sua independência para depois pensar em marido. Para Nadinne o caminho que Agnes deve seguir é muito claro, ela deve fazer seus programas e trabalhar para ganhar o dinheiro necessário para a construção de seu corpo e seu sustento, só assim ela poderá ser reconhecida publicamente em sua identidade feminina e alcançar um nível de legitimidade que lhe permitirá, aí sim, galgar outras conquistas. Pelo que percebi em minhas incursões a campo, para geração de Nadinne esse caminho deve ser percorrido em etapas, passo a passo o corpo deve ser construído e, até que essa legitimidade seja alcançada, quaisquer outros planos devem ser colocados em segundo plano, inclusive a construção de relacionamentos afetivos.

No entanto, Agnes traz uma outra percepção deste processo, tanto por ser de uma geração mais jovem, quanto por ter em Marcella, sua mãe, um modelo ideal do que ela almeja em um relacionamento.

Para Agnes, a busca do reconhecimento público de sua identidade feminina passa necessariamente pelo reconhecimento de seu parceiro, não é concebível ou aceitável em seus horizontes de aspiração que o seu relacionamento precise ser escondido do público, dos amigos ou familiares seus ou de seus namorados. Neste sentido ela quebra diretamente com o que Pelúcio nos trouxe na citação anterior sobre o relacionamento com o marido.

O relacionamento aqui é pautado pela perspectiva hegemônica do amor romântico, onde o casal está disposto a quebrar normas, enfrentar preconceitos, lutar contra tudo e contra todos em nome de seu amor, e mais do que isso, para Agnes, esse amor não depende da construção anterior do corpo, mas pode ser conquistado em paralelo.

Para Agnes, a relação com o dinheiro e o cálculo financeiro que pesa sobre o relacionamento com o namorado ocorre em paralelo com a prostituição. Apesar dela não me informar se auxilia seu namorado financeiramente, é relevante pensar que enquanto ela está com ele, abre mão de fazer programas e, conseqüentemente, ganhar dinheiro. Esta escolha nos mostra uma forma específica de organização entre dinheiro e afeto. Abrir mão do programa é, além de uma forma de demonstrar comprometimento, uma forma de diferenciar seu namorado dos demais clientes.

Mas, da mesma forma que esta dinâmica envolvendo afeto e dinheiro se organiza para a construção de vínculos, ela pode ser mobilizada para a destruição dos mesmos. O que ficou claro na passagem em que Agnes, ao discutir com seu namorado, aponta que se quiser mais tempo com ela, ele deverá pagar por isso, colocando-o na mesma lógica que os seus clientes. Aqui vale destacar a importância que ela coloca no fato de que o namorado com pretensão à marido deve tratá-la de forma diferenciada, com carinho e adoração associados ao amor romântico. Quando este carinho e adoração “falha” o relacionamento é rapidamente equiparado aos seus clientes da prostituição e, sendo assim, deve arcar com o seu preço.

Percebe-se que o dinheiro, nesta dinâmica, não possui papel central na construção de seus afetos, mas é um elemento que diferencia o relacionamento afetivo do profissional. Essa relação com seu namorado, que impacta diretamente na forma com que consegue ganhar dinheiro, é um dos principais motivos que leva a ruptura de sua relação com Nadinne, que não aceita que seu relacionamento se sobreponha a consolidação de uma vida financeira e conseqüentemente a construção de sua identidade. Neste ponto, mais uma vez a lógica do amor romântico entra em cena para que o casal apaixonado enfrente os desafios que são colocados frente à seu amor, mesmo que seja uma ruptura com a própria família de Agnes, no caso sua avó Nadinne, em nome do relacionamento dos dois.

Por conta desta perspectiva, Agnes e Nadinne entram em vários conflitos quando Agnes prioriza o namorado em relação à construção de seu corpo, gastando dinheiro e perdendo dias de programa em favor de seu relacionamento, até o ponto em que Agnes rompe seu relacionamento com sua avó Nadinne em nome de seu relacionamento com o namorado, mais uma vez reproduzindo uma visão hegemônica de amor romântico.

É interessante notar, no entanto, que Agnes demanda essa mesma postura de seu namorado com pretensão à marido. Ele deve tratá-la com o respeito e o reconhecimento público que o marido dá a sua esposa, reproduzindo também os padrões heteronormativos e a reconhecendo publicamente enquanto sua parceira para a vida, frente aos seus amigos e à sua família e, assim como ela fez, se seu relacionamento não for aceito ou for questionado, ela deve ser priorizada e escolhida em detrimento de outras relações. Nem amigos, nem trabalho, nem família devem estar acima do amor romântico.

Ou seja, para Agnes, além dos requisitos físicos e sociais citados anteriormente, mesmo que apenas como perspectiva futura, esse reconhecimento público é fator determinante para definir seus relacionamentos afetivos, e se o namorado não cumprir com esse quesito e quebrar a possibilidade de um relacionamento que reproduza os padrões heteronormativos inclusive publicamente, ele quebra também com qualquer pretensão à marido, o que para Agnes significa, sem qualquer receio, o término do relacionamento, afinal, sendo jovem, ela tem a vida toda pela frente para encontrar o seu marido ideal.

## 4.2 O MARIDO IDEAL

Mas de onde vem essa busca pelo marido ideal que Agnes considera não apenas possível, mas necessária. Seria possível justificar essa busca retomando Pelúcio novamente, que coloca como a heteronormatividade influencia e informa a construção das relações afetivas e a busca pelo amor romântico como um fim em si mesmo, uma meta que deve ser buscada por todos e todas, independentemente de ser uma mulher cis, trans ou travesti, por mais que a realidade da experiência travesti traga outras perspectivas e outros horizontes.

Não há espaço para relações pautadas pelos roteiros comuns à classe média heterossexual. Ainda assim, as travestis, informadas pelos códigos conjugais heteronormativos, almejam uma vida a dois nos moldes instituídos por essa norma: uma casa, marido 'homem de verdade', tranqüilidade financeira, trabalho "normal", o que significa fora de noite e da prostituição e, se possível, filhos. (PELÚCIO, 2006, p. 527).

No entanto, a pesquisa de campo realizada para esta tese traz ainda outro fator, que influencia os horizontes de aspiração de Agnes e também coloca em xeque a perspectiva de que não há espaço para esse tipo de roteiro comum à classe média heterossexual: a experiência de Marcella.

Como trouxe anteriormente, Marcella é a mãe de Agnes no universo travesti, ela é responsável por ensiná-la a trafegar pelos meandros da construção de sua identidade, responsabilidade essa que ela compartilha com sua própria mãe, Nadinne. Contudo, diferente de Nadinne, Marcella traz a imagem de uma outra realidade para sua filha, não pautada pela prostituição e por relacionamentos mantidos em segredo ou marcadas prioritariamente pelo fator financeiro.

Até onde pude observar e afirmar pelos dados desta pesquisa, Marcella conseguiu aquilo que Agnes busca, conseguiu reproduzir os roteiros heteronormativos de relacionamento afetivo e conseguiu o reconhecimento público de sua identidade feminina.

Marcella conquistou o corpo feminino que buscou construir, conquistou um trabalho fora da prostituição, onde sua identidade é reconhecida e, mais importante,

conquistou um marido que reconhece seu relacionamento com Marcella publicamente, sem interditos, segredos ou armários.

O marido de Marcella reproduz a maioria dos requisitos do “homem de verdade” e a trata seguindo os padrões e expectativas ditados pelo amor romântico, cuidando e mimando sua esposa com carinhos e presentes, tratando-a como uma verdadeira princesa sem nenhuma restrição, inclusive, de demonstração pública de afeto, e esse é o elemento mais importante aqui. Seu relacionamento reproduz a construção do “lar” como um espaço onde Marcella encontra apoio emocional e segurança (RUSSO, 2003) em contraste com os estigmas e preconceitos impostos sobre a marginalização da vida das travestis.

Não existe segredo sobre o relacionamento de Marcella e seu marido em nenhuma instância. O reconhecimento público se estende em todos os âmbitos, no trabalho para os colegas de seu marido, na vida cotidiana sem restrições de frequentar restaurantes e outros espaços e também na família onde Marcella é reconhecida e legitimada como a esposa de seu marido. Em seu relacionamento com seu marido ela concretiza seus anseios por autonomia e felicidade (COSTA, 1998).

É importante destacar aqui que não são a família, os colegas de trabalho, ou a sociedade que garantem a legitimidade ao relacionamento de Marcella e seu marido. O fator determinante que legitima e que tem mais peso no cálculo dos horizontes de aspiração é o reconhecimento em si, o reconhecimento público e irrestrito de que o relacionamento afetivo entre os dois existe, independentemente dos familiares, amigos, colegas e até desconhecidos, aceitarem ou não, não há como negar a sua realidade.

Dentre as personagens desta pesquisa Marcella é a única que mantém um relacionamento com essas características, mas o que é importante tirar destes dados é que há sim espaço para roteiros comuns à classe média heterossexual dentro dos horizontes de aspiração das travestis no que diz respeito aos relacionamentos afetivos. Durante os encontros dos quais participei e contatos que realizei ao longo dos anos, tive a oportunidade de conhecer outras travestis que mantinham com seus maridos relacionamentos que seguiam essa mesma dinâmica: mulheres travestis com maridos que reconheciam publicamente seu relacionamento em todos os espaços e redes por onde circulavam, incluindo trabalho e família.

Por outro lado, o relacionamento de Marcella apresenta uma dinâmica diferente em relação ao dinheiro e à forma como o cálculo financeiro entra em sua vida. Ela já havia me confidenciado que ganhava consideravelmente mais que o marido, o que conseqüentemente a levava a sustentar a casa, quebrando uma das características do “homem de verdade” em seu marido, ser o provedor. Seu relato se diferencia dos relatos colhidos por pesquisadores anteriores já citados aqui (KULICK, 2008; SILVA, 1993; PELÚCIO, 2009) em que o sustento da casa era proporcionado pelo marido e não pela travesti, alinhando-se ao que foi identificado por Amaral (2017, p.124) com relacionamentos em que a travesti ganhava mais do que seus companheiros e era a provedora maior da casa. A falta de proporcionalidade entre os ganhos financeiros, no entanto, nunca foi elencada ou colocada como uma questão importante. Muito pelo contrário, sempre que tocavam no assunto dinheiro, eles tratavam como o dinheiro do casal.

Interessante notar que, apesar deste discurso, sempre que visitei sua casa ela me apresentava novos produtos de beleza, celular de última geração e vestidos novos. Nunca percebi o mesmo movimento de seu marido, que mantinha uma forma mais discreta de lidar com suas compras e conquistas. Entendo, desta forma, que a relação entre dinheiro e afeto no seu casamento ocorre de forma linear e proporcional. O dinheiro não é uma questão, ele é de ambos, apesar de percebermos quem é a pessoa responsável pela gestão financeira da casa, Marcella. Como seu relacionamento já estava estabelecido e consolidado, assim como seu corpo e identidade já construídos, Nadinne não os criticava ou elogiava. Mantendo uma postura mais neutra em relação a forma com que lidavam com o dinheiro e seus afetos dentro do casamento. Apresentando uma postura mais distante e menos incisiva sobre o relacionamento de Marcella.

Nota-se aqui que o relacionamento de Marcella representa o que Illouz conceitua como o alcance da utopia romântica dos conflitos sociais simbolicamente resolvidos, ou pelo menos apagados através de uma promessa de harmonia final (ILLOUZ, 1997). Neste cenário, no cálculo do que pode ser deixado de lado em nome desta utopia, Marcella abre mão justamente do fator financeiro em sua negociação dos afetos, assumindo a responsabilidade por ser a provedora da casa em favor de outros elementos, em especial, o reconhecimento público de seu relacionamento.

No entanto, não é por que essa realidade é possível que ela pode ser considerada um fim, ou que possamos contar com um “felizes para sempre”. Há outros elementos que podem entrar no cálculo aqui com mais força em determinados casos, e uma narrativa que parece ter tudo para um final feliz pode, na verdade, levar a outros desdobramentos e outros roteiros e horizontes de aspiração.

### **4.3 PARA ALÉM DO MARIDO**

A construção de uma narrativa amarrada pela busca do amor romântico e pautada pela reprodução da heteronormatividade aparece com força tanto na história de Agnes quanto de Marcella, seja como devir, seja como realidade, no entanto, durante a pesquisa mais uma vez a história de Nadinne se destaca e traz uma nova perspectiva e um novo olhar sobre esse tema.

Tanto Agnes quanto Marcella, buscaram ou encontraram um marido que atende e reproduz esse roteiro de relacionamento que traz o reconhecimento público de um “homem de verdade” perante todos os seus círculos sociais e redes de contato, sem restrições e sem interditos. E, no limite, esse parece ser o objetivo final de sua busca afetiva, o seu “felizes para sempre”.

Nadinne, no entanto, traz um desdobramento, até certo ponto, inesperado para esse roteiro. Sendo a mais experiente em sua trajetória de travesti, Nadinne já passou por muitos relacionamentos com homens diferentes, que atendiam as premissas do “homem de verdade”, e até mesmo que atendiam as premissas de reconhecimento público do “marido ideal”.

Vale retomar aqui seu relacionamento com Rafael em suas próprias palavras:

Ele era tudo o que o marido de uma travesti deveria ser: carinhoso, trabalhador, sabia cozinhar, divertido, me assumia e falava que queria casar no cartório depois que eu retificasse o nome. Mas o que eu queria ele não poderia entregar. (NADINNE, 2019)

Rafael tinha tudo que um marido ideal deveria ter, atendia todos os requisitos físicos, sociais e inclusive o reconhecimento público tão sonhado por Agnes e valorizado por Marcella. Seu relacionamento reproduzia aquilo que Pelúcio chamou de roteiro

comum de classe média heterossexual. Tomando por base os horizontes de aspiração das outras interlocutoras, este relacionamento tinha tudo que elas poderiam querer, então por que ele chegou ao fim? Por que não tivemos aqui um “final feliz”?

A resposta para esta questão é mais simples do que pode parecer. A experiência de vida de Nadinne, sua história e sua trajetória simplesmente a levaram a construir um horizonte de aspiração onde, diferente das outras interlocutoras desta pesquisa, o “marido ideal” não é o fator de mais relevância no cálculo de seus desejos.

Para ela cumprir com esse roteiro de classe média heterossexual e reproduzir os padrões de um relacionamento heteronormativo não é tão importante quanto sua liberdade sexual e financeira. O final de seu relacionamento com Rafael, um marido ideal, se dá em favor de sua liberdade sexual, de sua participação no “mundo liberal” de festas e sexo. Nadinne abre mão de todos os elementos que são tão valorizados por sua filha e neta em nome de sua própria liberdade. Rafael era “tudo que o marido de uma travesti deveria ser” mas não estava disposto a participar do mundo liberal de Nadinne, ele buscava um relacionamento monogâmico com Nadinne, e nesse ponto foi ela quem quebrou com o roteiro heteronormativo.

Ao conversar com Nadinne sobre suas perspectivas de futuro e seus horizontes de aspiração fica muito claro que ela não busca por um marido, não busca por um relacionamento duradouro que reproduza a heteronormatividade, não busca ativamente por um relacionamento afetivo significativo com seus namorados. Estas características em um relacionamento podem até acontecer, não existindo nenhum interdito sobre isso. Porém, o que diferencia Nadinne das outras interlocutoras desta pesquisa é que não existe nenhuma busca ativa por estes formatos de relacionamento como um objetivo de vida.

Em contraponto ainda às duas dinâmicas afetivas e a forma com que ocorre a gestão do dinheiro e afetos de Agnes e Marcella, Nadinne tem sua independência afetiva e financeira como um dos principais pontos de seu discurso. Para ela, o dinheiro é fundamental nas relações, não sobrando espaço para que relacionamentos coloquem em cheque sua individualidade e independência e, conseqüentemente, seus ganhos financeiros.

Há uma lógica de troca financeira clara mesmo em seus relacionamentos afetivos. Quando se trata de prostituição e vício, sempre que o “caso” mais “fixo” ia encontrá-la, ela fazia questão de dar alguma conta para que ele ajudasse a pagar, ou enviava antes o link de algum produto que ela desejava ter. E a recusa não era uma opção possível, com a única abertura de que quando o valor do “mimo” era muito alto ela aceitava outros presentes até que o rapaz pudesse comprar o que ela havia solicitado. Desta forma, o dinheiro é um fator fundamental na construção dos vínculos afetivos de Nadinne, não existindo um demérito em cobrar por um relacionamento ou afeto, mesmo que ela tivesse estivesse interessada por este rapaz.

Além disso, sua própria independência financeira e liberdade para gastar seu dinheiro da forma como quiser entram também como um fator importante em seu cálculo, na medida em que ter um marido provedor do lar, que a sustente financeiramente, implicaria também em abrir mão dessa liberdade de poder comprar seus aparelhos e jogos eletrônicos, por exemplo. Submeter-se a uma posição de dependência financeira de outra pessoa é inconcebível para Nadinne, e neste sentido, um “homem de verdade” e um marido ideal não atendem a seus horizontes aspiracionais.

Nadinne aparece aqui como aquela cuja trajetória e experiência a levaram a ter o que as outras almejam e, para ela, esse não era o final feliz que ela buscava. Ela traz a quebra com os roteiros comuns de amor romântico, mas não como um destino inalcançável por sua identidade travesti, e sim como uma escolha de suas próprias prioridades e do cálculo de suas próprias expectativas em relação ao seu final feliz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim chego ao fim desta tese retomando a pergunta que guiou cada passo da pesquisa ao longo de todo esse processo: como são as experiências que moldam as relações afetivas das travestis em comparação com o modelo hegemônico do amor romântico? Ou, para colocar nos termos do título deste trabalho: qual a diferença quando o amor é travesti?

O principal marcador que podemos trazer aqui como uma diferença fundamental do amor travesti não é tanto na forma como ele se expressa, mas em um ponto específico de seu conteúdo, e ainda assim, menos ligado à própria travesti, mas sim ao seu marido. A visibilidade e reconhecimento público do relacionamento pelo marido é o fator que destaco aqui, pois é este elemento que irá além dos códigos e padrões heteronormativos do modelo hegemônico de amor romântico.

Assim como num relacionamento tradicional entre um casal cisgênero e heterossexual, o relacionamento das travestis, em geral, também é informado pelos mesmos padrões e roteiros comuns do que seria um relacionamento ideal. Como demonstram os relatos de Agnes e Marcella, as expectativas e objetivos são basicamente os mesmos: um “homem de verdade”, que as dê carinho e atenção e as trate como princesas, enfim, que legitime a sua identidade feminina.

No entanto, um ponto fundamental aqui nesse processo vai além do que acontece numa relação heterossexual tradicional. Não basta esse reconhecimento apenas dentro da relação, é preciso que o marido ideal reconheça também a travesti publicamente, para seus amigos, colegas de trabalho, familiares e em lugares públicos. É preciso que o marido leve a travesti na festa da firma e no almoço de domingo, no restaurante e no parque, e, se o relacionamento não for aceito, que o marido tome o partido da sua companheira e corte relações com quem se opõe ao seu amor.

Um ponto importante aqui a se destacar é que o reconhecimento público do relacionamento com uma travesti é algo que está fora do controle da travesti, este movimento deve partir de seu marido e é este quem deve lidar com as suas consequências.

A travesti por sua própria existência já vive em um estado de desencaixe em relação à expectativa de linearidade entre sexo, gênero e desejo. Sua identidade é fundamentalmente exposta a uma realidade onde sua mera existência é motivo de questionamento e violências, podemos dizer que não existe um armário onde a travesti possa ocultar partes de sua identidade.

O marido da travesti, pelo contrário, tem uma existência bastante segura, suas características físicas e sociais e mesmo sua orientação sexual estão dentro dos padrões aceitos pela heteronormatividade e ele é capaz de viver uma vida segura e confortável em todos os seus aspectos se o seu relacionamento for mantido em segredo.

Daí a importância do reconhecimento público do relacionamento afetivo com uma travesti. Ao fazer isso o marido está abrindo mão de sua relativa segurança e se expondo junto com sua companheira a um mundo de preconceitos e violências. Ser reconhecido enquanto marido de uma travesti trará consequências à sua sociabilidade que não tem qualquer tipo de proteções morais e sua própria orientação sexual será questionada. Ao reconhecer o relacionamento publicamente, o marido compartilha, em certa medida, os riscos e perigos da identidade travesti com sua esposa.

Por outro lado, se o relacionamento não é reconhecido, a travesti é envolvida em uma dinâmica que não faz parte de sua identidade, que é a dinâmica do armário do marido, onde a travesti passa a ter de compartilhar a responsabilidade por manter o “armário” no qual ela mesma nunca pode se esconder. Não pode se esconder pois o armário da travesti não diz respeito a sua orientação sexual, diz respeito sobre sua identidade como um todo, sobre seu corpo e sua existência. É uma dinâmica em que ocultar não é opcional, é impossível. O que entra ou sai deste armário, que entra na lógica deste dispositivo, é seu relacionamento. É a dinâmica, os ritos e afetos que fazem parte de seu relacionamento com o marido/namorado.

A partir dos relatos e das análises e observações feitas ao longo da pesquisa, é possível conectar esta negação do reconhecimento com a solidão da travesti que ao aceitar viver dentro do armário do marido se submete a uma forma de violência simbólica.

Quando abordamos relacionamentos afetivos estamos pensando em um emaranhado complexo de sentimentos e conexões sociais, culturais e subjetivas, que vão além do amor. Quando tratamos de sujeitos que rompem com a heteronormatividade,

por mais que sejam informados por ela, a solidão e o medo são pontos fundamentais para entender a construção e manutenção dos relacionamentos afetivos.

O cálculo para manutenção ou fim de um relacionamento passa, assim como para pessoas cis por um medo da solidão. Por mais que este questionamento seja corriqueiro e presente em relacionamentos de pessoas cis e trans, o peso e a proporção que ele toma na dinâmica de vida de cada um destes grupos é muito distinto. Pessoas cis encontram tranquilidade nas múltiplas possibilidades de se relacionar e, também, em uma longa trajetória de vida que ainda pretendem trilhar.

Por sua vez, travestis são obrigadas a colocar neste cálculo diversas sentenças sociais que recaem sobre suas existências. Pensar em um horizonte afetivo sabendo que sua expectativa de vida é menos de 35 anos tem um impacto significativo para se pensar o que é considerado um relacionamento válido e quais os limites para eles.

É nesse sentido, que muitas vezes, para escapar da sentença da solidão seja advinda de não encontrar um parceiro com as características de um “homem de verdade”, ou de quando encontrá-lo ter de viver dentro do armário imposto por este companheiro, que o cálculo do seu horizontes de aspiração em um relacionamento afetivo passa por abrir mão de certas características e elementos, antes fundamentais, em prol de um fator determinante: o reconhecimento público.

Podemos então finalizar dizendo que, quando o amor é travesti ele é, em muitos sentidos, igual aos modelos hegemônicos do amor romântico em sua forma, mas não em seu conteúdo.

Enquanto o amor travesti busca reproduzir os padrões heteronormativos, ele quebra automaticamente com a linearidade entre sexo, gênero e desejo. O relacionamento da travesti quebra fundamentalmente com a heteronormatividade por sua própria existência e ainda coloca em xeque a experiência de seu marido ao assumir esta relação.

Posso afirmar então que não há muitas diferenças no amor travesti. Por mais que não seja um relacionamento heteronormativo, ele reproduz os mesmos padrões e códigos da heteronormatividade por meio de uma “gestão de expectativas” e de um cálculo do que é passível de ser relevado na busca por um relacionamento ideal,

informado pela mesma lógica do amor romântico e pelas possibilidades que a experiência de uma pessoa travesti apresenta em sua busca pelo mesmo final feliz.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADELMAN, M. Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados. In: **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar (2), São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, pp.117-138.

AMARAL, M. S. **Te Desafio a Me Amar**: desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans. Florianópolis, 2017.

ANDERSON, L. Analytic Autoethnography. In: **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 35, p. 373-395, 2006.

ANDRADE, D. P. **Paixões, sentimentos morais e emoções**: uma história do poder emocional sobre o homem econômico. 2015. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

ARAÚJO, M. C. **Por que os homens não estão amando as mulheres trans?** Transfeminismo. 17 out. 2015. Disponível em: <<http://transfeminismo.com/por-que-os-homens-nao-estao-amando-as-mulheres-trans/>>. Acesso em: 05 out. 2016

ASCÂNIO MMM, (Escultor, Arquiteto), em “O Que faz de uma obra um clássico?”. In: **Revista Poiésis**, n. 11, p.191-213, nov. 2008.

ATKINSON, P.. Rescuing Autoethnography. In: **Journal of Contemporary Ethnography**, vol. 35, n. 4, p. 400-404, 2006.

AZEVEDO, A. **Lira dos Vinte Anos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BARROS, J. D. **A poética do amor cortês e os trovadores medievais** - caracterização, origens e teorias. Belo Horizonte, 2011.

BENEDETTI, M. **Toda Feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BUTLER, J. **Cuerpos que importan**: sobre los limites materiales y discursivos Del “sexo”. Buenos Aires: Anagrama, 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

\_\_\_\_\_. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.  
capitalism. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 1997.

CARDOZO, F. **Parentesco e parentalidades de travestis em Florianópolis/SC**. Monografia de conclusão de curso de Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

CASTEL, R. Rupturas irremediáveis: sobre Tristão e Isolda. In: **Lua Nova**, São Paulo, n. 43, p. 171-188, 1998.

COLLINS, R. **Interaction ritual chains**. Princeton, Princeton University Press, 2004.

CORNEJO, G. La guerra declarada contra el niño afeminado: Una autoetnografía queer. In: **Iconos: Revista de ciencias sociales**, n. 39, p. 79–95, 2011.

CORNEJO, G. Por uma pedagogia queer da amizade. Trad. Juliana Frota da Costa Coelho. In: **Áskesis**, v.4, n.1, 2015. p. 130-142. Disponível em: <http://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/47>.

COSTA, J. F. As práticas amorosas na contemporaneidade. In: **Psychê – Revista de Psicanálise**, Ano III., No 03, São Paulo, 1999.

COSTA, J. F. **Sem fraude, nem favor**: Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro, 1998.

DUBY, G. **Idade Média, idade dos homens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DUQUE, T. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FACIOLI, L. R. R. MÍDIAS DIGITAIS E HORIZONTES DE ASPIRAÇÃO: um estudo sobre a comunicação em rede entre mulheres das classes populares brasileiras. 2017. 231 f. **Tese** (Doutorado) - Curso de Sociologia, Ufscar, São Carlos, 2017.

FAVRET-SAAD, J. “Être Affecté”. In: **Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de l’Anthropologie**, 8. pp. 3-9. 1990.

FISCHER, B. T. D. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. In: **História da Educação** (UFPEl), Pelotas, v. 1, n.1, p. 5-20, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GAIAD, M. G. **A sociologia das emoções em Eva Illouz**: o fenômeno da literatura de auto ajuda. Unesp, 2019

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a Manipulação da Identidade. 4ª ed. Rio de Janeiro : LTC, 2008.

GOMEZ, C. H. **La utopía romántica posmoderna**. Col. v. 3. Madrid-San José: El Rincón de Haika. 2012.

GONÇALVES, M. S. Amores virtuais: uma minoria desejante. *Semiosfera* (UFRJ), Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p. ---, 2002.

\_\_\_\_\_. “Amores virtuais”. In: **LOGOS** - Ano 6 N° 10 1º Semestre/20099.

ILLOUZ, E. **Consuming the romantic utopia**: love and the cultural contradictions of

\_\_\_\_\_. **O amor em tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

\_\_\_\_\_. La liberte organisée de l’amour. In: **Diogène**. 2013/1, n. 241, p. 115 a 120.  
Entrevista concedida a Barbara Carnevali e Emanuele Coccia. 2013

\_\_\_\_\_. **Porque duele el amor?** Una Explicación sociológica. Madrid: Katz Editores, 2012.

JOHNSON, R. A. *We*. **A Chave da Psicologia do Amor Romântico**. Mercuryo; 2ª edição, 2008.

KULICK, D. **Travesti**: prostituição, sexo gênero e cultura no Brasil. 20ª ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 280p.

LÉVY, A. **Ciências Clínicas e Organizações Sociais**. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2001.

LINS, R. N. **A cama na varanda**: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo: novas tendências. Rio de Janeiro: 2009.

LISPECTOR, C. **Perto do coração selvagem**. São Paulo: Rocco, 1998.

LOBO, A. Entre o familiar e o exótico: Compartilhando experiências de campo na Boa Vista. In: FLEISCHER, S.; BONETTI, A. (Org.). **Entre Saias Justa e Jogos de Cintura**: Gênero e Etnografia na Antropologia Brasileira Recente. Florianópolis: EDUNISC, 2007, p. 209-230.

MALINOWSKI, B. **The Sexual Life of Savages**, London: Roudcge, 1929.

MARRE, J. L. **História de Vida e Método Biográfico**. Cadernos de Sociologia, Porto alegre, v. 3, n.º 3, Jan./jul. 1991.

MIGUEL, L. H. **Gerações travestis**: Corpo, subjetividade e geracionalidade entre travestis do interior de São Paulo. 2015

MILLS, W. C. **A imaginação sociológica**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec - Abrasco, 1993.

MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. In: **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, Apr. 2014.

MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

MISKOLCI, R. Estranhos no paraíso: notas sobre os usos de aplicativos de busca de parceiros sexuais em San Francisco. In: **Cad. Pagu** [online]. 2016, n.47.

MONTEIRO, F. P. **Vivências afetivo-sexuais de mulheres travestis e transexuais**. Araraquara, 2020

MOTT, L.; ASSUNÇÃO, A. Gilete na carne : etnografia das automutilações dos travestis da Bahia. In: **Temas IMESC**, Soc. Dir. Saúde, São Paulo, 4(1): 41-56, 1987.

OLIVA D. C.; RIBEIRO, C. **Construindo a pesquisa: métodos, técnicas e práticas em Sociologia**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

PELÚCIO, L. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

\_\_\_\_\_. Desejos, brasilidades e segredos: o negócio do sexo na relação entre clientela espanhola e travestis brasileiras. In: **Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 5, p. 243-266, 2011.

\_\_\_\_\_. É o que tem pra hoje - os limites das categorias classificatórias e as possíveis novas subjetividades travestis. In: COLIING, Leandro. (Org.). **Stonewall 40+ o que no Brasil?**. 1ed.Salvador.: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2011, v. 1, p. 111-136

\_\_\_\_\_. Experiências plurais em categorias singulares: Problematizando a materialização das travestilidades. In: **Fazendo Gênero 8**, 2008.

\_\_\_\_\_. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. In: **Anthropológicas**. Recife, v. 15, n. 8, p.123-154, jan. 2004.

\_\_\_\_\_. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. In: **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 14, n. 2, p. 522-534. 2006.

\_\_\_\_\_. “No salto”: trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem. In: BONETTI, A.; FLEISHER, S. (org.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2007.

PINO, N. P. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. *Cadernos Pagu*. Campinas, v. 28, n. 28, p.149-174, abr. 2007

PIRES, A. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In.: POUPART, J.; DESLAURIES, J-P. **A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 43-94.

PRADO, J. Dos consultórios sentimentais à rede: apoio emocional pelas mídias digitais. 2015. 269f. **Tese** (Tese de Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Carlos, 2015.

PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ROUGEMONT, D. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

RUSSO, G. O Amor e a Modernidade: um passeio pela sociedade. In: **Revista Sociabilidades I**, Vol. II. Salvador, 2003.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012;

SANTO, L. C.E. Tristão: um herói romântico? In: **Aedos** - Revista do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS. Número Especial: I EEEM Encontro Estadual de Estudos Medieval. Volume 2, Número 2, 2009.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. In: **Cad. Pagu** [online]. 2007, n.28, pp.19-54. ISSN 1809-4449.

SHAKESPEARE, W. **Romeu e Julieta**. Trad. Bárbara Heliodora, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SILVA, H. **Travesti: A invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume-dumar, 1993.

SIMMEL, G. **Filosofia do amor**. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

\_\_\_\_\_. Fragmento sobre o Amor. In: **Filosofia do Amor**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

SIQUEIRA, M. S. **Arrasando Horrores!** Uma Etnografia das Memórias, Formas de Sociabilidade e Itinerários Urbanos de Travestis das Antigas. Florianópolis. 2009.

SOUZA, C. A. S. **A solidão da mulher negra** – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008.

TORNQUIST, C. S. “Vicissitudes da subjetividade: auto-controle, auto-exorcismo e liminaridade na antropologia dos movimentos sociais”. In: BONETTI, A.; FLEISHER, S. (orgs.). **Entre saias justas e jogos de cintura**. Florianópolis: Mulheres. pp. 43-74. 2007.

WEBER, M. **Ciência e Política**: duas Vocações. 18ª edição. São Paulo: Cultrix, 2011.